

PE. F. SÁDOC DE ARAÚJO

DICIONÁRIO
BIOGRÁFICO
DE
SACERDOTES
SOBRALENSES

IT
06
5
ex.2
5.253

SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO

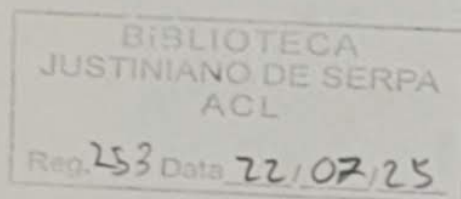
PE. F. SADOC DE ARAÚJO

DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DE SACERDOTES SOBRALENSES

FORTALEZA
SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO
1985

F. SADC DE ARAÚJO
c. 1985

SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO
Av. Presidente Castelo Branco, 255 — Centro
60.000 — Fortaleza - Ceará - Brasil



ACL/T.1
869.906
Coat. 15
A663d
2025-253
242

Impresso no Brasil / Printed in Brazil
Catalogação na Fonte BPGMP.

Araújo, F. Sadoc de, Pe.

A658d Dicionário biográfico de sacerdotes so-
bralenses. Fortaleza, Secretaria de Cultura
e Desporto, 1985.

188 p.

1. Padres — Sobral, CE — Biografias — Di-
cionário.

I. Título.

CDD. 922.28131

DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DE SACERDOTES SOBRALENSES

Secretário de Cultura e Desporto:
JOAQUIM LOBO DE MACEDO (JOARYVAR MACEDO)

Presidente do Banco do Estado do Ceará:
FERNANDO ANTÔNIO DOS SANTOS TERRA

Diretor-Presidente da Imprensa Oficial do Ceará:
CLAUDIO GONZAGA SILVA

A publicação desta obra tornou-se possível graças ao apoio da Secretaria de Cultura e Desporto, Imprensa Oficial do Ceará e Banco do Estado do Ceará. GOVERNO LUIZ DE GONZAGA FONSECA MOTA.

Como a história é construída pela atividade humana, tudo o que ela narra são dados biográficos de alguém.

A

ALFIR BARRETO ARAÚJO

Nasceu na cidade Sobral a 5 de abril de 1918, sendo filho de Francisco das Chagas Araújo e Alzira Barreto Araújo, casados a 31 de julho de 1903. Neto paterno de Domingos Rodrigues de Araújo e Jacinta Menezes Araújo. Neto materno de Aristides de Melo Barreto e Rita Ferreira da Costa Barreto, casados a 18 de janeiro de 1877.

Com pouco mais de dois anos de idade foi batizado na Matriz, conforme se vê do seguinte registro: "Alphir, filho legítimo de Francisco das Chagas Araújo e Alzira Barretto de Araújo, nascido aos cinco de abril de mil novecentos e dezoito, foi pelo Revmo. Padre Linhares solenemente batizado aos vinte e seis de abril de mil novecentos e vinte. Foram padrinhos: Alcebiades Dracon Barreto e Domitila Rodrigues Araújo. E para constar lavrou-se este assento que assigno. O vigário Pe. Eurico de Mello Magalhães". (Liv. Bat. Sé de Sobral, nº 64, p. 8 v).

Fez os estudos primários na cidade natal com os professores Luís Felipe e Ofélia Ibiapina.

Em fevereiro de 1930 matriculou-se no Seminário Menor de Sobral, destacando-se nos estudos. Desde cedo manifestou inclinação para assuntos pedagógicos, matéria de sua predileção e sobre a qual escreveu alguns artigos publicados na revista "Betânia", órgão dos alunos do Seminário. Esta tendência para a Pedagogia, desde tão cedo manifestada, foi posteriormente aperfeiçoada em brilhante curso de graduação realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Em 1937 foi matriculado no Seminário Maior de Fortaleza onde concluiu os cursos de Filosofia e Teologia. Foi ordenado sacerdote, na Catedral de Sobral, a 25 de outubro de 1942, cantando a primeira missa solene no dia seguinte. Passou o ano de 1943 exercendo a função de cooperador da Catedral, auxiliando seu irmão Mons. Domingos Araújo, cura da mesma Igreja. No ano seguinte transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde ainda hoje reside.

Na antiga Capital da República, durante mais de trinta anos, exerceu as funções de Capitão Militar do Exército. Sobre suas atividades ministeriais junto ao Exército Brasileiro bem falam as palavras do Comandante da 1ª Região Militar publicadas no Boletim Interno nº 89, de 15 de maio de 1978: "Afasta-se do convívio da 1ª Região Militar, por haver solicitado transferência para a Reserva, o Capitão Capelão Monsenhor Alfir Barreto Araújo. Incorporado às fileiras do Exército, aos 27 dias de fevereiro de 1947, como Capitão Capelão, foi classificado por Portaria Ministerial para prestar Assistência Religiosa no Colégio Militar do Rio de Janeiro, a 10 de março do mesmo ano. Durante 22 anos serviu àquele colégio, estendendo sua missão às Unidades estabelecidas no antigo prédio da Escola de Estado-Maior e Derby Club. De 4 de dezembro de 1948 a 15 de março de 1949 chefiou o Serviço Religioso das Forças Armadas, por designação ministerial, após o que reverteu à Capelania do Colégio Militar.

Dominando fluentemente o latim, francês e inglês, manteve sempre evoluído e atualizado um cabedal que muito auxiliou o desempenho de suas funções religiosas em nível elevado e altamente capaz. Formou-se em Pedagogia, após cursar 4 anos a PUC, atualizando ainda seus estudos nos seguintes cursos de extensão universitária: Educação para o Amanhã e Atualização Teológica na PUC; Criatividade na UEG e Parapsicologia no Instituto de Psicologia.

Ainda visando ao melhor desempenho de suas atribuições de Capelão junto à juventude, realizou no Peru, Canadá e, duas vezes, nos Estados Unidos, estudos relativos àqueles misteres. Destacou-se ainda no grande esforço dispendido na campanha pró-capela, que culminou com a inauguração daquela obra por todos conhecida e elogiada.

Atuou constantemente junto aos alunos, ouvindo-os, aconselhando-os e auxiliando-os, destacando esta sua conduta quando exerceu, por mais de dois anos, a presidência da OEP.

A 5 de janeiro de 1968 dignou-se o Santo Padre conferir-lhe o título de Monsenhor. Atuou marcadamente em diversas solenidades e eventos, destacando-se a Páscoa dos Militares, em diversas guarnições do País.

A 9 de setembro de 1968 iniciou seus trabalhos de Capelão no CPOR do Rio de Janeiro, mantendo todos os encargos e liames que tanto o dignificaram e realçaram no Colégio Militar. Como elemento da 5ª Seção deste QG, manteve um alto grau de atendimento sempre que dele necessitamos.

O anonimato de sua ação não esconde, de quantos dele se acercaram, a criatura sempre pronta a qualquer sacrifício para amenizar dores e problemas alheios. Deixa o nosso convívio, mas conosco fica a imagem do comunicador amigo, leal e capaz, sempre atuante principalmente no meio jovem, onde, apesar das reações de hoje, mantém e recebe carinho e respeito. Que seja muito feliz e alcance todos seus desejos, são os votos agradecidos do Comando da 1ª Região Militar e de seus companheiros do QG".

Ao ser transferido para a Reserva, foi nomeado Pároco da Matriz de São Domingos de Gusmão, na Tijuca, onde imprime uma orientação moderna e dinâmica de apostolado, organizando assistência social aos pobres, grupos jovens, movimento de casais e catequese infantil.

ANTÔNIO ALVES DE CARVALHO

Nasceu em Sobral a 28 de outubro de 1873, filho do segundo matrimônio de Antônio Alves de Carvalho e Francisca Cândida de Carvalho, casados a 18 de maio de 1864. Seu pai, nascido em Sobral a 18 de janeiro de 1821, era filho de João da Rocha Carvalho e Bernardina Inocência Menezes, e casara em primeiras núpcias com Francisca Romana Nepomuceno. Sua mãe era filha de José Vitorino de Meneses e Maria Sabina do Livramento.

O registro de seu batismo tem o seguinte teor: "Antônio, filho legítimo de Antonio Alves de Carvalho e D. Francisca Cândida de Carvalho, nasceu a vinte e oito de outubro de mil oitocentos e setenta e três e foi batizado solenemente por mim na Capela do Rosário a quatro de janeiro de mil oitocentos e setenta e quatro. Padrinhos: Major Francisco Alves de Carvalho, representado pelo Tenente-Coronel José Antonio Moreira da Rocha, e D. Irene Ermelinda de Lima. E para constar mandei fazer este assento que assigno. O vigário Vicente Jorge de Sousa". (Liv. Bat. Sobral, 1873-1875, fl. 182 v.).

Com menos de cinco anos de idade, Antônio ficou órfão de mãe, falecida a 12 de abril de 1878, e com menos de dez anos, ficou órfão de pai, falecido a 30 de agosto de 1883. Na orfandade ficaram também os irmãos José Gentil, Francisca Cândida e Maria Carmela. José Gentil, o mais velho, teve que assumir a tutoria dos irmãos, casando-se, a 19 de junho de 1886 com Maria Amélia da Frota, filha do Cel. João Evangelista da Frota e Maria Joaquina da Silva. Deste matrimônio provém a família Frota Gentil.

Após o casamento, José Gentil foi residir em Fortaleza, levando consigo os três irmãos menores. Ali, como grande comerciante e banqueiro, granjeou fortuna e construiu o bairro Gentilândia, da Capital cearense. A irmã Francisca Cândida contraiu duas núpcias, sendo a primeira com Cassiano Mendes da Rocha e a segunda, com Raimundo Liberato de Carvalho. A irmã Maria Carmela casou-se com Adolfo Gonçalves de Siqueira, e Antônio foi matriculado no Seminário de Fortaleza em 1888.

Pouco tempo depois, Antônio abandonou os estudos do seminário. A 14 de julho de 1892 casou-se com Teresa Ester de Messias, filha de Manuel Carneiro de Messias e Maria do Patrocínio Soares, e deste matrimônio nasceram os seguintes filhos:

1. João Batista de Carvalho, c. c. Helena Brito de Carvalho.
2. Maria Carmela Mauley, c. c. Harold George Mauley.
3. Clarice de Carvalho Rocha, c. c. Lauro da Rocha Salgado.

4. Liris de Carvalho Salgado, c. c. Clóvis da Rocha Salgado.

Embora bem casado, Antônio nunca se esquecera de sua primitiva vocação sacerdotal, pelo que, tendo enviuvado, resolveu retornar ao Seminário de Fortaleza, trinta e seis anos depois da primeira matrícula. Ali, após dois anos letivos em que estudou Teologia, foi ordenado sacerdote a 12 de março de 1927.

Exerceu o ministério sacerdotal durante onze anos, tendo sido secretário particular do Arcebispo de Fortaleza, capelão de Santa Luzia do Cocó e do Carmelo, vindo a falecer, a 19 de outubro de 1938, na residência de seu genro Harold George Mauley, na Capital.

ANTÔNIO DE CASTRO E SILVA

Nasceu a 21 de dezembro de 1785. Primogênito do Capitão-Comandante Antônio José da Silva Castro e Francisca Domingues da Costa, casados na Serra da Meruoca a 8 de agosto de 1785.

Foi batizado a 17 de janeiro de 1786, conforme se vê do seguinte assento: "Antônio, filho de Antônio José da Silva Castro, natural da Vila de Aracati, e de sua mulher Francisca Domingues da Costa, natural da Freguesia de Nossa Senhora de Nazareth do Bispado de Mariana, e moradores nesta freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Sobral. Neto paterno de José de Castro e Silva, natural da Ilhas, e de sua mulher Ana Clara, natural do Aracati do Jaguaribe, e materno de Antônio da Costa Cordeiro, natural da freguesia de São Martinho de Cordelo, Bispado do Porto, e de sua mulher Úrsula Maria das Virgens, natural do Recife, foi batizado em caso de necessidade pelo Padre Manuel Alvares de Farias Pinto e o dito, de minha licença, lhe pôs os santos óleos aos dezessete de janeiro de mil setecentos e oitenta e seis, do que eu cura João Ribeiro Pessoa mandei fazer este termo, para constar subscrevi e assinei. João Ribeiro Pessoa, cura e vigário da Vila do Sobral". (Liv. Bat. Sobral. 1783-1788, fl. 142 v.).

Como se vê, o texto não traz a data do nascimento, provavelmente para encobrir o fato de Antônio ter sido gerado quase cinco meses antes do casamento religioso de seus genitores, realizado a 8 de agosto de 1785. A omissão do dia do nascimento e a revelação de que o batismo foi ministrado "em caso de necessidade" corroboram esta hipótese. Não tem razão, portanto, o Barão de Studart que, no seu "Dicionário Bio-bibliográfico Cearense", o diz nascido em 1787. No mesmo erro incorreram os demais biógrafos que simplesmente repetem a informação do Barão.

Estudou as primeiras letras com o Pe. Manuel Francisco Rodrigues da Cunha e humanidades com o Pe. Manuel Pacheco Pimentel, ambos professores públicos da então Vila de Sobral.

Enviado por seus pais para Pernambuco com o fim de seguir a carreira eclesiástica, ingressou na Congregação do Oratório da Casa da Madre de Deus do Recife, onde foi ordenado sacerdote em dezembro de 1809. Nessa Congregação recebeu esmerada educação literária como discípulo do famoso Pe. José de Góes, poeta arcádico, de quem assimilou o estilo nos vários sonetos que compôs.

Em junho de 1810 já o encontramos em Sobral visitando as capelas do interior da freguesia em trabalhos pastorais. Em 1812, na ausência do pároco Pe. José Gonçalves de Medeiros, assumiu interinamente a freguesia. Continuou residindo na terra natal até o ano de 1817. A 15 de julho desse ano assinou violento manifesto contra a Revolução de Pernambuco, identificando-se como presbítero secular.

A 31 de agosto de 1817, faleceu seu pai em Aracati.

No ano seguinte, fixou residência em Fortaleza onde granjeou a amizade do Governador Manuel Inácio de Sampaio, de quem se fez capelão. Nesse período, freqüentou assiduamente as célebres reuniões literárias, conhecidas por Oiteiros, realizadas no Palácio do Governador, tendo composto vários sonetos, dos quais o mais conhecido é o seguinte:

"Este obséquio, Senhor, que vos envia
Meu ânimo fiel, curto parece,
Mas quem o pouco que possui oferece,
Se mais tivera, muito mais daria.

Sobre singelas mãos não se avalla
A oferta pelo vulto que aparece;
Que então a aceitação fora interesse,
Vício que nunca em vós haver podia.

Bem sei que de meus versos a humildade
Subir não pode àquele desempenho
A que minha afeição me persuade,

Mas uma salvação convosco tenho:
Saber que a vossa cândida vontade
Mas preza um dom de amor que de alto engenho".

Além de poeta, Pe. Antônio de Castro e Silva cultivou o teatro e a música.

Em 1820, quando o Governador deixou o poder, o sacerdote retornou a Sobral, onde permaneceu mais três anos. Durante os movimentos da Confederação do Equador já o encontramos novamente em Fortaleza, participando de atividades políticas. Foi o confessor de Pessoa Anta na hora do fuzilamento e procurou acompanhar, passo a passo, o drama de sofrimento de seu conterrâneo Padre Mororó, arcabuzado a 30 de abril de 1825.

Perseguido por Niemeyer, foi arbitrariamente preso às 10 horas da noite de 12 de novembro de 1825, mas posteriormente foi defendido pelo próprio Presidente José Félix de Azevedo e Sá, que o chama de "clérigo de toda probridade". Revoltado com a injustiça da prisão, escreveu e publicou, em sua defesa, um opúsculo que intitulou de "Resposta ao Manifesto do Ex-Comandante das Armas do Ceará Conrado Jacó de Niemeyer contra o Padre Antônio de Castro e Silva", Rio de Janeiro, 1828, com 20 páginas seguidas de um apêndice com 35 documentos. É também de sua autoria uma Carta ao Redator do Semanário Constitucional, publicada em 1832 na Tipografia Constitucional de Barbosa.

No governo de seu conterrâneo José Mariano de Albuquerque Cavalcante, que presidiu a Província de 8 de dezembro de 1831 a 26 de novembro de 1833, foi eleito Vereador de Fortaleza, cuja municipalidade regeu, interinamente, de 22 de maio a 3 de junho de 1834.

Sua brilhante carreira no executivo municipal o fez credor da confiança do eleitorado, tendo sido eleito Deputado Provincial no ano de 1835. Foi membro da Assembléia Legislativa durante quatro biênios, destacando-se pela sua cultura e acentuada visão do bem público.

Deixando as atividades políticas em 1850, dedicou-se inteiramente ao ministério sacerdotal pelo resto de sua honrada existência. A 12 de janeiro de 1854, perdeu a mãe, falecida aos 88 anos de idade. Foi capelão do Cemitério de São Casemiro de Coroatá, de 1852 a 23 de julho de 1861, dia em que foi mercidamente aposentado por Lei Provincial. Foi também primeiro Capelão da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, em 1861.

Faleceu santamente em Parangaba, a 13 de julho de 1862, vítima de cólera-morbo, aos 76 anos de idade.

Em 1839, pelos serviços prestados à Igreja, recebera a honraria de Cônego da Catedral de Olinda. Por sua cultura e virtudes, foi figura destacada do clero cearense.

ANTÔNIO FERREIRA DE PAULA

Nasceu em Sobral a 15 de fevereiro de 1849. Foram seus pais o Alferes Manuel Fidélis de Paula e Joaquina Rosa do Carmo, casados a 10 de janeiro de 1847. Neto paterno de Francisco Ferreira de Paula e Antônia Bernardina da Conceição e materno, de João Luís Pereira Brandão e Rosa Joaquina do Carmo.

É o seguinte o teor do assento de batismo: "Antônio, filho legítimo de Manuel Fidélis de Paula e de Joaquina Rosa do Carmo, moradores nesta freguesia do Sobral, nasceu a quinze de fevereiro de mil oitocentos e quarenta e nove e foi batizado solenemente por mim a dezenove de março do mesmo ano. Pa-

drinhos: Miguel Francisco do Monte e Maria Antonia. E para constar fiz este termo que assigno. O vigário colado Francisco Jorge de Sousa". (Liv. Bat. Sobral, 1848-1853, fl. 29).

Juntamente com seu primo José Lourenço da Costa Aguiar, que foi posteriormente o primeiro Bispo do Amazonas, estudou primeiras letras com o Pe. Antônio da Silva Fialho e humanidades, com o conhecido Professor Vicente Ferrelra de Aruda.

Sentindo vocação para o sacerdócio, matriculou-se no Seminário de Fortaleza a 27 de janeiro de 1865, do qual foi aluno fundador. Terminado o curso teológico, foi ordenado sacerdote a 30 de novembro de 1871. Cantou sua primeira missa solene na Matriz de Sobral a 9 de dezembro, sendo assistido por seu primo, Pe. José Lourenço da Costa Aguiar que, na ocasião, pronunciou o sermão de congratulação.

Permaneceu em Sobral com seus genitores até 21 de abril de 1872, quando tomou posse do ofício de coadjutor da freguesia de Itapajé, cargo que exerceu até 16 de novembro, dia em que foi nomeado para reger a paróquia de Pentecoste, antiga Freguesia de N. Sra. da Conceição da Barra. Tomou posse dessa função a 1º de dezembro de 1872, nela permanecendo até 16 de janeiro de 1875.

Findo o mandato de vigário de Pentecoste, retornou a Sobral. Nesse tempo seus pais estavam residindo em Meruoca, pelo que para ali se deslocava em freqüentes viagens com o fim de prestar assistência afetiva aos familiares e assistência espiritual à população da serra.

No início do ano de 1876 esteve em Santana do Acaraú auxiliando o vigário. A 28 de novembro desse ano foi nomeado coadjutor do Ipu, cargo que assumiu a 6 de maio de 1877 e exerceu até 19 de outubro de 1881.

A 22 de outubro de 1883, recebeu permissão para se transferir para Belém do Pará, diocese onde já se encontrava seu primo Pe. José Lourenço da Costa Aguiar. Quando este foi nomeado Bispo do Amazonas, Pe. Ferreira de Paula o acompanhou, assumindo o pesado encargo de reger as freguesias de Manicoré e Lábrea, em dezembro de 1894. Ali dedicou-se à catequese dos indígenas, vindo a falecer de febre amarela.

Dom José Lourenço, pouco tempo antes, o havia agraciado com o título de Cônego.

ANTÔNIO GOMES DE ALBUQUERQUE

Nascido na Fazenda Várzea Redonda a 18 de abril de 1787, era filho do primeiro matrimônio do Capitão Antônio Gomes de Albuquerque com Maria Teresa de Jesus, casados a 21 de julho de 1781. Neto paterno de Caetano Gomes da Silva e Francisca Maria de Vasconcelos, casados a 15 de janeiro de 1742. Neto materno do Alferes João Carneiro da Costa e Teresa de Jesus, casados em 1744.

O sacramento do batismo, que lhe foi ministrado, consta do seguinte registro: "Antônio, filho de Antonio Gomes de Albuquerque e de sua mulher Maria Teresa de Jesus, naturais e moradores desta freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Vila de Sobral, nasceu a dezoito de abril de mil setecentos e oitenta e sete e foi batizado com os santos oleos a sete de maio do dito ano na Fazenda Tapera desta freguesia pelo Reverendo Miguel Lopes Madeira Uchoa. Foram padrinhos Manuel Carneiro da Costa e sua mulher Rosa Maria da Conceição, moradores nesta freguesia, de que para constar mandou o Reverendo Doutor Visitador fazer este termo em que assinou. Bernardino Vieira Lemos, Visitador". (Liv. Bat. Sobral, 1783-1788, fl. 211 v.).

Estudou em Sobral com o Pe. Manuel Francisco Rodrigues da Cunha. Matriculado no Seminário de Olinda, foi ordenado sacerdote em 1810, tendo falecido poucos dias depois antes de retornar à terra natal.

Seu pai, nascido em 1753, quando solteiro assassinou a tiro de espingarda o seu vizinho José Vieira de Melo, natural de Açú, Rio Grande do Norte, tendo estado foragido por algum tempo. Julgado à revelia, retornou a Sobral, onde cumpriu a pena que a justiça lhe impôs. Com o falecimento da primeira mulher, mãe do sacerdote, ocorrido a 1º de agosto de 1812, o Capitão casou-se, outra vez, com Maria Joaquina da Conceição, filha de Anselmo de Araújo Costa e Francisca Xavier, a

29 de março de 1814, sem sucessão. Finalmente, veio a falecer, hidrópico, a 26 de fevereiro de 1816.

O Pe. Antônio Gomes de Albuquerque teve os seguintes irmãos:

1. Ten. José Gomes de Albuquerque, c.c. Rosa Maria Vasconcelos.
2. Maria Joaquina, c.c. Manuel Ferreira da Rocha.
3. Rita Teresa, c.c. João José Ferreira.

ANTÔNIO DE LIRA PESSOA DE MARIA

Nasceu a 15 de janeiro de 1850. Filho de João de Lira Pessoa e Francisca Marcolina do Carmo, casados a 7 de janeiro de 1846. Neto paterno de Diogo Lopes do Coração de Maria Aguiar e Francisca Xavier de Lira Pessoa, casados em 1820. Neto materno de Antônio Rodrigues de Lima Leonissa e Maria do Livramento, casados a 4 de novembro de 1830.

Estudou as primeiras letras em Sobral, com o professor Emiliano Frederico de Andrade Pessoa e o curso preparatório com o Padre Antônio da Silva Fialho.

Seu pai faleceu a 8 de novembro de 1867, com 45 anos de idade. Sua mãe teve que sozinha assumir a responsabilidade de educar os nove filhos que ficaram na orfandade de pai.

A 7 de março de 1869, Antônio foi matriculado no Seminário de Fortaleza, onde se distinguiu como cantor, mercê da bela voz de soprano que possuía.

Foi ordenado sacerdote a 30 de novembro de 1875 em Fortaleza, tendo celebrado a primeira missa solene na Matriz de Sobral a 15 de dezembro do mesmo ano.

Durante o ano letivo de 1876 foi professor do Seminário de Fortaleza e, no ano seguinte, foi nomeado Capelão de Timbaúba, freguesia de São Bento de Amontada, onde prestou assistência, com grande abnegação, aos flagelados da seca de 1877.

A 3 de junho de 1878 embarcou para o Pará, a convite de Dom Antônio de Macedo Costa, assumindo a capelania da Co-

lônia de Nossa Senhora do Carmo de Benevides, onde esteve durante três anos. Em 1881 é nomeado vigário cooperador da Catedral de Belém, função que exerceu por seis meses. No ano seguinte, transferiu-se para o Bispado do Maranhão, sendo nomeado por Dom Antônio Cândido de Alvarenga para reger a freguesia de Brejo dos Anapurus, cargo que assumiu a 12 de março de 1882 e no qual permaneceu até 31 de dezembro de 1894. Durante doze anos desenvolveu ali um apostolado dos mais meritórios, reconstruindo totalmente a Matriz com uma bonita capela-mor de pedra. Deixando a freguesia de Brejo, assumiu a de Santana do Buriti de Inácia Vaz, da qual organizou o patrimônio, construiu nova Matriz e estruturou a catequese. Por motivo de saúde, pediu demissão a 7 de setembro de 1897, viajando para o Rio de Janeiro, onde aportou a 10 de novembro do mesmo ano.

Em agosto de 1890, quando era vigário de Brejo, fez viagem a Sobral, onde pronunciou algumas conferências sobre o Casamento Civil, a Separação da Igreja do Estado e a organização de um Partido Católico, tendo em vista o regime implantado com a recente Proclamação da República. Nessas preleções atacou veementemente o governo republicano e procurou defender os direitos da Igreja. Suas violentas denúncias irritaram os vereadores da Câmara Municipal que, em sessão de 16 de novembro, deliberaram comunicar o fato ao Governador do Ceará. Este, então, enviou ordem de prisão do sacerdote, medida que não foi executada por interferência de amigos.

No Rio de Janeiro exerceu o magistério no Seminário e no Colégio Pio-Americano do conhecido Padre Lobato. Em 1899 foi nomeado capelão de Andaraí Grande. Prestou ainda serviços religiosos na capela particular do Dr. Antônio Felício dos Santos, de quem se fez muito amigo, e na Capela de Nossa Senhora Aparecida do Riachuelo.

Após dez anos de apostolado no Rio de Janeiro, resolveu retornar à cidade natal, embarcando de volta a Sobral a 6 de junho de 1908, onde passou o restante de sua existência.

Em Sobral foi capelão da igreja do Rosário e do Patrocínio. Criada a Diocese de Sobral a 10 de novembro de 1915,

muito trabalhou para a recepção do novo Bispo. Foi confessor e conselheiro de Dom José Tupinambá da Fresta.

Sacerdote zeloso, deixou-se dominar por sentimentos de escrúpulo e crises de hipocondria, sendo muito exigente consigo mesmo no cumprimento de seus deveres. Celebrava a missa com muito vagar e rezava o breviário soletrando as palavras com medo de omiti-las. Contam-se muitas histórias sobre seus sintomas de escrupulosidade e hipocondria durante os últimos anos de vida. Certa vez, em visita de cortesia à residência de respeitável dama da cidade que gentilmente lhe pedira o chapéu para guardar, respondeu abruptamente: "Não, minha senhora. Eu não sei por onde a senhora andou com estas suas mãos..." Era o temor de micróbios que sempre lhe pareciam ameaçar a saúde.

Faleceu santamente em Sobral a 19 de dezembro de 1928, sendo sepultado na Matriz do Patrocínio.

Era irmão do Cônego João de Lira Pessoa de Maria.

ANTÔNIO LOPES DE ARAÚJO

Veio ao mundo, na cidade de Sobral, no dia 28 de março de 1855. Foram seus genitores, José Lopes de Araújo e Úrsula Francisca das Chagas, casados a 23 de junho de 1854. Neto, pelo lado paterno, de Alexandre Henriques de Araújo e Zeferina Januária do Nascimento, casados a 15 de março de 1820. Neto, pelo lado materno, de Antônio Lopes Freire e Mariana Francisca Cavalcante, casados em 1820.

Seu pai nasceu a 13 de maio de 1824 e faleceu a 16 de maio de 1924, três dias após ter comemorado cem anos de existência. A avó paterna faleceu em Santana do Acaraú e a avó materna, em Sobral, ambas com 101 anos de idade.

Eis o termo de seu batismo: "Antônio, filho legítimo de José Lopes de Araújo e Úrsula Francisca das Chagas, desta freguesia, nasceu a vinte e oito de março de mil oitocentos e cinquenta e cinco, foi batizado solenemente nesta Matriz pelo Padre Antônio da Silva Fialho a doze de maio do dito ano. Padrinhos José Bernardino Ferreira Gomes e Maria Francisca

Cavalcante por seus procuradores José Ciriaco Ximenes Aragão e D. Ana Maria da Conceição. Para constar mandei fazer este termo que assino. O vigário colado Francisco Jorge de Sousa". (Liv. Bat. Sobral, 1852-1862, fl. 119 v.).

Estudou na escola do Pe. Antônio da Silva Fialho, que o preparou para admissão no seminário. Em 1872 foi matriculado no Seminário de Fortaleza, onde concluiu, com brilhantismo, o curso preparatório e os estudos de Teologia. Ordenado sacerdote a 30 de novembro de 1879, celebrou a primeira missa solene, na Matriz de Sobral, no dia 8 de dezembro.

Sua inclinação para o estudo proporcionou-lhe a escolha para lecionar no Seminário de Fortaleza, onde exerceu o magistério durante os anos letivos de 1880 a 1885. No ano seguinte assumiu a direção do Colégio São Luís, em Fortaleza, educandário de grande renome que sucedeu ao "Instituto de Humanidades", fundado pelos padres Bruno Figueiredo e Cruz Saldanha.

No dia 15 de maio de 1888, esteve em Sobral, quando pronunciou brilhante discurso no "Recreio Sobralense", festejando a Lei Aurea que libertou os escravos no Brasil.

A 21 de junho de 1889 obteve Carta Comendatícia para se transferir para o Rio de Janeiro, onde durante dez anos se dedicou ao magistério.

Após a longa experiência de vinte anos no exercício de professor, resolveu entregar-se às atividades pastorais assumindo a administração da recém-criada Freguesia da Luz, na cidade do Rio de Janeiro, onde esteve de 1901 a 1904. Nesse ano foi removido para a Paróquia de Santana, onde permaneceu como vigário até o dia de seu falecimento, 7 de fevereiro de 1932.

Reconstruiu e decorou toda a Matriz de Santana, construindo um suntuoso altar-mor, uma dos mais belos da antiga Capital da República.

Como reconhecimento de seus trabalhos, recebeu o título de Monsenhor Camareiro Secreto a 28 de fevereiro de 1906 e o de Prelado Doméstico, a 5 de julho de 1911. Era irmão do Cônego José Alfeu Lopes de Araújo.

ANTÔNIO MANUEL DINIZ PEREIRA

Nasceu a 22 de novembro de 1816. O Livro de Matrículas do Seminário de Olinda referente ao ano de 1836, afirma "ser natural de Sobral e filho de pai incógnito". Com poucos dias de nascido foi exposto na casa do Pe. Manuel Simões Diniz Pereira, sacerdote secular que foi cooperador do vigário de Sobral durante mais de 25 anos, já que seu nome aparece nos livros de assentos eclesiásticos de Sobral desde 1805 até 1831, ano em que assumiu a paróquia de Santa Quitéria. Padre Manuel Simões o acolheu como filho adotivo, acrescentou-lhe ao nome seu sobrenome e o encaminhou para o sacerdócio.

No Seminário de Olinda, onde foi colega do Senador Pompeu, fez os estudos humanísticos de 1836 a 1838 e o curso de Teologia de 1839 a 1841, ano em que foi ordenado sacerdote.

Foi companheiro de estudos do Senador Pompeu desde a escola primária, em Sobral, como discípulos do Professor Gregório Francisco Torres e Vasconcelos. A 20 de julho de 1836, ambos fizeram petição à Câmara Municipal de um atestado de pobreza e conduta regular, no que foram prontamente atendidos. Com esse documento dirigiram-se ao Seminário de Olinda, onde foram matriculados com ajuda financeira da loteria, nome que então se dava à obra das vocações sacerdotais.

Ordenado sacerdote em dezembro de 1841, veio celebrar a primeira missa solene na Capela da Meruoca em janeiro de 1842.

A partir dessa data residiu em Sobral até ser nomeado coadjutor da freguesia de Granja, onde esteve durante o ano de 1844. Ali dedicou-se também ao magistério, como professor de Latim.

Em março de 1845 transferiu-se para a Diocese de Belém do Pará, tendo sido nomeado vigário de Salinas por nomeação de Dom José Afonso Torres. Nessa paróquia desenvolveu um apostolado dos mais ativos, principalmente no setor da educação. Criou uma escola particular para crianças pobres e foi responsável pela fundação do primeiro estabelecimento de ensino público de Salinas. Durante cinquenta anos ininterruptos

tos serviu à Igreja nessa humilde freguesia paraense, onde ainda hoje é lembrado. Foi jubilado como professor público em fevereiro de 1889.

No mês de julho de 1897 foi acometido de congestão cerebral e, por isso, transportado para um hospital de Belém do Pará, onde veio a falecer a 18 de abril de 1898, com 82 anos de idade. Seu corpo está sepultado no Cemitério de Santa Isabel daquela capital.

ANTÔNIO DA SILVA FIALHO

Grande figura de educador, nasceu em Sobral a 24 de maio de 1811. Foram seus genitores o português Luiz da Silva Fialho e Inês Maria de Jesus, casados em Sobral a 17 de setembro de 1789.

O texto do registro de batismo traz detalhadamente a naturalidade de seus avós: "Antônio, filho legítimo de Luís da Silva Fialho e Ignês Maria de Jesus, neto paterno de Antônio da Silva Fialho natural da Vila de Fruquel e de Maria Josefa natural da Vila de Santa Catarina Couto de Alcobaça, Patriarcado de Lisboa de onde é também natural o pai, neto materno de Antonio Alves de Sá natural de Cedofeita do Bispado do Porto e Isabel de Barros natural desta vila de Sobral, nasceu aos vinte e quatro de maio de mil oitocentos e onze e aos trinta e hum do mesmo mês e ano foi batizado, de minha licença, nesta Matriz pelo Padre Francisco Gonçalves Ferreira Magalhães e logo ungiu com os santos óleos. Foram padrinhos Joaquim Gonçalves Bastos e sua mulher Úrsula Maria das Virgens, todos desta freguesia, e para constar mandei fazer este termo em que me assigno, dia e era ut supra. José Gonçalves de Medeiros, vigário de Sobral". (Liv. Bat. Sobral, 1810-1812 fl. 43).

Na cidade natal estudou as primeiras letras com o professor Antônio Joaquim de Moura e humanidades com o professor Gregório Francisco Torres e Vasconcelos.

Sentindo vocação para o sacerdócio, aos 22 anos de idade foi enviado ao Seminário de Olinda, onde se matriculou

no dia primeiro de setembro de 1833. Ali fez brilhante curso de Teologia, conforme eu pessoalmente pude constatar examinando os livros de notas daquele estabelecimento eclesiástico, hoje arquivados no Instituto de Teologia do Recife.

Ordenou-se sacerdote, em Olinda, na quaresma do ano de 1836. Em junho desse ano, seu nome já aparece nos livros de assentos paroquiais de Sobral na administração dos sacramentos.

Homem de vasta cultura humanística, profundo conhecedor de Latim, muito entendido em assuntos de medicina e estudioso da História da Civilização, prestou imensos benefícios à cidade de Sobral, quer no magistério, quer na assistência aos enfermos. Durante um longo período em que não havia médico em Sobral, era ele quem, com muito desvelo, tratava dos doentes. Em sua própria residência montou uma botica, onde preparava e vendia medicamentos. Em casos de epidemia, se desdobrava no esforço de prestar assistência aos enfermos.

Logo que chegou a Sobral, a Câmara Municipal, conhecedora de sua capacidade intelectual, solicitou ao Governo da Província para nomeá-lo professor público, no que foi atendida prontamente, uma vez que a provisão de nomeação está datada de 9 de agosto de 1836. No dia 17 do mesmo mês, tomou posse do cargo perante os vereadores, em solene sessão.

Transferido a 8 de fevereiro de 1839, para assumir a cadeira de Latim do Ico, não aceitou a mudança, permanecendo na cidade natal, de onde nunca se afastou depois de sacerdote.

Há na vida do Padre Fialho um fato curioso para os estudiosos da genealogia da cidade. É que ele gostava de modificar o nome de seus alunos com o intuito de homenagear os grandes vultos da História e da Literatura de seu tempo. Estes nomes foram adotados como sobrenomes de famílias, hoje numerosas, algumas delas das mais expressivas da sociedade cearense. Citando de memória, podemos lembrar os seguintes alunos que tiveram nomes modificados:

Antônio Rodrigues de Aguiar passou a Antônio Mont'Alverne;

Miguel da Frota Ponte, a Miguel Cialdini;

Manuel Lima da Rocha, a Manuel Vergniaud;
Miguel da Frota Vasconcelos, a Miguel Genuense;
José Severiano Vasconcelos, a José Severiano Morel;
Luís Januário Nogueira, a Luís Januário Lamartine;
João Augusto Maravalho, a João Scaligero;

Raimundo da Costa Gondim, a Raimundo Donizetti, etc.

Hoje são muitos milhares os sobralenses que se assinam Mont'Alverne, Donizetti, Cialdini, Vergniaud, Morel, nomes familiares que nasceram das aulas do ilustrado mestre.

No ano de 1853, Padre Fialho deu início à construção de uma capela, em honra de Santo Antônio, seu homônimo, em frente à sua residência, na rua que hoje tem o seu nome. A capela foi benta e inaugurada a 4 de junho de 1855, dia em que teve início o solene novenário da festa daquele Santo, celebrada a 13 de junho.

Aposentado a 21 de agosto de 1863, Padre Fialho levou o restante de sua vida a auxiliar os vigários nos trabalhos pastorais, demonstrando grande zelo apostólico. Em 1873 foi nomeado cooperador da freguesia de Sobral, cargo que cedeu generosamente ao Pe. João José de Castro, sobralense recém-ordenado.

Não gozando de boa saúde, acometido de muitos achaques, passou os últimos dias de sua vida recolhido em sua residência, onde era muito visitado pelos inúmeros admiradores e amigos.

Em 1880 seu estado de saúde se agravou. Não podendo se alimentar normalmente, suas forças foram definhando progressivamente, vindo a falecer de caquexia no dia 29 de janeiro de 1881. Seu corpo foi sepultado no chão da capela de Santo Antônio, que ele construiu no centro da cidade de Sobral.

ANTÔNIO DE SOUSA NEVES

Nasceu em Sobral a 12 de março de 1819, filho de Ricardo de Sousa Neves e Margarida Ximenes Aragão, casados a 11 de janeiro de 1816. Neto paterno de Inácia Teodora do Sacramento e materno de Manuel Ximenes Aragão e Antônia Maria da Páscoa.

Eis a seguir o registro de seu batismo: "Antônio, filho legítimo de Ricardo de Sousa Neves e Margarida Ximenes Aragão, naturais desta freguesia, nasceu a doze de março de mil, oitocentos e dezenove e foi batizado, debaixo de condição, aos onze de abril de mil oitocentos e dezenove por mim que logo administrei os santos óleos. Foram padrinhos o Cap. Diogo Gomes Parente e Rosa Mariana da Concelção, naturais desta freguesia, e para constar fiz este assento que assignei. O vigário José Gonçalves de Medeiros". (Liv. Bat. Sobral, 1812-1820, fl. 186).

Fez os primeiros estudos com o professor Gregório Francisco Torres de Vasconcelos.

Recebeu a ordenação sacerdotal a 29 de maio de 1842 e cantou primeira missa na Matriz de Sobral a 13 de junho do mesmo ano. Exerceu o primeiro ministério sacerdotal como coadjutor da freguesia do Ipu, cargo que abandonou em 1845 por ter se desentendido com o vigário colado Padre Francisco Correia de Carvalho e Silva. Retornou, então, a Sobral, onde entregou-se ao magistério, enquanto aguardava nova nomeação.

A 31 de março de 1847 foi provisionado como coadjutor na freguesia de Santa Quitéria, função da qual tomou posse a 11 de abril. No ano seguinte, por Provisão de 2 de abril, é nomeado Vigário dessa mesma paróquia, cargo que exerceu até o ano de 1851, quando foi substituído pelo vigário colado Pe. Francisco Manuel Lima de Albuquerque. Nesse tempo construiu a Capela de Santana da Barra do Macaco, hoje Macaraú, sede da vila da qual foi o fundador. Essa capela foi benta e inaugurada pelo Visitador Padre Antônio Pinto de Mendonça a 23 de agosto de 1849.

Em 1852 fixou residência em Sobral novamente e reabriu sua escola. No quadriênio 1854-1857 ocupou uma cadeira de vereador da Câmara Municipal, tomando parte ativa na política local.

Eleito Deputado Provincial em 1858, teve destacada atuação na Assembléia Legislativa do Ceará durante três biênios. No ano de 1861 muito trabalhou para conseguir liberar verba para a construção do Cemitério Público de Sobral, onde gras-

sava pestilenta epidemia atribuída à inumação dos cadáveres no chão das igrejas.

Terminado o seu terceiro mandato de Deputado no ano de 1863, resolveu retornar ao sertão, indo morar pobremente na povoação de Macaraú, onde passou o restante de sua vida.

A 28 de maio de 1873, veio a Sobral para celebrar as exéquias do sepultamento de seu pai, falecido aos 81 anos de idade.

Internando-se novamente no sertão, faleceu a 27 de novembro de 1878 em Macaraú, sendo sepultado na capelinha de Santana, que com tanto amor construía. Padre Neves era irmão de Franklin de Sousa Neves, que foi sacristão da Matriz de Sobral durante muitos anos.

B

BERNARDINO DE OLIVEIRA MEMÓRIA

Nasceu em Sobral a 12 de dezembro de 1832, filho do segundo matrimônio do português Antônio José Memória com Angélica Francisca de Oliveira, realizado a 7 de janeiro de 1830.

Foi batizado na Matriz de Sobral, conforme se vê da seguinte transcrição: "Bernardino, filho legítimo de Antônio José Memória e de sua mulher Angélica Francisca de Oliveira, desta freguesia, nasceu aos doze de dezembro de mil oitocentos e trinta e dois e foi batizado aos dezessete de março de mil oitocentos e trinta e três, nesta Matriz, por mim vigário. Padrinhos José de Xerez Fuma Uchoa e Gonçalo José de Andrade pela procuração que apresentou de Dona Ana Francisca Figueira de Melo, e para constar mandei fazer este assento que assinei. O vigário José Gonçalves de Medeiros". (Liv. Bat. Sobral, 1832-1835, fl. 12 v.).

Seu pai era um ourives português, e também rábula, que vendia jóias que o povo vulgarmente chamava de "memória", nome que lhe foi imposto como apelido e por ele acolhido como sobrenome e contraiu três matrimônios, deixando grande descendência, que constitui a família Memória.

Bernardino ficou órfão de mãe aos nove anos de idade, tendo seu pai casado, pela terceira vez, a 25 de agosto de 1842, com Ana Joaquina Chaves. Estudou humanidades com o Pe. Antônio da Silva Flalho, que o preparou para ingressar no Seminário. Matriculou-se no curso de teologia do Seminário de

Olinda em 1854. Recebeu o Diaconato a 27 de novembro de 1855 e o Presbiterato, a 23 de novembro de 1856. Cantou primeira missa solene na Matriz de Sobral, a 8 de dezembro do mesmo ano.

De 1857 a 1859 serviu à freguesia de Sobral como coadjutor, dando assistência a seu pai enfermo que, finalmente, veio a falecer a 11 de setembro de 1859.

Nomeado cooperador da freguesia da Barra do Acaraú a 20 de abril de 1860, tomou posse a 29, ali permanecendo por dois anos. Em 1862 assumiu interinamente a capelania de Santana da Barra do Macaco, hoje Macaraú, freqüentando-a durante as ausências do Pe. Antônio de Sousa Neves, que tomava assento em uma das cadeiras da Assembléia Provincial.

Pe. Bernardino inaugurou e foi sucessivamente primeiro vigário de três paróquias recém-criadas: Aracatiaçu, Pacatuba e Guaraciaba do Norte.

Tomou posse da nova freguesia de Santo Antônio de Aracatiaçu a 18 de dezembro de 1863, ali permanecendo até 26 de janeiro de 1870. Nesse tempo construiu a Capela do Juá, hoje no município de Irauçuba.

A 1º de fevereiro de 1870 foi nomeado para reger a nova freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Pacatuba, função que exerceu dignamente até 19 de junho de 1888. Durante esse tempo foi eleito Deputado Provincial, desempenhando mandato no biênio 1882-1883, quando muito defendeu a necessidade de criação de novas escolas e o aprimoramento da instrução pública.

A 19 de junho de 1888 foi transferido para a nova freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres de Campo Grande, hoje Guaraciaba do Norte, tomando posse a 15 de julho do mesmo ano. Ali desenvolveu um apostolado dos mais dignificantes, permanecendo até o dia de sua morte, ocorrida a 26 de agosto de 1897.

É tio de Frei Kerginaldo Memória.

D

DIOGO JOSÉ DE SOUSA LIMA

Nasceu em Sobral a 7 de junho de 1829, filho do Capitão José Rodrigues Lima e Úrsula Balbina de Sousa Lima, casados a 16 de agosto de 1828. Seus avós paternos, João Rodrigues Lima e Josefa de Vasconcelos, casaram-se a 25 de novembro de 1800 e seus avós maternos, Diogo José de Sousa e Constança Maria do Carmo, casaram-se a 27 de maio de 1813.

A seguir vai transcrito o termo de seu batismo: "Diogo, filho legítimo de José Rodrigues Lima e Úrsula Balbina de Sousa, naturais desta freguesia de N. Sra. da Conceição de Sobral, nasceu aos sete de junho de mil oitocentos e vinte e nove e foi batizado solenemente com os santos óleos na Capela do Rosário, filial desta Matriz, aos dezoito do dito mês e ano pelo Padre Miguel Francisco Mendes de Vasconcelos, de minha licença. Foram padrinhos o Capitão Diogo José de Sousa e Dona Josefa Joaquina da Conceição, de que para constar mandei fazer este assento em que assinei pelo meu serventuário João Crisóstomo de Oliveira Freire. O vigário José Gonçalves de Medeiros". (Liv. Bat. Sobral, 1824-1830, fl. 241 v.).

De ilustre família, tinha quatro irmãos formados em Direito na tradicional Faculdade do Recife, Dr. Antônio Plutarco, Dr. Francisco Pothier, Dr. José Austregésilo e Dr. Miguel Leopoldo Rodrigues Lima. Era tio materno de D. José Tupinambá da Frota. Matriculou-se em 1950 no Seminário de Olinda, tendo se ordenado sacerdote a 4 de julho de 1852. A 15 de agosto do mesmo ano cantou a primeira missa na Matriz de Santana do Acaraú.

Em 1853 foi nomeado vigário cooperador do Ico, cargo que exerceu até 19 de outubro de 1856. Em novembro desse

ano, viajou para Pernambuco com o fim de se submeter a concurso para uma freguesia vaga. Foi aprovado com brilhantismo a 1º de dezembro de 1856, tendo sido nomeado vigário colado de Saboeiro por Carta Imperial de 28 de janeiro de 1857, tomando posse a 23 de fevereiro. Seu maior trabalho em Saboeiro foi reconstruir a Matriz de N. Srª da Purificação. Interrompeu seu paroquato por duas vezes. A primeira, durante os períodos de sessão da Assembléia Legislativa no biênio 1860-1861 quando foi Deputado Provincial. A segunda, de abril a dezembro de 1867, quando exerceu as funções de Secretário do Bispado do Ceará. Sentindo-se na obrigação de prestar auxílio à sua mãe, renunciou a freguesia de Saboeiro em 1869, tendo fixado residência em Sobral. Em 1871 iniciou os trabalhos de construção da capela de N. Srª dos Remédios, hoje Tuína, tendo ali aberto uma escola para meninos.

Durante 9 anos trabalhou em Sobral como sacerdote avulso, substituindo interinamente os vigários de Santana do Acaraú e Palma (Coreaú) durante a ausência destes. Por carta de 18 de abril de 1872, Dom Luís Antônio dos Santos o convidou para aceitar uma paróquia em Fortaleza, oferta que não foi aceita sob alegativa de necessitar estar em Sobral para dar assistência aos seus familiares.

Nomeado, a seu pedido, vigário de Meruoca a 4 de fevereiro de 1880, tomou posse a 29 do mesmo mês e ano. Em julho de 1883 iniciou a construção da capela de Santa Úrsula de Massapê em terreno doado por sua mãe.

No biênio 1884-1885 foi Deputado Provincial, tendo sido eleito Vice-Presidente da Assembléia, então sob a presidência do Pe. Antero José de Lima. Nesse biênio havia 10 sacerdotes exercendo mandato de Deputado, entre os quais os seus amigos Pe. Francisco Xavier Nogueira e Pe. Francisco Teófilo de Vasconcelos, vigário colado e cooperador de Santana do Acaraú, respectivamente. Na qualidade de Presidente da "Comissão de Estatística e Divisão Civil, Judiciária e Eclesiástica", Pe. Diogo foi autor do projeto de criação da cidade de Palma (hoje Coreaú), tendo apresentado referido projeto na sessão de 14 de agosto de 1884, e autor do projeto de criação do município de Meruoca, confirmada pela Lei nº 2.090, de 13

de novembro de 1885. A vila de Meruoca foi instalada a 24 de janeiro de 1887.

A 16 de junho de 1885 recebeu o Bispo Dom Joaquim José Vieira em sua paróquia, durante a 1ª Visita Pastoral, tendo sido elogiado pelo trabalho admirável que fazia em prol da catequese. Dom Joaquim crismou 2.351 pessoas em Meruoca, sendo 1.349 do sexo feminino e 1.002 do sexo masculino. A ata da visita foi escrita pelo Pe. Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo.

Em 1887 reconstruiu a Capela do Coração de Maria no sítio Capim, hoje Floresta.

Durante o seu paroquato de 17 anos em Meruoca fez profundas reformas na Matriz, forrando o teto de madeira, dando-lhe novo pavimento, construindo as tribunas e abrindo arcos no corpo do templo.

A 3 de maio de 1897 foi nomeado vigário de Sobral, cargo que exerceu até 10 de fevereiro de 1908, quando foi nomeado para seu sucessor o seu sobrinho Pe. José Tupinambá da Frota. Mons. Diogo faleceu a 30 de julho de 1909.

A 4 de julho de 1902, dia do cinquentenário de sua ordenação sacerdotal, tinha sido agraciado com o título de Monsenhor, Camareiro Secreto de Sua Santidade o Papa Leão XIII.

Mons. Diogo era apreçado orador sacro e possuía vasta cultura humanística.

DOMINGOS DE PAIVA DIAS

Nasceu na Fazenda Marrecas, município de Sobral, a 7 de janeiro de 1783. Era filho do português Domingos de Paiva Dias e de Maria de Oliveira. A naturalidade de seus ascendentes mais próximos está detalhada no termo de batismo que passo a transcrever: "Domingos, filho legítimo de Domingos de Paiva Dias, natural de Valongo, Bispado do Porto, e de sua mulher Maria de Oliveira, natural do Pajaú, e moradores nesta freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Vila de Sobral, neto paterno de Manuel de Paiva e de sua mulher Maria Dias, naturais de Valongo, e materno de Sebastião Paes, de Santo Antônio, e de sua mulher Maria dos Prazeres, da Luz, nasceu a

sete de janeiro de mil setecentos e oitenta e três e foi batizado com santos óleos a quatro de junho do mesmo ano na Fazenda das Marrecas desta freguesia pelo Padre Frei José de Santa Eufrosina, carmelita, de minha licença. Foram padrinhos Lourenço Paes e sua mulher Maria dos Prazeres, moradores nesta freguesia, do que para constar fiz este termo e assinei. João Ribeiro Pessoa, cura e vigário da Vila de Sobral". (Liv. Bat. Sobral, 1783-1788, fl. 12 v.).

Foi aluno do Pe. Manuel Francisco Rodrigues da Cunha, que o preparou para a carreira eclesiástica.

Matriculado no Seminário de Olinda em 1804, foi ordenado sacerdote no ano de 1807.

Não gozando de boa saúde, fixou residência em Sobral em uma casa muito pobre situada atrás da Matriz, onde celebrava missa e ajudava o vigário no atendimento a confissões. Faleceu, em estado de penúria, ainda no verdor dos anos.

DOMINGOS RODRIGUES ARAÚJO

Nasceu a 13 de julho de 1907. Filho de Francisco das Chagas Araújo e Alzira Barreto Araújo, casados a 31 de julho de 1903. Neto paterno de Domingos Rodrigues Araújo e Jacinta Meneses Araújo. Neto materno de Aristides Barreto e Rita Ferreira da Costa Barreto.

Seu batismo foi registrado nos seguintes termos: "Domingos, filho legítimo de Francisco das Chagas Araújo e Alzira Barreto Araújo, nasceu a treze de julho de mil novecentos e sete e foi por mim solenemente batizado na Igreja Matriz a quinze de outubro de mil novecentos e oito. Padrinhos: Dr. Epaminondas Thebano Barreto e D. Joaquina Viriato Figueira de Saboia. Para constar fiz este assento que assigno. O vigário Padre Dr. José Tupynambá da Frota". (Liv. Bat. Sobral — Sé nº 55, fl. 141).

Estudou as primeiras letras, sucessivamente, com os professores Lucila Frota Mendes, Antônio Gondim, Mons. Fortunato Linhares e Luís Felipe.

Em 1924 seguiu para Fortaleza, matriculando-se no Liceu do Ceará. Sentindo vocação para o sacerdócio, foi admitido

no Seminário daquela Capital a 22 de setembro de 1925. Depois de ter concluído os cursos de Preparatório, Filosofia e Teologia, veio receber a ordenação sacerdotal, em Sobral, das mãos de Dom José Tupinambá da Frota, a 15 de abril de 1933. No restante desse ano e durante todo o ano seguinte exerceu o magistério no Seminário Menor de Sobral.

Homem vocacionado para o pastoreio das almas, foi nomeado Cura da Catedral a 7 de fevereiro de 1935, tomando posse no dia seguinte. No exercício exemplar de seus deveres de pároco, durante mais de quarenta anos, integrou-se de tal modo no seu ofício que se identificou com a Igreja da Sé de Sobral. Criou várias associações religiosas de caráter social como o "Círculo Católico", "Juventude Operária", "Patronato Nossa Senhora das Dores", instituições que tiveram os seus dias áureos. Construiu e remodelou várias capelas no interior do território da paróquia. No ano de 1975 começou a sofrer de distúrbios circulatórios, mas mesmo assim não diminuiu seu ardor e zelo pastorais. Dizia que gostaria de morrer no altar, de pé, em pleno exercício do cargo. Faleceu a 20 de julho de 1976, sendo sepultado no chão da Catedral a que tanto serviu.

Em reconhecimento de seus trabalhos foi agraciado com título de Cônego e, posteriormente, de Monsenhor Camareiro Secreto da Santa Sé.

É irmão do Mons. Alfir Barreto Araújo.

DOMINGOS RODRIGUES DE VASCONCELOS

Nasceu em Aracatiaçu, município de Sobral, a 6 de julho de 1901, conforme registra o seguinte termo de batismo: "Domingos, filho legítimo de Manuel Rodrigues de Vasconcelos e Maria da Conceição de Vasconcelos, nasceu a seis de julho de mil novecentos e um e foi batizado solenemente por mim nesta Matriz a vinte de outubro do dito ano. Padrinhos: Pedro de Araújo Chaves e Maria Adelina de Aguiar. Para constar mandei fazer este assento que assigno. O vigário Pe. Fortunato Alves Linhares". (Liv. Bat. Aracatiaçu, nº 1, fl. 82 v.).

Aprendeu as primeiras letras no ambiente do próprio lar, já que seu pai era professor.

Foi matriculado no Seminário de Fortaleza a 10 de março de 1920, onde estudou Humanidades, Filosofia e Teologia.

Foi ordenado sacerdote a 15 de agosto de 1931 e celebrou primeira missa solene na Matriz de Baturité, no dia seguinte.

Desenvolveu uma vida paroquial das mais intensas nas oito freguesias em que serviu como vigário. Iniciou suas atividades sacerdotais na paróquia de Monsenhor Tabosa, para a qual foi nomeado vigário a 22 de dezembro de 1931, tomando posse a 6 de janeiro do ano seguinte. Permaneceu nessa função até 27 de dezembro de 1933. Transferido para Limoeiro do Norte por nomeação de 31 de dezembro desse ano, tomou posse a 1º de fevereiro de 1934 e aí esteve até 31 de janeiro de 1936. Nesse mesmo dia, foi removido para a paróquia de Aquirás, onde esteve de 5 de fevereiro de 1936 a 16 de agosto de 1938.

Sempre dócil à voz da obediência, aceitou com edificante espírito de amor à Igreja as sucessivas transferências para novas paróquias.

A 28 de agosto de 1938 tomou posse da freguesia de Pedra Branca, permanecendo até 18 de dezembro do ano seguinte, quando foi nomeado para Cruz. Esteve como vigário dessa Matriz até 28 de abril de 1941, dia em que recebeu nova remoção para Mombaça, paróquia em que tomou posse a 7 de maio e da qual abdicou a 31 de dezembro de 1942.

Após esses seis rápidos paroquiatos, foi nomeado a 31 de janeiro de 1943 para a freguesia de Aracoiaba, da qual tomou posse a 7 de fevereiro e onde então desenvolveu um trabalho exemplar durante quase trinta anos. Sua permanência em Aracoiaba se prolongou até 27 de fevereiro de 1972, tempo em que demonstrou suas verdadeiras qualidades de zeloso pastor das almas. Depois de sete anos de interrupção, ainda retornou a reger a paróquia de Aracoiaba no primeiro semestre do ano de 1979, tendo estado também na função de pároco de Mondubim durante cinco meses do mesmo ano.

Faleceu em Fortaleza, a 13 de setembro de 1983.

E

EDSON FROTA MENDES

Nasceu a 5 de dezembro de 1917, filho de José Mendes Carneiro e Lucília Rodrigues Frota, casados em Sobral a 26 de setembro de 1915. Neto paterno de Francisco Mendes Carneiro e Ana Maria de Araújo. Neto materno de Estanislau Lúcio Carneiro da Frota e sua primeira mulher Ana Joaquina Rodrigues de Albuquerque, casados a 28 de janeiro de 1891.

Nascido ocasionalmente na cidade do Recife, com poucos meses de idade veio ser batizado em Sobral, conforme se vê do seguinte registro: "Edson, filho legítimo de José Mendes Carneiro e D. Lucilia Rodrigues da Frota Mendes, nasceu aos cinco de dezembro de mil novecentos e dezessete e foi batizado por Mons. José Ferreira na Matriz solenemente aos sete de maio de mil novecentos e dezoito. Foram padrinhos: Estanislau Lúcio Carneiro da Frota e D. Rodrigues Frota. E para constar lavrei este assento que assigno. O vigário Francisco Leopoldo Fernandes Pinheiro". (Liv. Bat. Sé de Sobral, nº 62, fl. 38).

Fez os estudos primários com as professoras Delfa Amélia e Chaguinha Lima, completados no Colégio N. Sra. da Assunção de Dona Mocinha Rodrigues.

A 2 de fevereiro de 1932 foi matriculado no Seminário de Sobral, onde concluiu o curso secundário. Estudou no Seminário de Fortaleza de 1937 a 1942, onde frequentou os cursos de Filosofia e Teologia.

Recebeu a ordenação sacerdotal das mãos de Dom José Tupinambá da Frota, na Catedral de Sobral, a 25 de outubro de 1942.

Foi professor do Seminário de Sobral de 1943 a 1964, do qual foi também vice-reitor.

Desde que se ordenou tem sido vigário cooperador da Catedral, função que tem desempenhado com muito zelo e dedicação. A 19 de março de 1971 assumiu o cargo de vigário dominical da paróquia de Frecheirinha, no qual permaneceu até dezembro de 1973. De junho de 1975 a dezembro de 1980, esteve como vigário dominical da freguesia de Coreaú.

Trabalhou também na direção diocesana da Obra das Vocações Sacerdotais e, desde 1970, ocupa o cargo de Secretário do Bispado de Sobral.

Em reconhecimento por seus trabalhos, Dom Walfrido Teixeira Vieira conseguiu da Santa Sé o título de Cônego honorário da Basílica de São Pedro, em Roma.

É primo legítimo do Padre Marcos Lúcio Frota Diniz Carneiro, SVD.

EGBERTO RODRIGUES DE ANDRADE

Nasceu a 10 de novembro de 1920, filho do Dr. Francisco Juvêncio de Andrade e Ana Rodrigues de Andrade, casados a 9 de outubro de 1915. Neto paterno de Antônio Juvêncio de Andrade e Francisca Laurinda Meneses, casados a 23 de janeiro de 1862. Neto materno de José Gomes Rodrigues de Albuquerque e sua primeira mulher Ana Frederica de Andrade.

Seu batismo está assim registrado: "Egberto, filho legítimo de Francisco Juvêncio de Andrade e Ana Rodrigues de Andrade, nascido aos dez de novembro de mil novecentos e vinte, foi pelo Padre Leopoldo Fernandes Pinheiro solenemente batizado aos vinte e cinco de dezembro de mil novecentos e vinte. Foram padrinhos: Virgílio Medeiros e Maria Lidia de Andrade Medeiros. E para constar lavrei este assento que assigno. Pelo vigário Pe. Eurico de Melo Magalhães". (Liv. Bat. Sé. de Sobral, nº 64, fl. 31).

Fez o curso primário no Colégio N. Sra. da Assunção, de propriedade de sua tia Dona Mocinha Rodrigues.

De família profundamente religiosa, foi matriculado no Seminário de Sobral a 2 de fevereiro de 1934. Em 1937 transferiu-se para a Escola Apostólica do Caraça, Minas Gerais, onde continuou os estudos até 1940. No ano seguinte retornou ao Seminário de Sobral, em que concluiu o curso secundário. Em fevereiro de 1942 ingressou no Seminário Maior de Fortaleza, onde concluiu os cursos de Filosofia e Teologia.

Recebeu a ordenação sacerdotal, na Catedral de Sobral, a 7 de dezembro de 1947, juntamente com seu irmão lazarista Pe. Francisco Juvêncio de Andrade Filho.

A 6 de janeiro de 1948 tomou posse da paróquia de Santo Antônio do Aracatiaçu. A 6 de janeiro do ano seguinte assumiu a freguesia de Santa Quitéria, onde permaneceu até 31 de dezembro de 1952.

A 1º de janeiro de 1953 foi nomeado vigário de Ibiapina, cargo que exerceu até 31 de dezembro de 1955. A 6 de janeiro do ano seguinte foi removido para a freguesia de São Manuel do Marco, onde esteve até 31 de dezembro de 1959. Nesse tempo, curou interinamente, durante oito meses, a paróquia de Martinópolis.

No ano de 1960 fixou residência em Sobral, onde ainda exerce o seu ministério como Procurador da Mitra Diocesana, Diretor da Rádio Educadora do Nordeste e do jornal "Correio da Semana". Presta serviços também, nos fins de semana, na paróquia de Frecheirinha.

Em reconhecimento por seus trabalhos, foi agraciado com título honorário de Cônego do Cabido da Basílica de São Pedro de Roma.

É irmão dos Padres Francisco Juvêncio de Andrade Filho e Luís Aurélio Rodrigues de Andrade, e sobrinho do Pe. José Juvêncio de Andrade.

F

FERNANDO AGUIAR FROTA

Nasceu a 11 de julho de 1928. São seus genitores Raimundo Medeiros Frota e Joaquina Aguiar Frota, casados a 7 de junho de 1918. É neto paterno de Francisco Olímpio da Frota e Henriqueta de Medeiros Frota, casados a 7 de janeiro de 1891 e materno, de Francisco Felinto Aguiar e sua primeira mulher Rosa Frota Aguiar.

Foi batizado na Matriz do Patrocínio, em Sobral, conforme registra o seguinte documento: "Fernando, data do nascimento onze de julho de mil novecentos e vinte e oito, filho legítimo de Raymundo Medeiros Frota e Joaquina Aguiar Frota, domicílio dos pais freguesia do Patrocínio, batizado a vinte e oito de agosto por mim, na Matriz. Padrinhos Vicente de Paulo Aguiar e Maria Virginia da Rocha Aguiar. Em testemunho da verdade assigno. Pe. Francisco Leopoldo Fernandes Pinheiro, vigário". (Liv. Bat. Patrocínio, Sobral, nº 6, fl. 152).

Estudou primeiras letras com a professora Ceci Cialdini, concluindo o curso primário na escola do professor Luís Felipe da Silva.

Matriculou-se no Seminário de Sobral a 8 de fevereiro de 1942 e no Seminário Maior de Fortaleza em fevereiro de 1948.

Recebeu a ordem do presbiterato, na Catedral de Sobral, a 8 de dezembro de 1953.

Durante os anos letivos de 1954 a 1956 foi professor do Seminário Diocesano, do qual também foi ecônomo.

Esteve durante dez anos trabalhando na vida paroquial, como cooperador de Crateús (1957), cooperador de Santana

do Acaraú (1958 a 1960), vigário de Morrinhos (1961 a 1965) e cooperador do Patrocínio, em Sobral (1966).

Transferiu-se para São Paulo em 1967, ali permanecendo durante quinze anos. Licenciou-se em Letras e Pedagogia na Faculdade de Filosofia N. Sra. Medianeira, dos Padres Jesuítas. Foi professor público nas cidades de Piracicaba e Bragança Paulista e Orientador Educacional do Colégio N. Sra. da Glória dos Irmãos Maristas, na Capital. Aí também trabalhou como auxiliar das Paróquias de Santa Cecília e do Santíssimo Sacramento.

No fim do ano de 1981 retornou a Sobral, onde exerce, com muita proficiência, o magistério superior na Faculdade de Filosofia Dom José e na Faculdade de Educação.

Jornalista, tem escrito no "Correio da Semana" vários artigos sobre assuntos pastorais.

FILOMENO DO MONTE COELHO

Nasceu na Fazenda Flor da América, município de Sobral, a 15 de maio de 1855, filho de Manuel José do Monte Coelho e Maria Bernardina do Monte, casados a 29 de maio de 1825. Neto paterno do português José Gomes Coelho e Vicência Ferreira do Monte, casados a 21 de janeiro de 1801. Neto materno de José Rodrigues Lima e Ana Teresa de Jesus, casados a 24 de novembro de 1806.

Foi batizado, em perigo de vida, pelo vigário de Sobral, conforme o seguinte registro: "Filomeno, branco, filho legítimo de Manuel José do Monte Coelho e Maria Bernardina do Monte, nasceu aos quinze de maio de mil oitocentos e cinquenta e cinco e de licença minha foi batizado "in articulo mortis" pelo Reverendo Vicente Jorge de Sousa que lhe deu os santos oleos nesta mesma ocasião na Capela de São José, freguesia de Sobral, aos vinte e oito de agosto do dito ano. Para constar fiz este assento que assino. Pro-pároco João França Dias Nogueira". (Liv. Bat. de Santana, 1852-1863, fl. 133 v.).

Por motivo do laborioso parto de que nasceu, nunca gozou de boa saúde, tendo carregado por toda a vida uma doença nos olhos.

Estudou em Sobral na escola do Professor Vicente Ferreira de Arruda, sogro de seu irmão Esmerino, que o preparou para entrar no Seminário de Fortaleza, onde foi matriculado a 8 de março de 1875. Tendo concluído o curso teológico em 1881, viajou ao Maranhão com os colegas de turma, a fim de se ordenar sacerdote, pois a Diocese do Ceará se achava vacante na ocasião, por motivo da transferência de Dom Luís Antônio dos Santos. O presbiterato lhe foi conferido na Catedral de São Luís do Maranhão por Dom Antônio Cândido de Alvarenga no dia 27 de dezembro de 1881. Cantou a primeira missa solene na Matriz de Sobral a 22 de janeiro de 1882. No mês seguinte viajou para Fortaleza, onde assumiu o cargo de professor do Seminário. No fim do mesmo ano teve que abandonar o magistério por motivo de saúde e, a conselho médico, retornou a Sobral, de cuja freguesia se fez cooperador por nomeação de 31 de março de 1883, função que exerceu até 11 de setembro de 1888, dia em que foi nomeado vigário de São Francisco de Uruburetama (Itapajé).

Durante quinze anos dedicou-se zelosamente ao pastoreio espiritual de sua freguesia, sem esconder, porém, o pendor ao estudo que o animava a escrever freqüentemente para a imprensa sobralense que publicou vários de seus trabalhos subscritos com o pseudônimo de Menófilo.

Agravando-se a oftalmopatia em 1903, solicitou licença para tratar-se da vista no Rio de Janeiro com o famoso Dr. Moura Brasil, tendo recebido Carta Comendatícia a 13 de agosto. Em 1905 fez parte da Peregrinação Brasileira ao Oriente, tendo visitado a Terra Santa como representante do Bispo do Ceará.

Retornando ao Brasil, fixou residência na Bahia a convite de seu conterrâneo Dom Jerônimo Tomé da Silva, então Arcebispo Primaz de Salvador. Na Capital baiana foi secretário particular de Dom Jerônimo, Diretor da Ordem Terceira de São Domingos Gusmão, professor de História Sagrada e Educação Moral no Educandário Sagrado Coração de Jesus

e Cônego do Cabido Metropolitano. Foi também vigário de Itapagipe.

Graças aos méritos de sua dedicação à Igreja, foi agraciado com o título de Monsenhor Camareiro Secreto.

Com o fim de preparar a criação da Diocese de Sobral foi enviado por Dom Jerônimo ao Ceará, encarregando-se da organização do patrimônio do bispado de sua terra natal. A 8 de janeiro de 1915, embarcou em Camocim, em companhia do Frei Teobaldo de Montecello, começando a visita a todas as paróquias situadas no itinerário da Estrada de Ferro de Sobral. Em março chegou a Crateús, onde teve de interromper a campanha a que vinha se dedicando por causa da seca que já estava declarada. Fixou-se então em Sobral até ser criada a Diocese pela Bula "Catholicae Religionis Bonum", de 10 de novembro de 1915.

Retornou logo depois a Salvador da Bahia. Ali faleceu, quase cego, no dia 23 de abril de 1939.

FORTUNATO ALVES LINHARES

Nasceu a 14 de outubro de 1869, filho do Capitão Vicente Alves Linhares e Felismina Idalina de Jesus, casados a 9 de novembro de 1844. Neto paterno do Capitão Joaquim José Alves Linhares e Maria da Purificação Vasconcelos, casados a 4 de julho de 1809. Neto materno do português Francisco Alves Machado Freire e Quitéria Maria de Jesus, casados a 11 de fevereiro de 1814.

Seu batismo foi registrado nos seguintes termos: "Fortunato, filho legítimo de Vicente Alves Linhares e D. Felismina Idalina Linhares, nasceu a quatorze de outubro de mil oitocentos e sessenta e nove e foi batizado solenemente pelo vigário Diogo José de Sousa Lima a vinte de janeiro de mil oitocentos e setenta. Padrinhos o Capitão Vicente Ferreira de Arruda e Manuel do Nascimento Alves Linhares por seu procurador Francisco Alves Linhares. E para constar mandei fazer este assento que assigno. O vigário Vicente Jorge de Sousa". (Liv. Bat. Sobral, 1868-1871, fl. 152).

Fez os estudos primários com o professor Prisco Rodrigues Lima e com seu padrinho Vicente Ferreira de Arruda. Em Fortaleza estudou no Instituto de Humanidades e no Liceu do Ceará, de 1884 a 1886.

Sentindo vocação para o sacerdócio, matriculou-se no Seminário de Fortaleza em março de 1887, aí permanecendo até 1890. No ano seguinte transferiu-se para o Seminário da Bahia, onde esteve apenas durante um ano letivo. Concluiu o curso de Teologia no Seminário de Fortaleza.

Foi ordenado sacerdote a 30 de novembro de 1892, juntamente com o Pe. Manuel de França Melo.

Foi vigário cooperador de Maranguape de março de 1893 a maio de 1894, quando foi transferido para Sobral como auxiliar do pároco.

A 21 de janeiro de 1916, nomeado vigário interino de Meruoca, cargo que exerceu até 28 de julho, embora com residência em Sobral. Graças aos seus esforços foi iniciada a construção da estrada Sobral - Meruoca, na qual foram gastos 608 contos de réis e foi inaugurada a 31 de outubro de 1918. Foi também encarregado da paróquia de Aracatiaçu nos períodos de 1895 a 1905 e de 1927 a 1935.

Professor por vocação, dedicou a maior parte de sua vida exercendo o magistério na cidade de Sobral, onde fundou o Externato São Luís, do qual foi diretor de 1907 a 1925.

Profundo conhecedor de História e Geografia, lecionou estas disciplinas no Seminário e no Ginásio Sobralense durante vários anos. Dedicado ao conhecimento da história da cidade, publicou "Notas Históricas da cidade de Sobral", 1941.

Cego no fim da vida, mesmo assim celebrava diariamente na capela do Rosário e, aos domingos na capela de Santo Antônio. Faleceu a 8 de dezembro de 1960. Uma das praças centrais de Sobral foi batizada com o seu nome. Mons. Linhares foi exemplo de sacerdote e de mestre.

Sua biografia foi escrita por Mário Linhares, Gráfica Laemmert. Rio, 1962.

FRANCISCO DE ALCÂNTARA LOPES

Nasceu em Sobral a 20 de outubro de 1940, filho de João Modesto Lopes e Efigênia Argentina de Alcântara Lopes, casados a 24 de janeiro de 1940. Neto paterno de Modesto Lopes e Raimunda Lopes de Oliveira. Neto materno do maestro José Pedro de Alcântara e Maria José de Mesquita, casados a 9 de novembro de 1895.

Foi batizado em Sobral como atesta o seguinte documento: "Francisco, filho legítimo de João Modesto Lopes e Efigênia Alcântara Lopes, nasceu a vinte de outubro de mil novecentos e quarenta e foi por mim solenemente batizado na Capela do Rosário a nove de fevereiro de mil novecentos e quarenta e um. Foram padrinhos José Pedro de Alcântara e Raimunda Amélia Alcântara. Para constar lavrou-se este termo que assino. O vigário Pe. Domingos Araújo". (Liv. Bat. Sé de Sobral, fl. 102).

Fez o curso de humanidades no Seminário Menor de Sobral de 1956 a 1960. Em fevereiro do ano seguinte foi matriculado no Seminário de Olinda, onde concluiu os cursos de Filosofia e Teologia.

Foi ordenado sacerdote na Catedral de Garanhuns, a 7 de dezembro de 1969, por Dom Milton Corrêa Pereira.

Durante o período de 1970 a 1972 exerceu a função de Reitor do Seminário Menor de Garanhuns. No ano seguinte retornou ao Ceará para servir à Arquidiocese de Fortaleza, onde ocupou os cargos de vigário de Guaiúba (1973-1974) e de Guanacés (1975-1977). Fixou residência na cidade de Fortaleza no ano de 1978, exercendo as funções de capelão do Bom Pastor e vigário cooperador da Matriz do Patrocínio.

Descendente, por parte materna, de uma família de músicos, possui sensível propensão para a arte musical, sendo autor de vários hinos religiosos. Anualmente, nos períodos de férias, tem prestado serviços na Pastoral de Juventude junto aos alunos do Colégio Santa Rosa, em Belém do Pará.

FRANCISCO CÂNDIDO DE VASCONCELOS

Nasceu na Fazenda Alegre, município de Sobral, a 4 de setembro de 1870. Filho de José Peregrino de Vasconcelos e Maria da Glória de Araújo, casados a 23 de julho de 1865. Neto paterno de José Rodrigues de Vasconcelos e Maria Ferreira Gomes, casados a 15 de março de 1822. Neto materno de José Joaquim de Araújo e Maria dos Réis do Oriente, casados a 27 de agosto de 1839.

Foi batizado na Capela de São José, Patriarca, conforme se vê do seguinte documento: "Francisco, filho legítimo de José Peregrino de Vasconcelos e de Maria da Glória de Araújo e Vasconcelos, nasceu a quatro de setembro de mil oitocentos e setenta e foi batizado solenemente na Capela de São José pelo Padre Antônio da Silva Fialho a dezenove de novembro do dito ano. Padrinhos José Ferreira de Vasconcelos e Maria Jerônima de Maria, por sua procuradora Ana Theresa do Carmo. E para constar mandei fazer este assento que assigno. O vigário Vicente Jorge de Sousa". (Liv. Bat. Sobral, 1868-1971, fl. 317 v.).

Estudou as primeiras letras com o professor Filomeno Leitão. Foi matriculado no Seminário de Fortaleza a 6 de março de 1886.

Recebeu o presbiterato a 2 de dezembro de 1894 em Fortaleza, tendo cantado a primeira missa solene na Matriz de Sobral a 13 de dezembro do mesmo ano. No mesmo dia recebeu nomeação para vigário coadjutor de Acaraú, cargo de que tomou posse a 4 de janeiro de 1895 e exerceu até 18 de fevereiro de 1896, quando foi nomeado vigário de Independência. A Portaria foi revogada, pelo que não chegou a tomar posse. Foi então removido para a paróquia de Ibiapina da qual tomou posse a 15 de abril de 1896.

Nessa freguesia da Serra da Ibiapaba permaneceu durante dez anos. Ai fundou várias Associações Religiosas, construiu a Capela de São Francisco e iniciou a construção da de São José de Ubajara. Em 1904 foi nomeado Prefeito de Ibiapina pelo Presidente Nogueira Accioli, cargo que exerceu durante dois anos.

A 21 de abril de 1906 foi demitido da paróquia, vindo fixar residência em Sobral, onde passou o restante de sua vida.

Padre Candinho, como era conhecido familiarmente, muito trabalhou na preparação da Diocese de Sobral em 1915. Acompanhava freqüentemente Dom José Tupinambá da Frota nas Visitas Pastorais.

Faleceu repentinamente em Sobral no dia de Natal, 25 de dezembro de 1929, tendo sido sepultado na Capela de São José, vila de Patriarca.

FRANCISCO EXPEDITO LOPES

Nasceu no sítio Palestina do Norte, serra da Meruoca, a 8 de julho de 1914, filho de Edésio Pereira Lopes e Noêmia Cordeiro Lopes. Neto paterno de Francisco Pereira Lopes e Francisca Pereira de Sousa. Neto materno de José Anselmo Cordeiro e Irene Henrique Cordeiro.

É o seguinte o teor do registro de seu batismo: "Francisco, filho legítimo de Edésio Pereira Lopes e Noêmia Cordeiro Lopes, nasceu a oito de julho de mil novecentos e catorze e batizou-se a vinte e dois de agosto do mesmo ano. Podrinhos: Anselmo Cordeiro e Isabel Pereira de Sousa. Pe. Francisco Leopoldo Fernandes, vigário". (Liv. Bat. Meruoca, n.º 18, fl. 109 v.).

Seu pai era exímio mestre-de-obras em Sobral e entre as construções que dirigiu destaca-se a Capela de São José, do bairro do Sumaré, com torre de 36 metros de altura.

Desde tenra idade viveu em Sobral, onde estudou as primeiras letras.

Protegido por Dom José Tupinambá da Frota, foi matriculado no seminário Menor de Sobral no dia 2 de fevereiro de 1927 onde concluiu o curso de humanidades. Em fevereiro de 1932 matriculou-se no Seminário de Fortaleza, onde concluiu o curso de Filosofia e iniciou o de Teologia. Em junho de 1936 seguiu para Roma com o fim de concluir o curso de Teologia e obter o mestrado em Direito Canônico na Pontifícia Universidade Gregoriana.

Na Cidade Eterna foi ordenado sacerdote no dia 30 de outubro de 1938 e, no dia seguinte, celebrou a primeira missa na Catacumba de São Calisto. Depois de ordenado sacerdote, prosseguiu os estudos de Direito Canônico em que se doutorou em julho de 1941.

Retornou a Sobral no dia 2 de outubro do mesmo ano, "inesperadamente, sem aviso para quem quer que seja", segundo informa um manuscrito de Dom José Tupinambá da Frota.

Em Sobral exerceu as funções de Secretário do Bispado, professor do Seminário e Capelão do Colégio Santana.

A 30 de agosto de 1948 foi nomeado, pela Santa Sé, Bispo da nova Diocese de Oeiras, Piauí. Foi sagrado Bispo, na Catedral de Sobral, no dia 12 de dezembro de 1948.

Em Oeiras, durante cinco anos, destacou-se como verdadeiro pastor, dando prioridade à catequese e à educação religiosa. Para tanto fundou o Seminário, abriu escolas e renovou as Associações Religiosas.

A 24 de agosto de 1954 foi transferido para a Diocese de Garanhuns, Pernambuco, tomando posse da nova função no dia 11 de fevereiro de 1955.

Homem de atitudes firmes e gestos decididos, procurou coibir abusos que encontrou em sua nova diocese. Tais atitudes lhe custaram a vida. A 1º de julho de 1957 foi ferido de morte em sua própria residência episcopal, com três tiros de revólver, pelo revoltado vigário de Quipapá, Pe. Hosana de Siqueira e Silva. Não resistindo aos ferimentos, faleceu no dia seguinte no Hospital de Garanhuns.

Seus restos mortais jazem no chão da Catedral de Garanhuns, como testemunha de mártir do cumprimento do dever.

FRANCISCO GOMES PARENTE

Nasceu em novembro de 1791, Filho do Capitão Inácio Gomes Parente e Francisca de Araújo Costa, casados a 24 de novembro de 1777.

O termo do batismo foi assim registrado: "Francisco, filho legítimo de Ignacio Gomes Parente, natural de Lamego, e de

sua mulher D. Francisca de Araújo, natural desta freguesia, neto paterno de Manuel Gomes Parente e de sua mulher Catharina Lopes, naturais do Lamego, neto materno de José de Araújo Costa, natural de Braga, e de sua mulher Beatriz de Vasconcelos, natural de Goiana, nasceu em novembro de mil setecentos e noventa e hum, foi baptizado com santos oleos nesta Matriz do Sobral por mim cura Basilo Francisco dos Santos aos doze de dezembro do dito anno. Foram padrinhos Caetano da Costa Vieira, solteiro, e Francisca de tal, mulher de Francisco de Araújo Costa, moradora na freguesia da Serra dos Cocos e o Padrinho morador nesta, do que para constar fiz este termo e assignei. Basilio Francisco dos Santos, cura e vigario da Vara do Sobral". (Liv. Bat. Sobral, 1788-1792, fl. 227 v.).

Estudou em Sobral com os professores Padre Manuel Pacheco Pimentel e João José Noronha.

Concluiu os cursos de Filosofia e Teologia no Seminário de Olinda, onde foi ordenado sacerdote no início do ano de 1816. Cantou primeira missa solene na Matriz de Sobral no dia 29 de junho do mesmo ano.

Passou oito anos servindo à freguesia de Sobral, como auxiliar do vigário, e ministrando aulas particulares. A 15 de julho de 1817 assinou manifesto contra a Revolução Pernambucana. Em 1822 foi ao Crato como emissário da Câmara a fim de entrar em contato com os chefes do Governo Temporário instalado naquela vila do Cariri.

Por desejar ser vigário, começou a trabalhar para conseguir a criação da freguesia de Santa Quitéria, obtendo o apoio político de sua família. Apesar da oposição que teve de enfrentar, conseguiu que fosse expedido o Alvará Imperial de 22 de março de 1823, criando a referida freguesia. Em junho de 1824, viajou para Pernambuco com o fim de se submeter a concurso para ocupar o cargo de primeiro vigário colado de Santa Quitéria. Saiu-se vitorioso, tendo sido nomeado para a função por ato do Bispo Dom Tomás Noronha. A 2 de outubro de 1824 tomou posse da nova freguesia, tendo no mesmo dia assinado o termo de abertura do primeiro livro de assentos paroquiais onde afirma: "Na qualidade de pároco criador me

competo rubricar seus livros". Pe. Francisco Gomes Parente tinha uma ótima caligrafia e ele mesmo fazia, de próprio punho, todos os registros paroquiais. Permaneceu na freguesia de Santa Quitéria até 31 de maio de 1828.

Foi afastado do cargo, suspenso de ordens, por viver em público concubinato com Isabel Carolina da Hungria, filha de Inácio de Castro e Silva e de Rosa Maria do Livramento, residente em Sobral. Dessa união nasceram três filhos: Dr. Esmerino Gomes Parente, Dr. Hermeto Gomes Parente e Francisca que foi mãe do Pe. João José de Castro.

Voltando a residir em Sobral, dedicou-se ao magistério e às atividades políticas. Foi vereador da Câmara Municipal durante vários anos. Fez parte do Conselho Geral Provincial instalado em Fortaleza a 1º de dezembro de 1829. A 8 de janeiro de 1833, assumiu a presidência da Câmara.

Eleito Deputado Provincial para o biênio 1835-1836, não pôde concluir o mandato por ter falecido em junho de 1835.

Sua mãe faleceu a 8 de abril de 1826, com 75 anos, seu pai expirou a 13 de abril de 1838, com 96 anos de idade. Era natural da freguesia da Assunção, Lamego, onde nasceu em 1742.

Pe. Francisco Gomes Parente faleceu penitente, readmitido às ordens sacras. Era tio do Pe. Dr. Justino Domingos da Silva.

FRANCISCO GONÇALVES FERREIRA MAGALHÃES

Nasceu a 2 de abril de 1779, filho do Tenente João Gonçalves Ferreira e Francisca Xavier de Oliveira, casado a 21 de novembro de 1757.

Foi batizado na Fazenda Estreito, conforme informa o registro a seguir: "Francisco, filho legítimo de João Gonçalves Ferreira, natural da freguesia de Ferreira do Bispado de Coimbra, e de sua mulher Francisca Xavier de Oliveira, na freguesia de Fortaleza do Ceará e moradores nesta de Nossa Senhora da Conceição da Vila do Sobral, neto paterno de João Gonçalves Ferreira e de sua mulher Joana Rodrigues, da mesma freguesia da Vila de Ferreira, e materno do Capitão Antonio Rodrigues

Magalhães, do Rio Grande, e de uma mulher Quitéria Marques, de Fortaleza do Ceará, nasceu a dois de abril de mil setecentos e setenta e nove e foi batizado com os santos oleos a vinte e um do mesmo mês e ano no Estreito, desta freguesia, por mim cura. Foram padrinhos Tomás Lourenço da Costa, casado e morador no Recife, por procuração que dele apresentou Vicente da Silva Fialho, e Isabel Maria de Jesus, mulher de Antonio Domingos Inácio, moradores nesta freguesia, do que fiz este termo para constar e assinei. João Ribeiro Pessoa, cura e vigário da vila do Sobral". (Liv. Bat. Sobral. 1779-1783, fl. 85 v.).

Seu pai foi homem influente na Vila de Sobral, onde exerceu as funções públicas de Almotacé (1773), Procurador da Câmara (1776), Juiz Ordinário (1778) e Vereador (1782-1783), tendo falecido a 25 de dezembro de 1784. Sua mãe morreu a 31 de março de 1797. Ambos os genitores foram sepultados na Matriz.

Francisco, órfão de pai desde os cinco anos, foi educado pelo Pe. Manuel Francisco Rodrigues da Cunha, professor público, que o encaminhou para o Seminário de Olinda. Conta Pereira da Costa, em "Anais Pernambucos", Vol. VII, p. 14, que no dia 6 de fevereiro de 1800, dia da inauguração daquele Seminário, o jovem Francisco Gonçalves Ferreira Magalhães participou da sessão solene, em homenagem ao Bispo Azeredo Coutinho, recitando versos laudatórios ao prelado fundador. Juntamente com o Padre Mororó, foi aluno da primeira turma de seminaristas de Olinda.

Ordenado sacerdote em 1803, celebrou primeira missa solene na Matriz de Sobral a 6 de janeiro de 1804. Poucos meses após, foi nomeado vigário de São Bento da Amontada, cargo que exerceu até o ano de 1810. Em 1811 retorna a Sobral na qualidade de vigário cooperador, tendo assumido interinamente a freguesia, como pro-pároco, a 7 de julho de 1816, permanecendo nessa função até dezembro do ano seguinte. Nesse tempo construiu uma casa de oração na povoação da Barra do Acaraú em honra de Nossa Senhora da Guia. A 1.º de janeiro de 1817 solicitou licença para construir a Capela do Santíssimo Sacramento no interior da Matriz. A 6 de maio, por ordem da

Câmara, celebra missa de Ação de Graças pela derrota da Revolução Pernambucana, contra a qual assinou também manifestação a 15 de julho. Nesse ano exerceu também o mandato de vereador.

Assumiu a capelania de Santa Quitéria no ano de 1818, cargo que exerceu por três anos. Nesse tempo envolveu-se em atividades políticas com grande liderança pelos sertões. Com a queda do governo temporário implantado no Ceará após a Revolução do Porto, foi escolhido para fazer parte da Junta de Governo, empossada a 15 de janeiro de 1822, sob a presidência de José Raimundo do Paço de Porbém Barbosa. De Fortaleza, em ofício datado de 17 de fevereiro de 1822, comunica à Câmara de Sobral ter assumido o governo provisório. Advindo a Independência do Brasil, continuou no governo até 23 de janeiro de 1823.

Após a posse de Pedro José da Costa Barros como primeiro Presidente da Província, resolveu retornar a Sobral, de onde dirige uma memória à Assembléia Constituinte, datada de 19 de novembro de 1823, solicitando melhoramentos para a Vila de Sobral. Não quis se envolver nas lutas da Confederação do Equador, tempo em que se dedicou ao magistério na povoação de Santa Quitéria. Nomeado Conselheiro do Governo a 1º de novembro de 1824, não quis assumir a função. Nos anos de 1825 e 1826 o encontramos administrando os sacramentos tanto em Sobral como em Santa Quitéria, em continuadas viagens pelos sertões, auxiliando os vigários de ambas as freguesias.

Em junho de 1828, tendo o Pe. Francisco Gomes Parente, primeiro vigário de Santa Quitéria, deixado a paróquia, o Pe. Francisco Magalhães foi nomeado segundo pároco, cargo que exerceu até 31 de dezembro de 1830, quando foi substituído pelo Pe. Manuel Simões Diniz Pereira.

A partir de então não mais se encontra o registro de seu nome nos livros originais paroquiais, pelo que se deduz que tenha falecido pouco tempo depois.

Pe. Francisco Gonçalves Ferreira Magalhães era primo do Pe. Miguel Lopes Freire, ambos netos maternos do Capitão

Antônio Rodrigues Magalhães e Quitéria Marques de Jesus, casal fundador da Fazenda Caiçara, que foi o berço da cidade de Sobral.

FRANCISCO HILDEBRANDO GOMES ANGELIM

Nasceu no primeiro dia de outubro de 1855. Filho de Galdino Gomes Angelim e Maria Bernardina Angelim, casados a 22 de novembro de 1852. Neto paterno do Major Francisco Gomes Angelim e Vicência Francisca Angelim, naturais de Patos, Paraíba. Neto materno de João Lourenço da Costa e Francisca Eufrásia da Silva, casados a 16 de dezembro de 1823.

Sua mãe é sobrinha materna do Cel. Joaquim Ribeiro da Silva, famoso líder político do Partido Conservador em Sobral.

Depois de estudar humanidades em Sobral com o Pe. Antônio Fialho, foi matriculado no Seminário de Fortaleza a 8 de março de 1871, tendo recebido ali a ordem do presbiterato no dia 3 de agosto de 1879.

A 5 de setembro do mesmo ano foi nomeado vigário de Anarração, cargo de que tomou posse a 2 de novembro. A 21 de maio de 1882 foi transferido para a vizinha paróquia de Parnaíba, Piauí, onde substituiu o seu conterrâneo Pe. Francisco de Paula Cavalcante Albuquerque. Após três anos de paróquia em Parnaíba, com carta comendatória de Dom Antônio Cândido Alvarenga, Bispo do Maranhão, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde assumiu o cargo de pároco da Igreja da Candelária.

Pelos bons serviços prestados naquela matriz, foi agraciado com o título de Monsenhor Camareiro Secreto do Papa Leão XIII.

Faleceu em Niterói, a 25 de fevereiro de 1929, vítima de congestão cerebral de que foi acometido por ocasião da celebração de uma missa.

Era irmão do Dr. José Augusto Gomes Angelim, médico da Marinha, ilustre sobralense também falecido em Niterói.

FRANCISCO JUVÊNCIO DE ANDRADE FILHO

Nascido a 5 de março de 1922, é filho do Dr. Francisco Juvêncio de Andrade e Ana Rodrigues de Andrade, casados a 16 de outubro de 1915. Neto paterno de Antônio Juvêncio de Andrade e Francisca Laurinda Menezes, casados a 23 de janeiro de 1862. Neto materno de José Gomes Rodrigues de Albuquerque e sua primeira mulher Ana Frederica de Andrade.

Com vinte dias de nascido foi levado à pia batismal, como se vê do seguinte termo: "Francisco, filho legítimo de Francisco Juvêncio de Andrade e Ana Rodrigues de Andrade, nascido aos cinco dias de março de mil novecentos e vinte e dois, foi solenemente batizado a vinte e quatro de março de mil oitocentos e vinte e dois. Foram padrinhos: Padre Juvêncio de Andrade e Amália Rodrigues d'Albuquerque. E para constar lavrou-se este assento que assigno. Pe. Fortunato Alves Linhares". (Liv. Bat. Sé de Sobral, nº 65, fl. 71 v.).

Fez o curso primário no Colégio Nossa Senhora da Assunção, dirigido por sua tia Dona Mocinha Rodrigues.

Juntamente com seu irmão Egberto, foi matriculado no Seminário de Sobral, a 2 de fevereiro de 1934. No ano de 1937 transferiu-se para a Escola Apostólica do Caraça, Minas Gerais, ingressando na Congregação da Missão dos Padres Lazaristas de São Vicente de Paulo. Após concluir os cursos de Filosofia e Teologia em Petrópolis, veio se ordenar sacerdote em Sobral, ao lado de seu irmão Egberto, ambos ungidos por Dom José Tupinambá da Frota, a 7 de dezembro de 1947.

Nomeado, logo no ano seguinte, para exercer as funções de professor e ecônomo do Seminário São Vicente de Paulo, de Fortaleza, desempenhou-se dessa missão com raro zelo e dedicação, conquistando a amizade de quantos com ele convivia. Foi também Capelão de Floresta, bairro de Fortaleza, hoje denominado "Padre Andrade", em sua homenagem.

Faleceu afogado no açude Betsaida, subúrbio de Sobral, na Fazenda de propriedade de seu pai, a 29 de julho de 1950, com 28 anos de idade.

É irmão do Cônego Egberto Rodrigues de Andrade, do Pe. Luís Aurélio Rodrigues de Andrade e sobrinho do Pe. José Juvêncio de Andrade.

FRANCISCO LINHARES

Nasceu na povoação de Cariré, hoje cidade, então pertencente ao município de Sobral, no dia 26 de dezembro de 1911, filho do primeiro matrimônio, realizado a 21 de setembro de 1906, de José Prisco Linhares Lima e Maria Amália Albuquerque Linhares, que faleceu do parto. Seu pai era agente da Estação da Estrada de Ferro em Cariré e estava se preparando para viajar para Sobral, a fim de trazer a esposa para a Maternidade, quando então sentindo as dores do parto, teve que ali permanecer, falecendo de hemorragia. O cadáver da mãe e o recém-nascido foram transportados no mesmo dia para Sobral, quando houve o batismo do filho e o enterro da mãe.

Eis como foi registrada a cerimônia privada do batismo: "Francisco, filho legítimo de José Prisco Linhares Lima e D. Maria Amália Albuquerque Linhares, nasceu a vinte e seis de dezembro de mil novecentos e onze e foi no mesmo dia batizado "privatim in articulo mortis" pelo Padre Fortunato Alves Linhares, recebendo a imposição dos santos óleos a oito de janeiro de mil novecentos e doze. Padrinhos: Padre Fortunato Alves Linhares e Felícia Alice Rodrigues. Para constar fiz este assento que assino. O vigário Padre Dr. José Tupynambá da Frota". (Liv. Bat. Sobral, Sé, nº 57, fl. 173).

Neto paterno de José Prisco Rodrigues Lima e Raimunda Linhares Lima, casados a 27 de julho de 1870. Neto materno de João José Adeodato Ferreira (Janião) e Maria da Graça Divina, casados a 27 de novembro de 1882.

Estudou as primeiras letras com o Mons. Fortunato Alves Linhares, que o encaminhou para o sacerdócio. Foi matriculado no Seminário de Sobral, onde concluiu o curso de Humanidades. Em 1930 ingressou no Seminário de Fortaleza para cursar Filosofia e Teologia.

Foi ordenado sacerdote, em Sobral, a 21 de setembro de 1935, por Dom José Tupinambá da Frota.

A 8 de janeiro de 1936 foi nomeado vigário da paróquia de Massapê, tomando posse a 11 do mesmo mês. Ali exerceu edificante apostolado, durante curta existência sacerdotal, mas tão cheia de dinamismo. Em um período de pouco mais de cinco anos, construiu a Capela de São Brás da Meruoquinha, a Capela de São Luís, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes e reformou a Matriz. Dinamizou as Associações Religiosas e prestou assistência social aos pobres.

Faleceu em Sobral, vítima de apendicite aguda, a 12 de setembro de 1941, com 30 anos incompletos.

A povoação de São Luís, ao ser elevada à condição de Vila, recebeu a denominação de "Padre Linhares", em justa e merecida homenagem ao seu fundador.

É tio materno dos Padres José e Jairo Linhares Ponte.

FRANCISCO DE PAULA CAVALCANTE ALBUQUERQUE

Natural de Sobral, é filho do Capitão Antônio José Cavalcante e de Antônio Pinto Cavalcante. Neto paterno de Joaquim Coelho de Albuquerque e Rita Francisca do Nascimento e sobrinho do Cel. José Mariano de Albuquerque, que governou o Ceará de 1831 a 1833.

Com a transferência de seus pais para Caxias do Maranhão, ali concluiu o curso primário e o de humanidades. Cursou Filosofia e Teologia no Seminário de São Luís do Maranhão, onde se ordenou sacerdote.

Foi vigário de Parnaíba, Piauí, de 21 de junho de 1878 a 27 de fevereiro de 1880.

Faleceu em Parnaíba em março de 1881.

Era primo do Pe. Antônio da Silva Fialho.

FRANCISCO DE PAULA MENEZES

Nasceu em Sobral em 1821. De filiação paterna incôgnita, informa o Livro de Matrícula do Seminário de Olinda, por mim consultado, onde consta ter ali iniciado os estudos no ano de 1843.

Parece ser mestiço de branco e índio, embora o termo de batismo não esclareça explicitamente: "Francisco de Paula, filho natural de Jeronima Maria, Índia desta Freguesia, batizado aos quinze de abril de mil oitocentos e vinte e hum nesta Matriz onde logo lhe administrei os santos oleos. Foram padrinhos José Gonçalves Ferreira e Ana Luzia de Jesus. E para constar fiz este assento e assinei. O vigário José Gonçalves de Medeiros". (Liv. Bat. Sobral, 1819-1822, fl. 150 v.).

Deve ter tido um padrinho e tutor abastado, do contrário não se explica ter sido matriculado no Seminário de Olinda como pensionista. Era dotado de inteligência invulgar, a se deduzir das notas que conseguiu nos estudos. Concluído o curso de Teologia, foi ordenado sacerdote, na Catedral de Olinda, em 1846.

Retornou a Sobral em outubro de 1847. Auxiliou o vigário na assistência religiosa sobre a Serra da Meruoca.

Em agosto de 1849 foi nomeado Vigário encomendado de Santana do Acaraú. Com a posse do Pe. Francisco Xavier Nogueira, continuou a residir em Santana, como auxiliar, até o mês de dezembro de 1858.

De 1859 a 1865 residiu em Quixeramobim, na função de cooperador do Cônego Antônio Pinto de Mendonça, a quem substituí, interinamente, quando este encontrava-se em Fortaleza atuando na Assembléia Legislativa Provincial.

Faleceu em Quixeramobim, no dia 19 de julho de 1865, aos 44 anos de idade. Seu corpo foi encomendado pelo Pe. José Jacinto Bezerra de Menezes.

FRANCISCO SADC DE ARAÚJO

Nasci em Sobral, na Rua Santo Antônio, a 17 de dezembro de 1931, filho de Galdino Orlando de Araújo e Rita Albuquerque Araújo, casados a 19 de outubro de 1912. Neto paterno de Antônio Nabuco de Araújo e Teresa de Jesus Frota, casados a 29 de janeiro de 1883. Neto materno de Bruno Ferreira de Albuquerque e Amália Amélia de Albuquerque, casados a 1º de dezembro de 1883.

Fui levado à pia batismal aos quatro meses de idade conforme se vê do seguinte registro: "Francisco, filho legítimo de Galdino de Araújo e de Rita de Albuquerque Araújo, nascido aos dezessete de dezembro de mil novecentos e trinta e um, foi por mim batizado na Igreja Catedral aos quatorze de abril de mil novecentos e trinta e dois. Foram padrinhos: Alberto Chaves e Adalgisa Chaves. Para constar, lavrou-se este termo que assigno. O Vigário Padre José Gerardo Ferreira Gomes". (Liv. Bat. Sé de Sobral, nº 73, fl. 22 v.)

Meu pai era músico e me ensinou desde a mais tenra idade a tocar violão e a compor. Faleceu a 8 de novembro de 1957. Estudei as primeiras letras com as professoras Chiquita Jacome e Chaguinha Lima, terminando o curso primário no Educandário São José, da professora Honorina Passos, em dezembro de 1942.

A 8 de fevereiro de 1943 fui matriculado no Seminário Menor de Sobral, onde concluí o curso secundário a 8 de dezembro de 1949. A 10 de fevereiro do ano seguinte, ingressei no curso de Filosofia do Seminário Maior de Fortaleza e, em fevereiro de 1952, no curso de Teologia. Aí permaneci até o mês de maio do mesmo ano. A 22 desse mês, festa da Ascensão, recebi a tonsura clerical das mãos de Dom José Tupinambá da Frota, na capela episcopal de Sobral.

Em setembro segui para o Rio de Janeiro, onde embarquei no navio italiano "Usodimare" com direção a Roma, desembarcando em Nápoles a 19 de setembro de 1952. No mesmo dia viajei para Roma, lá chegando na madrugada do dia 20. A 15 de outubro fui matriculado na Pontifícia Universidade Gregoriana, onde concluí o bacharelado em Teologia em junho de 1954 e o mestrado em junho de 1956.

Fui ordenado sacerdote na Basílica de São Paulo, a 25 de fevereiro de 1956, pelo Cardeal Bento Aloisi Masella. No dia seguinte, na Basílica de São João de Latrão, celebrei a primeira missa apadrinhado por meu colega norte-americano Pe. David Warren, natural de Paducah, Kentucky.

Minha primeira experiência sacerdotal a fiz no Kloster Nette, convento de religiosas franciscanas da cidade de Osnabrück, Alemanha Ocidental, onde passei dois meses como

capelão. Em setembro de 1956 participei de um curso de Atualização Pastoral na sede da JOC em Bruxelas. Em outubro visitei vários países da Europa, retornando ao Brasil no mês de novembro.

A 8 de fevereiro de 1957 fui nomeado professor do Seminário e Capelão do Colégio Santana de Sobral, cargos que exerci até o ano de 1964, quando assumi a reitoria do Seminário. Passei todo o ano de 1967 no Rio Grande do Sul, participando de um curso de Psicologia Profunda na Faculdade Cristo Rei da cidade de São Leopoldo, dirigida pelos padres jesuítas.

Antes de retornar ao Ceará, visitei Argentina e Uruguai. Em fevereiro de 1968, fixei residência em Sobral, onde desde então me encontro inteiramente dedicado à educação. Nesse ano fundei o Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia Dom José e estruturei a Fundação Universidade Vale do Acaraú - UVA, entidade mantenedora de quatro estabelecimentos de ensino superior, hoje em perfeito funcionamento.

De 1957 a 1972 lecionei no Colégio Santana, no Colégio Estadual Dom José, durante certo tempo, no Colégio Sobralense. Desde a criação da Faculdade de Filosofia, em 1961, integro o quadro do magistério dessa escola de ensino superior pertencente à Diocese de Sobral.

A 12 de março de 1973 fui nomeado membro do Conselho Estadual de Educação, função que ainda hoje exerço.

Em 1976 empreendi viagem aos Estados Unidos para participar do Congresso Eucarístico Internacional que se realizou em Filadélfia, de 1º a 5 de agosto.

Por várias vezes tenho participado em Brasília das Reuniões Conjuntas do Conselho Federal de Educação com os Conselhos Estaduais de Educação. Em 1979 tomei parte de um Seminário sobre "Educação dos Superdotados" realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. A 9 de maio de 1980 tomei posse de uma cadeira na Academia Cearense de Letras.

Publiquei as seguintes obras:

- Cronologia Sobralense, 3 Vols., 1974-1979 1983.
- A Ciência Criadora, Fortaleza, Greel, 1976.

- História da Cultura Sobralense. UVA, Sobral, 1978
- Estudos Ibiapabanos. UVA, Sobral, 1979
- História Religiosa da Meruoca. UVA, Sobral, 1979
- Ceará, Homens e Livros. Fortaleza, Greel, 1981
- Traços Biográficos de Dom José Tupinambá da Frota. Fortaleza, 1982.
- História Religiosa de Ibiapina. IOCE. Fortaleza, 1982.
- Vários Discursos.

Presentemente, na qualidade de sócio, faço parte das seguintes entidades culturais, Instituto Genealógico Brasileiro, com sede em São Paulo, Instituto do Ceará, Academia Cearense de Letras, Academia Sobralense de Estudos e Letras, e Instituto Cultural do Vale Caririense de Juazeiro do Norte.

Sem meu merecimento, fui agraciado com as seguintes medalhas e honrarias:

Medalha Justiniano de Serpa, do Governador do Estado do Ceará.

- Medalha do Educador, do Sindicato dos Professores Particulares do Ceará.

- Medalha do Mérito, do RC de Fortaleza-Alagadiço.

- Professor Emérito, da Faculdade de Filosofia Dom José de Sobral.

- Cônego Honorário do Cabido da Basílica de São Pedro em Roma.

FRANCISCO URBANO DE ALBUQUERQUE PESSOA MONTENEGRO

Natural de Sobral, era filho de Manuel de Melo Montenegro e Genebra Francisca Pessoa. Neto paterno do Capitão Domingos de Melo Montenegro e Maria Teresa de Melo. Neto materno do Capitão-mor João Ribeiro Pessoa e Genebra de Vasconcelos Castro.

Seus pais vieram de Pernambuco residir em Sobral, onde era vigário o Pe. João Ribeiro Pessoa, irmão de sua mãe. Seu genitor foi vereador da Câmara Municipal de Sobral no ano de 1781.

Pe. Francisco Urbano era irmão do Pe. João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro, líder da Revolução Pernambucana de 1817.

Estudou as primeiras letras em Sobral, com o Pe. Antônio Tomás da Serra, mestre-escola falecido em Sobral a 13 de agosto de 1787.

Matriculado no Seminário de Olinda, ali se ordenou sacerdote.

Foi Capelão de Santa Quitéria de 1º de dezembro de 1816 a novembro de 1818. No ano seguinte foi nomeado cooperador da freguesia de Sobral.

Durante a efervescência política da Confederação do Equador, assumiu atitudes de firme adesão ao movimento libertário. Esteve presente em Fortaleza à solene Sessão de 25 de agosto de 1824, cuja ata assinou com o nome de Pe. Francisco Urbano Jararaca.

Amigo do Pe. Mororó, com ele colaborou na impressão do "Diário do Governo do Ceará", órgão oficial da Confederação do Equador na Província.

Com o fracasso da revolução, temendo represálias, transferiu-se para Amontada, de onde foi capelão de 1825 a 1832.

Foi ainda vigário de São Miguel do Taipu, Paraíba, e de Una, em Pernambuco. Faleceu como vigário de Igarassu, Pernambuco, em 1876.

Conforme registram os livros de batismo da Matriz de Sobral, nasceram nessa cidade os seguintes irmãos do Pe. Francisco Urbano:

Manuel, a 12 de junho de 1780.

José, a 19 de setembro de 1784.

Brás, a 22 de janeiro de 1786.

Teresa, a 9 de abril de 1787.

Quanto ao Pe. João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro, famoso cabeça da Revolução Pernambucana de 1817, nasceu em Tracunhaém, Pernambuco, a 28 de fevereiro de 1766, antes

da vinda de seus pais para Sobral, ocorrida em 1774. Aqui, porém, passou parte de sua infância e estudou as primeiras letras. Em Sobral foram seus mestres o Pe. Antônio Tomás da Serra e o Pe. Antônio Jácome Bezerra, ambos cooperadores do vigário da matriz sobralense. Este último, ao regressar a Pernambuco, também participou ativamente da Revolução de 1817, ao lado de seu antigo discípulo.

Batizou o Pe. Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil a 26 de julho de 1818.

G

GONÇALO INACIO DE LOIOLA ALBUQUERQUE MORORÓ

Filho do Alferes Félix José de Sousa Oliveira e de Teodora Maria de Jesus, casados a 5 de agosto de 1765, nasceu a 24 de julho de 1778 na Fazenda Santa Bárbara, à margem do riacho Sabonete, região conhecida pelo nome de Arrebíta, termo da freguesia e do município de Sobral.

No registro das fazendas de criar e plantar pertencentes ao território do termo da então Vila de Sobral, feito na Câmara Municipal no ano de 1788, seu pai declara ser "possuidor e morador na Fazenda de gado denominada Santa Bárbara, no riacho Sabonete, medindo meia légua de terra que principia da parte de baixo com terra da Fazenda do Padre Domingos Francisco Braga e finda da parte de cima com terras de Manuel Madeira de Matos". (Liv. Registros da Câmara de Sobral, 1788, nº 288). Declarou mais possuir um escravo, 133 cabeças de gado, sendo 30 de caprino, 40 de cavalar e 83 de vacum, bem como plantio de três mil covas de mandioca com produção de cem alqueires de farinha anuais e ter semeado naquele ano "meia mão de milho".

O confinante da parte de baixo foi quem lhe administrou o sacramento do batismo e o confinante da parte de cima era seu avô materno, conforme se vê do batistério que abaixo transcrevemos: "GONÇALO, filho legítimo do Alferes Felix José de Sousa Oliveira, natural do Rio Grande, e de Dona Teodora Maria de Jesus, natural desta freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Vila do Sobral e nela moradores; neto paterno de Francisco de Sousa Oliveira e de sua mulher Dona Tecla Rodrigues Pinheiro, naturais do Rio Grande, neto ma-

terno do Tenente Manuel Madeira de Matos, natural de Coimbra, e de sua mulher Dona Francisca de Albuquerque Melo, natural de Serinhaém, nasceu a vinte e quatro de julho de mil setecentos e setenta e oito e foi baptizado com os santos oleos a quinze de setembro do dito anno, na Capela de Nossa Senhora do Rosário de Guimarães, filial desta Matriz de Sobral pelo Reverendo Padre Domingos Francisco Braga, de minha licença. Foram padrinhos Inácio Abrantes de Vasconcelos por procuração que mostrou Antonio Madeira de Matos e Dona Maria Madeira, moradores desta freguesia, de que eu cura João Ribeiro Pessoa mandei fazer este termo para constar e assínel. João Ribeiro Pessoa". (Liv. Bat. Sobral, 1777-1810, fl. 16).

Seu pai, nascido no Rio Grande do Norte em 1739, emigrou para a Ribeira de Acaraú, onde sentou praça na Povoação da Calçara, chegando ao posto de Alferes. A 5 de agosto de 1765 contraiu núpcias com Teodora Maria de Jesus, fixando residência no Arrebita, na Fazenda Santa Bárbara, que recebeu do sogro como dote de casamento. Aí dedicou-se à pecuária e à agricultura, construindo sólido patrimônio. O casal gerou sete filhos, cinco dos quais nasceram nessa fazenda e foram batizados na Capela do Riacho Guimarães (Gralras) e os dois últimos nasceram na vila de Sobral, sendo batizados na Matriz. Gonçalo foi o quinto dos sete filhos, conforme se vê na seguinte relação:

1. Gertrudes Teresa Inácia, nascida a 28 de fevereiro de 1767, c.c. o português Antonio Martins Viana a 6 de novembro de 1775.

2. Francisco de Sousa Oliveira, nascido em dezembro de 1768, c.c. sua prima Agueda Francisca Xavier, a 24 de fevereiro de 1800.

3. Maria Joaquina de Oliveira, nascida em março de 1771, c.c. o português Francisco Lopes Teixeira, a 28 de outubro de 1788.

4. Ana Antonio de Sousa, c.c. o tabelião sobralense Antonio Furtado do Espírito Santo, a 22 de setembro de 1791.

5. Pe. Gonçalo Inácio de Lolola.

6. Inácio de Sousa Oliveira, nascido em setembro de 1780.

7. Raimunda Francisca Xavier, nascida a 24 de agosto de 1783, c.c. seu primo José Francisco Ximenes Aragão a 15 de julho de 1800.

Em 1778, ano em que nasceu o Pe. Mororó, seus pais passaram a residir na vila de Sobral, tendo o Alferes Félix José assumido a função de escrivão da Câmara Municipal.

Gonçalo passou toda a infância em Sobral, onde aprendeu as primeiras letras na escola do Tenente Manuel Correia Lopes de Sá. Em 1793, matriculou-se na escola pública do Pe. Manuel Francisco Rodrigues Cunha, primeiro professor de Gramática Latina da vila sobralense, destacando-se de tal modo entre seus condiscípulos que o Pe. Cunha, em petição dirigida em 1799 ao Bispo de Olinda, Dom Azeredo Coutinho, solicitando licença para se ausentar de Sobral, declara que "deixará como seu substituto um dos seus alunos mais adiantados, Gonçalo Inácio de Lolola". O bispo deferiu a petição, mas o jovem Gonçalo, em vez de assumir a cadeira, resolveu acompanhar seu mestre na viagem a Pernambuco, onde foi encaminhado para o recém-criado Seminário de Olinda, do qual foi um dos alunos fundadores, juntamente com seu conterrâneo Francisco Gonçalves Ferreira Magalhães.

Nas festas da inauguração oficial desse Seminário, ocorrida a 6 de fevereiro de 1800, os dois seminaristas sobralenses se apresentaram recitando versos em louvor do bispo fundador. Logo depois recebeu comunicação da morte de seu pai, acontecida a 30 de janeiro, na Fazenda do Arrebita. Dom Azeredo Coutinho procurou apoiar o jovem Gonçalo na orfandade, admitindo-o como seu secretário particular e ajudando-o financeiramente no custeio dos estudos eclesiásticos.

Nos exames para matrícula no Seminário, Gonçalo, já com 22 anos de idade, se mostrou possuidor de conhecimentos humanísticos suficientes, pelo que foi admitido diretamente no curso de teologia. Após três anos letivos, foi ordenado sacerdote em novembro de 1802. Celebrou primeira missa solene na Matriz de Sobral no dia 8 de dezembro do mesmo ano. Seu primeiro apostolado desenvolveu-se na Ermida de Nossa Se-

nhora da Guia da Barra do Acaraú, onde esteve nos dias preparatórios da festa do Natal. Começava assim suas atividades sacerdotais que se caracterizam por contínuas viagens e andanças pelas capelas e fazendas da freguesia. Seu sobrinho Manuel Ximenes Aragão, que o acompanhava nessas caminhadas, afirma, nas Memórias que publicou, que seu tio "fazia sua subsistência de capelanias pelo sertão, onde estava familiarizado".

De 1803 a 1808 esteve como serventuário dos vigários da Matriz de Sobral, ministrando os sacramentos por todo o interior da freguesia, e como auxiliar de magistério de seu amigo Pe. Manuel Pacheco Pimentel, professor público de Sobral. Com a nomeação do Pe. Pimentel para o cargo de vigário da freguesia de São Gonçalo da Serra dos Cocos no fim do ano de 1808, Pe. Gonçalo o acompanhou, transferindo-se para a jurisdição daquela paróquia. Durante esse tempo, prestou assistência religiosa na Capela de Vila Nova d'El Rei, hoje Guaraciaba do Norte. Em 1810 assumiu a capelania de Boa Viagem. Em junho de 1813 o encontramos batizando na Capela de Santa Quitéria e, no ano seguinte, na Capela de Tamboril, onde combate a jogatina e encena peças dramáticas.

Averso à vida sedentária, em 1815 transfere residência para Quixeramobim, onde se dedica ao magistério particular e adquire fama de intelectual pelos estudos de botânica e sermões bem burilados. Em outubro de 1816 empreende viagem a Fortaleza, ocasião em que pronuncia na Matriz, no dia 12, brilhante Sermão de Ação de Graças pela feliz união dos três Reinos de Portugal, Brasil e Algarves, na presença do Governador Manuel Inácio Sampaio. Este pomposo panegírico, que foi depois publicado pela Impressão Régia do Rio de Janeiro, impressionou vivamente o Governador, amante das letras e promotor das célebres tertúlias literárias conhecidas pelo nome de Outeiros. A partir daí, Pe. Gonçalo fez-se comensal e protegido de Sampaio, para quem escreveu e recitou versos pindáricos em latim e em vernáculo.

Em 1817, ano da Revolução de Pernambuco, permaneceu em Quixeramobim, mas mesmo de longe acompanhou o desenrolar dos acontecimentos tomando posição a favor do governo. Data desse tempo o início de seu envolvimento em lutas

políticas que lhe trouxe tantos dissabores, e a própria morte. Tornou-se leitor assíduo do "Correio Brasiliense", periódico liberal editado em Londres e com circulação clandestina em Portugal e Brasil, de cujas idéias não participava a princípio. Pe. Gonçalo defendia o antigo regime, como se pode ver da carta, datada de 24 de setembro de 1817, que de Quixeramobim dirigiu ao Governador Sampaio, denunciando as tendências republicanas e as arbitrariedades do Ouvidor João Antônio Rodrigues de Carvalho, com quem se desentendeu sobre o movimento revolucionário pernambucano. Nessa missiva, cujo texto integral se acha publicado na Revista do Instituto do Ceará, 1924, p. 568, afirma ser acusado de comprado pelo Governador e se declara pronto a derramar o sangue na defesa da verdade da causa do Rei. Sete anos depois, por ironia da sorte, os papéis se invertem: o Ouvidor é escolhido pelo Imperador para governar a Província de Santa Catarina e o Pe. Gonçalo é sentenciado à morte pelas forças imperialistas.

A carta fez crescer a amizade do Governador Sampaio e, graças a esse bom relacionamento, conseguiu a nomeação de seu cunhado Francisco José Ximenes Aragão para o cargo de escrivão de Quixeramobim e sua própria nomeação para professor de Gramática Latina de Viçosa, cargo que não chegou a assumir alegando decadência daquela vila da Serra da Ibiapaba. Solicitou transferência da cadeira para Aracati, sendo nomeado a 17 de agosto de 1818.

Foi durante sua permanência nessa vila que escreveu uma memória sobre a carnaúba, em que deixou demonstrados seus profundos conhecimentos de botânica. Magoado por acusação de desídia no exercício do magistério retirou-se dali em dezembro de 1821, transferindo-se novamente para Vila Nova d'El Rei, Guaraciaba, onde foi se encontrar com o Pe. Manuel Pacheco Pimentel.

No ano seguinte, tomando conhecimento da Independência do Brasil e temendo rumos perigosos para a Nação nas mãos de Dom Pedro I, voltou a residir em Quixeramobim, onde conseguiu ser eleito vereador. Sua prevenção contra o Imperador aumentou com a dissolução da Constituinte ocorrida a 12 de novembro de 1822. Liderou campanha de protesto contra

o ato arbitrário de Dom Pedro I, movimento que culminou com a violenta declaração da Câmara de Quixeramobim, no dia 9 de janeiro de 1824, considerando decaída a Dinastia de Bragança, acoimando o Imperador de traição e proclamando o governo republicano. No dia 18, Pe. Gonçalo vai ao Icó e consegue a adesão dos camaristas dessa vila às idéias dos colegas de Quixeramobim.

O descontentamento começa a se alastrar por todo o Nordeste e nasce a idéia da organização da Confederação das Províncias do Norte, em regime republicano, conhecida na história por Confederação do Equador.

De sentido nacionalista regional, seus líderes resolveram adotar cognomes nativos, tendo o Pe. Gonçalo escolhido o de Mororó, com que passou a ser conhecido.

Atendendo a insistente convite de Tristão Gonçalves, que a princípio recusou, viajou para Fortaleza com o fim de secretariar a nova administração da Província, já quase totalmente solidária com os ideais libertários da Confederação. De pronto assumiu o encargo de redator do "Diário do Governo do Ceará", primeiro jornal da Província, cujo primeiro número circulou no dia primeiro de abril de 1824. Redigiu também todas as proclamações do governo de Tristão Gonçalves. A 26 de agosto secretariou a memorável Sessão Extraordinária do Grande Conselho que proclamou a República no Ceará.

Não tardou a violenta represália das forças imperialistas. Pe. Mororó foi preso a 20 de novembro e levado para a Corte, embarcado no navio de guerra Laxford. As agruras por que passou abateram-lhe o ânimo de tal forma que de repente todos os seus cabelos encaneceram. Chegando ao Rio de Janeiro foi conduzido à presença do Imperador que lhe pergunta: "Quem sois?" Pe. Mororó responde: — "Sou o Padre Gonçalo". Adverte-lhe então o Monarca: "Pois bem, ide viver, meu padre velho, que não sois capaz senão de compaixão e de que se use convosco de misericórdia".

Permaneceu preso no Rio ainda por mais de dois meses, mas regressou ao Ceará com tanta confiança na justiça da

Comissão Militar que recusou, durante a viagem de volta, o convite do capitão Inglês do navio para conduzi-lo à Europa. "Quem não deve, não teme", disse ele ao comandante do brigue. Chegando a Fortaleza foi entregue à Comissão Militar que o condenou à pena capital por ser considerado "um demônio autor da República de Quixeramobim e de sua abominável e execrada ata". Foi julgado juntamente com o Coronel João de Andrade Pessoa Anta, também condenado à morte.

Determinada a manhã de 30 de abril de 1825, sábado, para a execução, saíram ambos os condenados do oratório do quartel para a Capela do Rosário, onde ouviram missa celebrada por Frei Luís do Espírito Santo Ferreira. Antes, Pe. Mororó confessou-se com seu conterrâneo Pe. Antônio Castro e Silva, que sempre esteve a seu lado nesses momentos cruciais.

Organizado o lúgubre cortejo, chegaram ao Campo da Pólvora, hoje Passeio Público, local do suplício, sob as vistas da população curiosa e estupefata.

Pe. Mororó foi o primeiro a ser arcabuzado. Não houve a cerimônia da degradação das ordens sagradas e nem foi necessário o tiro de honra, pois ele mesmo, pondo a mão no coração, indicou exatamente o alvo, exclamando: "Camaradas, o alvo é aqui. Tiro certo que não me deixe sofrer muito". Tudo aconteceu como pedira. Seu corpo caiu inerte com o único tiro que lhe varou o coração e lhe cortou um dedo da mão direita.

Foi sepultado no pavimento da Matriz, hoje Catedral de Fortaleza, onde suas cinzas perdidas aguardam a ressurreição dos justos.

Sacramento Blake, em seu conhecido "Dicionário Bibliográfico", o diz Cavaleiro da Ordem de Cristo e assim resume suas virtudes intelectuais: "Homem de vasta erudição, possuía, além dos conhecimentos das matérias eclesiásticas, os de física e de história natural e foi poeta lírico, compondo com igual perfeição, tanto na língua vernáculo como na latina; orador sagrado, escritor e jornalista político, jurisconsulto e botânico".

João Brígido afirma que "era de talhe elegante, alto, faces rosadas, expressão graciosa e vivaz".

Pe. Mororó era tio do Cônego Justino Furtado de Mendonça, também biografado neste livro.

H

HERCULANO BERNARDINO FERREIRA GOMES

Nasceu no município de Sobral no ano de 1822, filho do Capitão Bernardino Ferrelra Gomes e Francisca da Penha de São José, casados a 20 de janeiro de 1817. Neto paterno de João Ferrelra da Cruz e Francisca Xavier de Araújo, casados a 8 de abril de 1799. Neto materno de José Lopes Freire e Francisca da Penha, casados a 16 de setembro de 1790.

Seu pai é natural de Santana do Acaraú e sua mãe nasceu em Sobral a 10 de março de 1800.

Após os estudos realizados em Sobral com o professor Gregório Francisco Torres e Vasconcelos, foi matriculado no Seminário de Olinda no ano de 1851. Ali também foi ordenado sacerdote no ano de 1854.

Suas primeiras atividades sacerdotais foram exercidas na freguesia de Santa Quitéria na qualidade de vigário cooperador, onde esteve de janeiro de 1855 ao fim do ano de 1860. Nesse período prestou muita assistência religiosa na Capela de Santana da Barra do Macaco, hoje Macaraú e que também teve a denominação de Entre-Rios.

Seu nome aparece também nos registros de casamentos e batismos da Capela do Riacho Guimarães, hoje Groaíras, onde conferiu o sacramento da iniciação cristã ao Pe. Antônio de Sousa Barros, em 1858.

J

JAIRO LINHARES PONTES

Nasceu em Sobral a 31 de dezembro de 1933, filho de Francisco Jacinto Ferreira da Ponte e Maria Linhares, casados a 25 de janeiro de 1928. Neto paterno de Jacinto Ferreira da Ponte e Maria da Glória Linhares, casados a 11 de novembro de 1891. Neto materno de José Prisco Linhares Lima e sua primeira mulher Maria Amália Albuquerque Linhares, casados a 21 de setembro de 1906.

É o seguinte o teor do registro de batismo: "Aos onze de janeiro de mil novecentos e trinta e quatro na Igreja Matriz foi solenemente batizado o párvulo Jairo, pelo Monsenhor Fortunato Linhares, nascido na freguesia de N. S. do Patrocínio a trinta e um de dezembro de mil novecentos e trinta e três, filho legítimo de Francisco Jacinto Ferreira da Ponte e de Maria Linhares, moradores nesta paróquia. Foram padrinhos Monsenhor Fortunato Linhares e Antonieta Linhares. E para constar, lavrou-se este termo que assino. O vigário Pe. Luiz Franzoni." (Liv. Bat. Patrocínio, Sobral, nº 10, fl. 16 v.).

Estudou as primeiras letras com as professoras Alzira Madeira e Maroca Paula, concluindo o curso primário no Grupo Escolar Professor Arruda. Iniciou o curso ginásial no Colégio Sobralense.

Foi matriculado no Seminário Menor de Sobral a 8 de fevereiro de 1952, onde permaneceu até dezembro de 1957. Em fevereiro do ano seguinte matriculou-se no Seminário de Fortaleza para concluir os cursos de Filosofia e Teologia.

Foi ordenado sacerdote na Catedral de Sobral, a 29 de junho de 1963, por Dom João José da Mota e Albuquerque.

Iniciou seus trabalhos sacerdotais na paróquia de Santana do Acaraú no ano de 1964. Foi também cooperador da freguesia de São Benedito.

Ao fixar residência em Sobral, foi nomeado coordenador diocesano da Catequese, cargo que exerceu com muita proficiência. Prestou também serviços na Paróquia do Patrocínio de Sobral, como vigário coadjutor.

Atualmente é capelão da igreja do Rosário e professor do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota.

Cultiva, com muito esmero, a arte musical, sendo apreciado compositor de hinos e canções, sacros e profanos, de rara inspiração.

É irmão do Pe. José Linhares Ponte e sobrinho materno do Pe. Francisco Linhares, também biografados neste livro.

JERÔNIMO TOMÉ DA SILVA

Enquanto nas ruas a população da então pacata cidade de Sobral comemorava festivamente com fogueiras e fogos de artifício, as vespersas do dia de Santo Antônio do ano de 1849, na intimidade acolhedora de uma velha casa senhoril situada na rua da Vitória fazendo esquina com a rua Velha do Rosário, nascia Dom Jerônimo Tomé da Silva, um dos luminares da Igreja do Brasil.

A fé de seus progenitores, seis dias depois, levava à pia batismal da majestosa Matriz o novo rebento do seu amor, como se vê do termo que passo a transcrever: "Jerônimo, branco, filho legítimo de João Thomé da Silva e Dona Maria da Penha e Silva, desta freguesia de Sobral, nasceu a doze de junho de mil oitocentos e quarenta e nove, e foi solenemente batizado pelo Padre Miguel Francisco da Frota, de minha licença, a dezoito do mesmo mês e ano. Padrinhos Miguel Francisco do Monte e Ana Clara Francisca do Monte. E para constar fiz este termo que assino. O vigário colado Francisco Jorge de Sousa". (Livro nº 33, fl. 34 v.).

Seu pai, o Comendador João Tomé da Silva, nascido a 11 de fevereiro de 1815, filho legítimo do português Tomé de Sousa e Silva e de Joaquina Pereira da Silva, foi político de projeção, Comandante Superior da Guarda Nacional, agraciado por Decreto de 23 de maio de 1871 com a Comenda da Imperial Ordem da Rosa e faleceu em Sobral, a 28 de maio de 1821, filha do Capitão Inácio Gomes da Frota e Ana Joaquina de Vasconcelos, expirou a 21 de agosto de 1877.

Jerônimo permaneceu em sua terra natal até quase a idade de 15 anos, tendo sido educado pelo Pe. Antônio Fialho, figura exemplar de padre-mestre, de quem aprendeu as primeiras letras e os rudimentos da língua latina.

No lar, adquiriu uma educação que primava pela honradez e respeito à moral, em ambiente tipicamente patriarcal marcado de requintes aristocráticos e refinamentos sociais. De seu sisudo pai recebia freqüentes sugestões para seguir a carreira da medicina, enquanto o acompanhava nas lides comerciais e na assistência amudada aos deveres de católico praticante. O exemplo profundamente religioso de sua mãe despertou-lhe o temor de Deus e a prática das virtudes cristãs.

Foi assim, acordado muito cedo para a vocação sacerdotal, apesar da contrária orientação paterna, estimulado sobretudo por seu tio, que o batizou, o admirável Padre Miguel Francisco da Frota, que foi zeloso vigário do Icó, e testemunhou a fé, com o martírio, nos longínquos e ermos sertões da Bahia para onde se deslocara em cumprimento de árdua e penosa missão de ofício.

No início de 1864, Jerônimo viaja para a Capital baiana, sozinho, movido apenas pela coragem e ardor da juventude, com o fim de seguir dali para a Europa, em navio que zarpou a 30 de abril. Depois de rápida estada na França, dirige-se para Roma onde se matricula no Pontifício Colégio Pio Latino-Americano para frequentar a Universidade Gregoriana. Aí, a 3 de setembro de 1869 recebe a láurea de Licenciado em Filosofia doutorando-se em Teologia a 12 de agosto de 1873.

Ainda hoje, um seu retrato está exposto, em lugar de destaque, no Salão Nobre daquele colégio romano, para sempre ser lembrado como um de seus mais ilustres alunos.

No sábado das tēporas do Advento do ano de 1872, dia 21 de dezembro, foi ordenado sacerdote pelo Cardeal Patrizi na capela-mor da Basílica de São João de Latrão, igreja-mãe de todas as igrejas. No dia seguinte, domingo, com toda a unção de neo-presbítero, canta sua primeira missa sobre o túmulo de São Pedro, na Basílica Vaticana.

Em dezembro de 1873, retorna à Pátria, fixando-se em Fortaleza, onde lecionou Filosofia no velho Seminário da Praia e foi secretário de Dom Luís Antônio dos Santos. Também na Capital cearense, foi um dos fundadores do Colégio São José, em 1876, juntamente com seu ex-colega de Roma, Pe. Ananias Correia do Amaral, e colaborou assiduamente na "Tribuna Catholica".

Em janeiro de 1877, ano da grande seca, teve que se deslocar para Sobral a fim de dar assistência à sua mãe enferma, permanecendo na cidade natal até o mês de outubro. Ficaram por muito tempo lembrados os sermões que proferiu diariamente, durante todo o mês de maio, na Matriz sobralense, diante de inumeráveis fiéis que se deleitavam em ouvi-lo.

A convite de Dom Vital, em janeiro de 1878, seguiu para Olinda em cujo Seminário lecionou Filosofia e Retórica, tendo publicado os manuais didáticos destas duas disciplinas para uso de seus alunos. Em Recife, ministrou aula de Italiano e Retórica no conhecido Ginásio Pernambuco (1878—1889) e fundou o jornal "Aurora", no qual escreveu vibrantes artigos em defesa de Dom Vital durante a famosa Questão Religiosa.

Depois do advento da República, a chamado do Internúncio Apostólico, foi ao Rio de Janeiro, sendo aí surpreendido celebradas pelo episcopado brasileiro, sendo aí surpreendido com sua nomeação para Bispo do Pará.

A 26 de junho de 1890, por nomeação do Papa Leão XIII, Pe. Jerônimo tornou-se Bispo da Diocese de Santa Maria de Belém do Pará, com a imensa responsabilidade de substituir a Dom Antônio de Macedo Costa. Na oportunidade desejando relembrar os saudosos tempos de estudante, segue para Roma onde foi sagrado, na Capela do Colégio Pio Latino, a 26 de outubro de 1890, pelo Cardeal Rampolla, o grande Secretário de Estado do Vaticano. Durante essa rápida temporada na Cidade

Eterna escreveu e publicou sua primeira Carta Pastoral, de saudação aos seus diocesanos.

Ao retornar ao Brasil, logo tomou posse de sua Diocese, publicou nova pastoral comemorando o jubileu de Leão XIII, a quem muito admirava e de quem recebeu as grandes lições da Encíclica "Aeterni Patris" e, posteriormente, da "Rerum Novarum". Teve ocasião de manifestar em público, por duas vezes, esta veneração ao Sumo Pontífice, quando escolhido para falar em nome do episcopado de toda a América Latina, no início e encerramento do Concílio Plenário Latino-Americano, discorreu sabiamente sobre a ação social e apostólica de Leão XIII.

Em Belém, apenas em três anos de episcopado, deixou rastros de gigante. Realizou a conclusão das obras suntuosas da reforma da artística Catedral, orgulho do povo paraense. Melhorou consideravelmente as dependências do Seminário, o Asilo Santo Antônio e quase todos os prédios pertencentes ao patrimônio diocesano. Percorreu em canoa, grande parte do vasto território de sua jurisdição.

Afeiçou-se de tal maneira ao clero e à família belenses que chorou de emoção quando se viu transferido para a Arquidiocese da Bahia. É ele mesmo quem o revela na Carta Pastoral de despedida: "o Santo Padre Leão XIII houve por bem desligar-nos do vínculo que nos prendia a mui querida e amada diocese do Pará! Em virtude deste ato do Soberano Pontífice, tivemos que deixar, com o coração transido de saudades, estremecidos filhos que muito nos animavam nos trabalhos apostólicos da Amazônia. Quando fomos obrigados a deixar as águas do famoso Guajará, respeitáveis sacerdotes e distintas famílias acompanhando-nos até ao paquete que nos devia conduzir, selamos com lágrimas as inúmeras provas de apreço e estima que durante três anos havíamos trocado".

E se despedia especialmente dos menos favorecidos da fortuna: "Adeus, pobres, que de carícias e afetos encheistes o nosso coração; a graça de Deus enriqueça as vossas almas. Foi o Senhor quem nos mandou apascentar-vos; é o Senhor que nos envia agora a outro rebanho. Seja bendito o seu nome".

Nas entrelinhas refulge a luz da profunda fé, da cativante humildade e do entusiasmo zelo apostólico. Um jornalista do tempo soube sintetizar a ação de Dom Jerônimo no Pará. "Ele um Bispo que soube cumprir o seu dever".

Pelo Breve Apostólico "Apostolatus officium" de 12 de setembro de 1893, Dom Jerônimo, transferido para dirigir a Arquidiocese de São Salvador da Bahia, é nomeado Arcebispo Primaz do Brasil. Na época, o mais elevado posto da hierarquia católica no País.

O enorme peso desta nova responsabilidade nunca esteve ausente de sua consciência. Ele próprio o manifestou em Carta Pastoral: "É uma idéia que nos faz estremecer. Bahia é o berço de grandes vultos da Pátria; é a mãe de ilustres filhos, atletas da religião. Bahia é a montanha augusta sobre a qual teem brilhado fulgurantes candelabros da fé católica. Bahia é a primeira cátedra episcopal do Brasil e nela se hão sentado preclaros metropolitanos, dotados de grande saber e virtudes. Não temos predicados para ser o continuador de tão gloriosas tradições; não temos suficiência bastante para preencher com dignidade o honroso cargo; e quando para isso tivéssemos as qualidades necessárias, de bom grado declinaríamos de tanta honra, porque imensa é a responsabilidade que vamos ter. No desempenho de tão árdua missão, Deus é que nos há de ajudar".

O estilo nos desvenda a grandeza d'alma que nos faz lembrar os varões de Plutarco.

Dom Jerônimo foi recebido triunfalmente na Bahia. Tomou posse da Sé Primacial a 27 de fevereiro de 1894 e nela permaneceu durante trinta anos. Foi o primeiro arcebispo de Salvador a percorrer pessoalmente todo o vasto território da Arquidiocese, até os lugares mais ínvios, extensões imensas naqueles tempos carentes de todos os confortos da civilização. Abriu inúmeras casas religiosas e dezenas de colégios. Sob sua influência foram criadas várias dioceses e elevadas a nível de Nunciatura Apostólica a representação da Santa Sé junto ao governo brasileiro ao tempo do Presidente Afonso Pena.

Escolhido na preferência de São Pio X para ser o primeiro cardeal brasileiro, declinou da honraria conseguindo convencer a Santa Sé de que esta distinção caberia melhor ao Arcebispo do Rio de Janeiro por ser a Capital do País.

Foi por tudo isto que Dom Jerônimo, humilde e culto, se tornou alvo da veneração e respeito de todo o povo brasileiro. A profundidade de sua cultura e a solidez de sua fidelidade ao Evangelho o tornaram um dos mais notáveis vultos da Igreja no Brasil.

Dom Jerônimo foi homem de intensa atividade intelectual desde os tempos de estudante até os últimos dias de sua vida. Profundo conhecedor da Teologia e da Filosofia Tomista, escrevia com agradável estilo e possuía raros dotes oratórios. Foi grande sua produção literária.

Além dos vários artigos que publicou na "Tribuna Catholica" de Fortaleza e no jornal "Aurora", que ele mesmo fundou em Recife, conheço de sua lavra as seguintes obras editadas:

- Oração Fúnebre pelas vítimas da hecatombe do Vitória, proferida a 27 de julho de 1880, na Matriz da Boa Vista. Recife, Tipografia do "Tempo", 1880.
- Discurso Fúnebre, nas exéquias do Visconde do Rio Branco, Recife, 1880.
- Manual Filosófico, Recife, 1886, 431 páginas.
- Manual Retórico e Poético, Tip. Industrial, Recife, 1886.
- Saudação aos Diocesanos, Carta Pastoral, Roma, 1890.
- Júbileu de Leão XIII, Carta Pastoral, Pará, 1890.
- Sagração da Catedral de Belém, Pará, 1892.
- Transferência para Salvador, Imprensa Econômica, Bahia, 1894.
- 4º Centenário do Descobrimento do Brasil. C. Pastoral, Bahia, 1900.
- Gruta do Senhor da Lapa, C. Pastoral, Bahia, 1903.
- Publicando a Carta de Leão XIII, Bahia, 1904.
- Criação de três novas Dioceses, C. Pastoral, Bahia, 1904.

Nestas obras, demonstrou ser profundo conhecedor do vernáculo e das regras da boa redação. Seu estilo fluente e castiço denuncia a vocação de grande escritor. Teodoro Sampaio, na imprensa baiana, fez-lhe merecidamente o elogio: "Dom Jerônimo foi brilhante nas letras."

Não foi, portanto, sem razão, que se tornou Sócio-Honorário do Instituto do Ceará e Patrono da Cadeira nº 13 da Academia Cearense de Letras.

Chorado por quantos o conheceram, Dom Jerônimo faleceu a 19 de fevereiro de 1924, cercado do carinho e da veneração do povo baiano.

O Governador de então, J. J. Seabra, decretou que lhe fossem prestadas honras de Chefe de Estado e o Prefeito da cidade Epaminondas Torres, determinou luto oficial por três dias. Seus restos mortais repousam no chão da Catedral-Basílica da Bahia, aguardando o dia da ressurreição, ainda hoje venerados respeitosamente.

O jornal "Osservatore Romano", órgão do Vaticano, ao registrar a infausta notícia de seu desaparecimento, assim se expressou: "Era Dom Tomé da Silva um Santo. O nome do venerando Prelado ficará como uma glória do Brasil e de toda a América imperecível entre os que melhor serviram a Deus e à Igreja".

Dom Ranulfo, então Bispo de Guaxupé, que o conheceu de perto e escreveu-lhe o necrológio, sintetizou as qualidades marcantes de sua personalidade: "Gravidade e suavidade de modos, tranqüilidade de espírito, calma habitual, ponderação nas resoluções, prudência absoluta, reserva necessária, amenidade de trato, singeleza e despreendimento de toda a ostentação terrena, de toda grandeza ilusória; inclinado sempre à caridade, com acentuados pendores para o perdão e a complacência, prestimoso e benéfico; com estes dons e outras singulares prerrogativas, sem falar das luzes do espírito, da clareza da inteligência, era o saudoso morto um grande homem, dotado de uma alma imensa e vasta em generosidade, de um coração riquíssimo de afetos, de uma mente que só cogitava do bem e da perfeição".

Foi assim Dom Jerônimo, um dos maiores filhos do Ceará. A imprensa baiana considerou sua morte prematura porque "Desprendendo ainda de seu vulto chispas de viva claridade, no esplendor sempre intenso de sua atividade intelectual e moral, longe estávamos de presumir tão cedo se apagasse aquele astro de fulgentíssimo brilho, pelo saber e pela virtude, que se chamaria Dom Jerônimo Tomé da Silva."

Foi um homem que fez da vida um dever.

JOÃO DE FRANÇA MELO

Nasceu a 19 de julho de 1905. Seus genitores, Luís de França Melo e Maria do Carmo França, casaram-se a 5 de fevereiro de 1896. Os avós paternos, Luís de França Melo e Francisca Teresa de Jesus, casaram-se a 25 de abril de 1846 e os avós maternos, Francisco Frederico Carneiro e Irene Maria de Vasconcelos, a 24 de outubro de 1876.

Foi batizado por seu tio, Pe. Manuel de França Melo, conforme registra o seguinte documento: "João, filho legítimo de Luiz de França Melo e D. Maria do Carmo França, nasceu a dezenove de julho de mil novecentos e cinco e foi batizado solenemente pelo Pe. Manuel de França Melo, na Capela do Menino Deus, a treze de dezembro do mesmo ano. Padrinhos: Ernesto Deocleciano de Albuquerque e D. Francisca Sabóia de Albuquerque, representada por D. Joaquina de Albuquerque Silva. Para constar mandei fazer este assento que assigno. O vigário Mons. Diogo José de Sousa Lima". (Liv. Bat. Sobral, Sé, nº 54, fl. 65).

Depois dos primeiros estudos em Sobral, foi matriculado no Seminário de Fortaleza em 1924, onde concluiu os cursos de Filosofia e Teologia.

Foi ordenado sacerdote na Catedral de Sobral, a 30 de maio de 1931, por Dom José Tupinambá da Frota.

A 9 de janeiro de 1932 tomou posse da paróquia de Guaraçaba do Norte, onde permaneceu até 31 de dezembro de 1935.

Transferido para a paróquia de Granja, tomou posse a 12 de janeiro de 1936 e se afastou do cargo a 31 de dezembro do mesmo ano.

Em 1937 mudou-se para a cidade de João Pessoa, na Paraíba, onde serviu durante pouco tempo. No mesmo ano, transferiu residência para Vitória do Espírito Santo, diocese a que se acha incardinado atualmente.

Ali dedica-se ao magistério e auxilia nos trabalhos pastorais da Catedral.

JOÃO GUALBERTO RIBEIRO PESSOA

Nasceu a 12 de julho de 1782, filho do Capitão José Tavares Pessoa e Luiza Francisca Palhano.

O termo de batismo presta detalhadas informações sobre a naturalidade de seus ascendentes: "João Gualberto, filho legítimo de José Tavares Pessoa, natural da freguesia de Igarassu, e de sua mulher Dona Luiza Francisca Palhano, natural da freguesia de São Gonçalo da Serra dos Cocos e moradores nesta de Nossa Senhora da Conceição da Vila do Sobral, neto paterno do Capitão-mor João Ribeiro Pessoa, natural de Igarassu, e de sua mulher Dona Genebra de Vasconcelos Castro, de Goiana, e neto materno do Sargento-mor Bernardino Gomes Franco, natural de Cascais do Patriarcado de Lisboa, e de sua mulher Francisca de Matos Vasconcelos, natural da Serra dos Cocos, nasceu a doze de julho de mil setecentos e oitenta e dois e foi batizado com santos oleos a vinte e oito do mesmo mês e ano, nesta Matriz, pelo Padre Coadjuutor Antonio Jácome Bezerra, de minha licença. Foram padrinhos: eu cura João Ribeiro Pessoa e Dona Felícia Teodora Dornelas Pessoa, mulher de Gonçalo Novo de Lira, moradores nesta freguesia, do que para constar fiz este termo e assinei. João Ribeiro Pessoa, cura e vigário da Vila do Sobral". (Liv. Bat. Sobral, 1777-178, fl. 291).

Seu pai era irmão do vigário de Sobral, Pe. João Ribeiro Pessoa, e tio do Padre João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro, cabeça e mentor da Revolução Pernambucana de 1817. Foi Juiz Ordinário da Câmara de Sobral, de 1776 a 1782.

João Gualberto, juntamente com seu primo João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro, foram alunos, em Sobral, dos

Padres Manuel Francisco Rodrigues da Cunha e Antonio Jácome Bezerra. Ainda muito jovem, também em companhia do primo, foi enviado para o Colégio dos Nobres em Lisboa, onde concluiu o curso de humanidades. Retornou a Sobral em janeiro de 1803, quando seu nome aparece nos termos de batismo, na qualidade de padrinho de várias crianças, com o título de "licenciado".

Em 1804 seguiu para Olinda a fim de se matricular no Seminário. Ali foi ordenado sacerdote no ano de 1807. Não mais regressou a Sobral.

Exerceu suas atividades sacerdotais como vigário das freguesias de São José do Mipibu, Rio Grande do Norte, da qual foi o 5º pároco, e de Pombal, Paraíba, onde residiu até a data de seu falecimento.

JOÃO JOSÉ DE CASTRO

Nascido a 27 de janeiro de 1847, era filho de José Prudêncio de Castro e Francelina Ermelina de Castro, casados a 8 de janeiro de 1842.

Neto paterno de Inácio de Castro e Silva, natural de Santa Cruz do Jaguaribe, e de Rosa Maria do Nascimento. Neto materno de Francisco Gomes Parente e Isabel Carolina da Hungria.

A seguir o registro do batismo: "João, branco, filho legítimo de José Prudêncio de Castro e Francelina Esmerina de Castro, naturais e moradores nesta freguesia de Sobral, nasceu a vinte e sete de janeiro de mil oitocentos e quarenta e sete e foi batizado solenemente por mim nesta Matriz a vinte e oito de março do mesmo ano. Padrinhos Miguel Francisco do Monte e sua mulher Ana Clara do Monte, residentes nesta freguesia. E para constar fiz o presente termo em que assigno. O vigário encomendado Francisco Jorge de Sousa". (Liv. Bat. Sobral, 1844-1848, fl. 142 v.).

Estudou as primeiras letras e humanidades com o Pe. Antônio da Silva Fialho. A 18 de julho de 1867 foi matriculado no Seminário de Fortaleza, onde, após haver concluído os estu-

dos de Filosofia e Teologia, foi ordenado sacerdote a 30 de novembro de 1872.

A 10 de maio de 1873 foi nomeado coadjutor de Santa Quitéria, onde esteve apenas durante três meses, pois a 16 de agosto foi chamado a Sobral para prestar assistência ao palenfermo, o qual faleceu no dia 28, com 54 anos de idade. Com a morte do pai, solicitou ao Bispo Diocesano para permanecer em Sobral, tendo sido nomeado cooperador da Matriz sobralense, a 10 de setembro do mesmo ano, em substituição ao Pe. João Francisco Ramos. Foi ele quem benzeu a pedra fundamental do Teatro São João, a 3 de novembro de 1875. Ficou residindo em Sobral até 3 de novembro de 1881, dia em que viajou para Ipu a fim de assumir aquela freguesia.

A nomeação para vigário de São Sebastião do Ipu tem data de 12 de setembro de 1881. Tomou posse oficial dessa paróquia, no dia 13 de novembro, em missa solene na qual o sermão gratulário foi pronunciado pelo Pe. Antônio Ferreira de Paula. Construiu a capela de São José de Ipuetinha no ano de 1892.

Faleceu repentinamente no Ipu, a 11 de junho de 1893, aos 46 anos de idade.

JOÃO JOSÉ MENDES DE MELO

Nasceu a 29 de novembro de 1823, filho de Antônio José de Melo e Teodósta Maria da Conceição, conforme se vê do registro de batismo que passo a transcrever: "João, filho legítimo de Antônio José de Melo, natural da freguesia de Santo Antônio do Recife de Pernambuco, e de Teodósta Maria da Conceição, natural da freguesia de São Gonçalo da Serra dos Cocos, nasceu a vinte e nove de novembro de mil oitocentos e vinte e três e foi batizado solenemente com santos óleos e vinte e três e sete de fevereiro de mil oitocentos e vinte e quatro pelo Padre Antônio Mendes de Mesquita, de minha licença. Foram padrinhos José Ferreira do Monte e Mariana Messias de Meneses por procuração que apresentou Joaquina Figueira de Melo, solteira, do que para constar mandei fazer

este assento em que assina. Antônio da Silva Pereira Camelo Pessoa, vigário de Sobral". (Liv. Bat. Sobral, 1822-1825, II, 121). Seu pai, comerciante, veio residir em Sobral em 1815, es-

tabelecendo-se com uma venda de molhados. João foi preparado para o sacerdócio na escola do Padre Antônio da Silva Fialho, que o encaminhou para o Seminário de Olinda, onde foi matriculado em 1842. Iniciou o curso de Teologia em 1843, sendo ordenado sacerdote em 1845. Depois de ordenado veio para Sobral, onde cantou a primeira missa solene a 23 de junho do mesmo ano. Ficou residindo em Sobral durante os anos de 1845 e 1846. Nesse tempo foi nomeado professor primário de Santa Quitéria, mas não assumiu a função.

Nos anos de 1837 e 1848 esteve em Granja como cooperador do vigário Padre Barbosa Cordelro. No período de 1849 a 1861 estabeleceu-se novamente em Sobral auxiliando o vigário, tempo em que percorreu o território da freguesia em continuas desobrigas. Seu nome aparece principalmente nos assentos batismais referentes às capelas de Meruoca, Santana, Santa Cruz e Barra do Acaraú. Nessa última capela esteve exercendo o magistério no ano de 1850 e o cargo de coadjutor nos anos de 1853 e 1854.

Em 1862 transferiu residência para Ibiapina, onde morava sua irmã Constança Maria Teodósta, mulher de Antônio Lopes Freire, filho de Otaviano Lopes Freire e Inocência Maria da Conceição, casados em Sobral a 24 de setembro de 1852. Documento datado de 10 de dezembro de 1862, que encontrei no Arquivo Público de Fortaleza, registra um termo de hipoteca de seus bens, incluindo uma casa de morada sita na Rua da Boa Vista, em Sobral, e o sítio São Pedro na Serra da Meruoca, para garantir o pagamento de um empréstimo de um conto e trezentos mil réis que recebera de João de Matos do Amaral. A 15 de maio de 1863 obteve novo empréstimo, no valor de duzentos mil réis, recebido do Tenente-Coronel Pedro de Brito Passos, dinheiro com que adquiriu por compra o sítio Monte, no lugar Nazaré, propriedade de Manuel Bezerra do Vale, seu cunhado, casado com sua irmã Maria Teodósta Bezerra.

A 18 de maio de 1864 é chamado a Fortaleza por Dom Luís Antônio dos Santos a fim de prestar exames canônicos, ocasião em que é severamente repreendido por fazer casamentos irregulares na freguesia de Viçosa. Foi suspenso de ordens, exceto a de celebrar missa.

Acabrunhado com a pena eclesiástica, transferiu-se para a Diocese do Maranhão, onde foi readmitido às ordens sacras. Nomeado vigário da paróquia de Marvão, atual Castelo do Piauí, exerceu a função por pouco tempo, pois faleceu a 6 de junho de 1869, com 46 anos de idade.

A ele refere-se Antônio Bezerra, em "Notas de Viagem", descrevendo a frouxidão dos costumes da população de Ibiapina, quando afirma: "Ainda não há muito, o Padre Melo na ocasião em que se dispunha a celebrar a missa, é arrastado até à rua, fechando-se em seguida a porta da igreja".

JOÃO DE LIRA PESSOA DE MARIA

Nasceu a 18 de fevereiro de 1860, filho de João de Lira Pessoa e Francisca Marcolina do Carmo, casados a 7 de janeiro de 1846.

Neto paterno de Diogo Lopes do Coração de Maria Aguiar e Francisca Xavier de Lira Pessoa, casados em 1820. Neto materno de Antônio Rodrigues Lima Leonissa e Maria do Livramento, casados a 4 de novembro de 1830.

Aos sete anos de idade ficou órfão de pai, que faleceu a 8 de novembro de 1867. Foi educado na escola do Professor Vicente Ferreira de Arruda, grande latinista, que o preparou para o ingresso no seminário.

Em 1880 viajou para Belém do Pará, onde residia seu irmão, o Pe. Antônio de Lira Pessoa e ali foi matriculado no Seminário. Em 1882, com a transferência de seu irmão para paroquiar no interior do Maranhão, resolveu continuar seus estudos eclesiásticos no Ceará, matriculando-se no Seminário de Fortaleza. Ali foi ordenado sacerdote no dia 19 de junho de 1887. Foi cantar a primeira missa solene na Matriz de Brejo, Maranhão, onde então era vigário seu irmão sacerdote.

Retornou a Fortaleza, onde exerceu o magistério no Seminário durante os anos letivos de 1888 e 1889. Nesse ano, teve carta comendatícia de transferência para o Maranhão. Ali, ensinou no Seminário durante dois anos, seguindo em 1892 para Brejo na qualidade de cooperador de seu irmão, vigário daquela freguesia. Assumiu referida paróquia em dezembro de 1894, nela permanecendo até dezembro de 1900. No ano seguinte ocupou o cargo de Cura da Catedral de São Luís do Maranhão, onde esteve apenas por um ano.

No início de 1902 transferiu-se para Sobral, quando fundou o Colégio Santa Úrsula, destinado à educação da juventude feminina. Infelizmente, por dificuldades financeiras, o educandário deixou de funcionar em junho de 1904.

Com o fechamento da escola, o Pe. João de Lira resolveu transferir residência para o Rio de Janeiro. Em abril de 1905 foi nomeado capelão da igreja de São Pedro da antiga capital da República, recebendo, simultaneamente, o título honorífico de Cônego do Cabido daquela Arquidiocese.

Faleceu, no Rio de Janeiro, a 12 de outubro de 1934.

JOÃO MENDES LIRA

Nascido a 24 de janeiro de 1925, é filho de José de Lira Pessoa e Jaci Mendes Lira, casados a 15 de novembro de 1913. Neto paterno de Galdino de Lira Pessoa e Isabel Maria Aguiar, casados a 5 de março de 1878. Neto materno de Raimundo Nonato de Vasconcelos e Maria José Mendes, casados a 10 de junho de 1882.

É o seguinte o teor do registro de batismo: "João, filho legítimo de José de Lyra Pessoa e Jacy de Lyra Pessoa, nascido aos vinte e quatro de janeiro de mil novecentos e vinte e cinco, foi por mim, na Cathedral, solenemente baptizado aos vinte e nove de março do mesmo anno. Padrinhos: Miguel Aguiar e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Para constar mandei lavrar este assento que assigno. O vigário Padre José Gerardo Ferreira Gomes". (Liv. Bat. Sé de Sobral, nº 67, fl. 126).

Estudou as primeiras letras com a professora Elvira Agular e o curso primário na escola do Professor Luís Felipe.

Matriculou-se no Seminário de Sobral a 2 de fevereiro de 1939, onde concluiu o curso de humanidades em dezembro de 1944. Em fevereiro do ano seguinte foi matriculado no Seminário Maior de Fortaleza, onde concluiu o curso de Filosofia em dezembro de 1946.

Em 1947 viajou com destino a Roma com o fim de estudar Teologia na Escola dos Carmelitas Descalços. No fim do mesmo ano regressou ao Brasil, quando foi matriculado no Seminário Maior de João Pessoa, Paraíba, onde concluiu o curso de Teologia.

Foi ordenado sacerdote na Catedral de Sobral a 28 de outubro de 1951, por Dom José Tupinambá da Frota.

Iniciou os trabalhos sacerdotais na paróquia de Frecheirinha, de que foi vigário no período de 18 de novembro de 1951 a 6 de janeiro de 1954. Em fevereiro do mesmo ano fixou residência em Sobral como professor do Seminário e capelão da igreja da Saúde. Em 1962 foi nomeado capelão do Colégio Santana, cargo que ainda hoje ocupa com louvável dedicação. Dedicado ao magistério, tem lecionado História e Geografia no Colégio Sobralense, Colégio Santana e na Faculdade de Filosofia Dom José. Por três vezes empreendeu viagem à Europa, com grande proveito para seus estudos.

Incansável pesquisador da história de Sobral, publicou as seguintes obras:

- "De Calçara a Sobral", 1971.
- "Nossa História", 1972.
- "Sobral dentro da área de Estudos Sociais", 1973.
- "Sobral — Sua história documental e a personalidade de Dom José", 1975.
- "Sobral na história do Ceará e a personalidade do Pe. Ibiapina", 1976.
- "A vida e a obra de Domingos Olímpio", 1977.
- "O eclipse total do sol visto e observado em Sobral no dia 29 de maio de 1919 e as teorias de Einstein", 1979.
- "A Escravidão e a Abolição dos Escravos em Sobral", 1981.

— "Relacionamento entre pais e filhos", 1982.

— "Vida e Obra de Dom José Tupinambá da Frota", 1982.

Publicou também mais de 500 artigos no jornal "Correio da Semana", em coluna intitulada "Nossa História", precioso manancial sobre fatos da história sobralense.

Padre Lira é Comendador da "Ordem Militar dos Templários" com sede na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, e sócio do "Centro Histórico e Antropológico" de Fortaleza.

JOÃO RODRIGUES ALVES DE MENDONÇA

Nasceu em Sobral no ano de 1828, filho de João Alves de França e Vicência Maria de Mendonça, casados a 19 de fevereiro de 1827.

Era conhecido popularmente pela alcunha de Padre Joca.

Foi ordenado sacerdote no ano de 1851, no Maranhão, onde concluiu os estudos eclesiásticos.

Iniciou suas atividades sacerdotais na paróquia de Santa Quitéria, como cooperador do vigário Pe. Francisco Manuel de Lima Albuquerque, a partir de janeiro de 1852.

De Santa Quitéria foi transferido para a capela de São Sebastião do Ipu, de onde se deslocava para a Serra da Ibiapaba em intensa obra missionária. Há uma provisão de Dom Luís Antônio dos Santos, datada de abril de 1866, nomeando-o confessor dos fregueses do Ipu.

A 29 de agosto de 1869 lançou e benzeu a pedra fundamental da Capela de Nossa Senhora Auxiliadora de Carnaubal, cidade de que é o fundador, em terreno cedido por Eloi de Sampaio Brito.

A 23 de janeiro de 1873 está em Viçosa do Ceará, onde preside as cerimônias fúnebres do sepultamento do Pe. João Crisóstomo de Oliveira Freire.

Com a criação da freguesia de São Benedito a 6 de agosto de 1874, Padre Joca foi nomeado primeiro vigário da nova paróquia. A portaria de sua nomeação data de 9 de novembro de 1874 e a posse solene se deu no dia 10 de janeiro de 1875.

Pároco extremamente zeloso, desdobrava-se na assistência religiosa a seus paroquianos, em contínuas viagens a pé, fazendo um apostolado pessoal, de casa em casa, digno dos melhores encômios.

Morreu, como viveu, em viagem, no sítio Tabatana, a 4 Km de Guaraciaba do Norte, no dia 11 de maio de 1879, de mal súbito. Seu corpo foi sepultado na cidade de São Benedito, com grande consternação de seus paroquianos.

JOÃO SCALIGERO AUGUSTO MARAVALHO

Nasceu a 23 de junho de 1845, filho do primeiro matrimônio de Rufino Alves Maravalho e Francisca Carolina Pessoa.

Era afilhado de batismo do Pe. José Sabino Lopes de Alcântara, conforme se vê do seguinte registro: "João, filho legítimo de Rufino Alves Maravalho e Francisca Carolina Pessoa, nasceu a vinte e três de junho de mil oitocentos e quarenta e cinco e foi batizado com os santos oleos nesta Matriz pelo Reverendo Francisco Antonio de Melo, de minha licença, a treze de julho do dito ano. Padrinho o Padre José Sabino Lopes de Alcântara e Ana Laureana Memorina, casada, e para constar mandei fazer este assento e assigno. O vigário José da Costa Barros." (Liv. Bat. Sobral, 1844-1848, fl. 36, v.).

Seu pai era alfaiate e se casou, em segundas núpcias, com Maria Francisca do Nascimento, filha de Luis Antônio Bezerra e Maria da Conceição, a 4 de abril de 1868. Faleceu a 24 de novembro de 1877.

O pequeno João foi educado na escola do Pe. Antônio da Silva Fialho que lhe acrescentou o apelido Scaligero, como costumava fazer com quase todos os alunos.

Foi matriculado no Seminário de Fortaleza no ano de 1864, em cuja capela foi ordenado sacerdote a 21 de setembro de 1869. Após a ordenação viajou a Sobral, onde cantou a primeira missa solene e permaneceu, na companhia dos familiares, até o fim desse ano. Logo em janeiro do ano seguinte foi nomeado professor do Seminário de Fortaleza, tendo exercido o magistério durante três anos.

No início do ano de 1873 foi nomeado vigário de Quixadá, cargo que exerceu até o mês de fevereiro de 1878. Ali sofreu perseguição por parte de adversários políticos, pelo que renunciou a paróquia. Voltou, então, a residir em Fortaleza, onde esteve na função de vigário cooperador da Sé Catedral até 14 de outubro de 1878, dia em que recebeu Carta Comendatícia para se transferir para o Rio de Janeiro.

Na antiga Capital do País lecionou em vários colégios durante quase vinte anos, com pequena interrupção, tempo em que viajou ao Rio Grande do Sul para exercer o magistério no Seminário de Porto-Alegre.

Depois da breve temporada naquela Província, fixou residência no Rio, dedicando-se ao jornalismo. Participou na Campanha Abolicionista com muito ardor. Fundou o jornal "A Estrela" em que escreveu violentos artigos contra Floriano Peixoto. Foi também, durante catorze anos, redator do "Apóstolo". Este jornal foi empastelado e queimado a 7 de março de 1897, pelo o Pe. Maravalho teve que fugir para a Europa, perseguido e ameaçado de morte pelos jacobinos. Após um breve exílio, retornou ao Rio de Janeiro e restaurou a folha.

Homem culto e jornalista destemido, colaborou para vários jornais de Fortaleza, principalmente "Tribuna Católica" e "Constituição".

Publicou as seguintes obras:

- "O Companheiro Fiel do Cristão", Ceará, 1872, 420 pp.
- "O Século Atual e o Dogma da Infabilidade", Ceará, 1872.
- "O Cristianismo", tradução da obra de Verger, 2 Vols. 1874.

Foi biografado por Sacramento Blake e Barão de Studart em seus respectivos Dicionários.

Faleceu no Rio de Janeiro.

JOAQUIM ANTUNES DE ALMEIDA

Nasceu a 13 de março de 1931, filho do tabelião Antônio Joaquim Rodrigues de Almeida e Alda Lopes Rodrigues, casados a 29 de dezembro de 1928. Neto paterno de Joaquim Antunes

de Almeida e Estefânia Rodrigues de Almeida, casados a 3 de maio de 1896. Neto materno de Francisco Nascimento Rodrigues Lima e Amália Lopes.

É o seguinte o termo de seu batismo: "Joaquim, data do nascimento treze de março de mil novecentos e trinta e um, filho legítimo de Antônio Joaquim Rodrigues de Almeida e Alda Lopes Rodrigues, domicílio dos pais em Sobral, batizado a trinta de maio de mil novecentos e trinta e um, na Catedral, por mim. Padrinhos: Hugo de Paula Pessoa e Maria Almeida e Paula Pessoa. Em testemunho da verdade, assino. Padre José Gerardo Ferreira Gomes, vigário". (Liv. Bat. Sé de Sobral, nº 72, fl. 74).

Matriculou-se no Seminário Menor de Sobral no dia 8 de fevereiro de 1944, concluindo o curso de humanidades em dezembro de 1949.

Em fevereiro de 1950 ingressou no Seminário Maior de Fortaleza, onde concluiu os cursos de Filosofia e Teologia.

Foi ordenado sacerdote na Catedral de Sobral em 1955.

Iniciou suas atividades sacerdotais em Sobral, como professor do Seminário e Assistente da Juventude Estudantil Católica — JEC.

Prestou serviços na Diocese de Parnaíba, Piauí, no Colégio São Luís durante os anos letivos de 1959 e 1960.

Em 1961 transferiu-se para a Diocese de Estância, Sergipe, onde ainda hoje permanece auxiliando o bispo local Dom José Bezerra Coutinho. Ali vem se destacando por seus esforços em benefício dos operários e rurícolas.

JOSÉ AFONSO PONTE

Nascido a 20 de abril de 1917, é filho de Joaquim Afonso Ferreira e Francisca Ferreira da Ponte, casados a 11 de julho de 1903. Neto paterno de Feliciano Ferreira da Ponte e Rita Maria da Conceição, casados a 24 de julho de 1879. Neto materno de João Germano Ferreira da Ponte e Maria Madalena Bezerra de Araújo, casados a 31 de maio de 1883.

Foi batizado na Catedral de Sobral, conforme atesta o seguinte documento: "José, filho legítimo de Joaquim Afonso Ferreira e Francisca Ferreira da Ponte, nasceu a vinte de abril de mil novecentos e dezessete e foi por mim solenemente batizado na Igreja Matriz a dez de maio do dito anno. Padrinhos: José Feliciano Ferreira da Ponte e Rita Carmen de Aragão. Para constar fiz este assento que assigno. O vigário Padre Francisco Leopoldo Fernandes Pinheiro." (Liv. Bat. Sé de Sobral, nº 61, fl. 120).

Após os estudos secundários, em 1937, matriculou-se no Curso de Filosofia do Seminário Maior de Fortaleza e em 1939, no curso de Teologia.

Foi ordenado sacerdote, em Fortaleza, a 29 de novembro de 1942, por Dom Antônio de Almeida Lustosa.

Iniciou o ministério sacerdotal como professor do Seminário e Capelão da Casa de Saúde São Lucas.

De 31 de janeiro de 1944 a 21 de janeiro de 1945 foi vigário cooperador de Itapajé. Durante o restante do ano de 1945 esteve em Maranguape, também como cooperador do pároco. Passou o ano de 1946 em Fortaleza auxiliando na paróquia do Patrocínio.

A 31 de janeiro de 1947 assumiu a freguesia de Socorro, hoje Mineirolândia, sendo posteriormente transferido para a paróquia de São Gerardo, em Fortaleza, onde desenvolveu exemplar apostolado. Deixando o ofício de vigário, continua a residir em Fortaleza em companhia dos seus familiares.

JOSÉ ALFEU LOPES DE ARAÚJO

Nasceu a 6 de agosto de 1871. Seus genitores, José Lopes de Araújo e Ursula Francisca das Chagas, casaram-se a 23 de junho de 1854. Foram seus avós paternos Alexandre Henriques de Araújo e Zeferina Januária do Nascimento, casados a 15 de março de 1820. Foram seus avós maternos Antônio Lopes Freire e sua segunda mulher Mariana Francisca Cavalcante, casados em 1820.

A seguir a transcrição do registro do batismo: "José, filho legítimo de José Lopes d'Araújo e de Úrsula Francisca Lopes, nasceu a seis de agosto de mil oitocentos e setenta e um e foi batizado solenemente na Capela do Menino Deus pelo Padre João Francisco Ramos a seis de setembro do dito ano. Padrinhos: Durval Lopes Cavalcante e Francisca Zeferina Pessoa. E para constar mandei fazer este assento que assigno. O vigário Vicente Jorge de Sousa". (Liv. Bat. Sobral, 1871-1873, fl. 112 v.).

Fez o curso de humanidades na escola do Professor Vicente Ferreira de Arruda.

No ano de 1891 seguiu para Roma, onde foi matriculado no Colégio Pio-Latino-Americano, passando a cursar Teologia na Universidade Gregoriana. Na Cidade Eterna recebeu a ordenação sacerdotal no ano de 1894.

Após viagem por alguns países da Europa, retornou à cidade natal, em 1895, onde residiu durante dois anos. Nesse tempo incentivou a vocação sacerdotal do jovem José Tupinambá da Frota, que o escolheu para diretor espiritual. Foi graças ao Pe. Alfeu que Dom José tomou a resolução de ir também estudar em Roma.

Em dezembro de 1896 transferiu-se para Fortaleza. Em abril de 1897 recebeu Carta Comendatícia para ir residir no Rio de Janeiro, onde já estava, desde 1889, o seu irmão Mons. Antônio Lopes de Araújo.

Na antiga Capital da República exerceu o magistério, com muita proficiência, no Conservatório Nacional de Música. Era exímio organista e um dos mais profundos conhecedores de música sacra no Brasil.

Padre Alfeu era cunhado do célebre maestro italiano Fúrio Franceschini, brasileiro naturalizado, mestre do Coral da Catedral Metropolitana de São Paulo.

Exercia seus mistérios sacerdotais na Matriz de Santana Rio de Janeiro, onde era conselheiro e confessor bastante procurado pelos fiéis.

Cônego do Cabido Metropolitano da Catedral do Rio de Janeiro, faleceu a 31 de março de 1941.

JOSÉ ALOÍSIO PINTO

É filho de Sobral, onde nasceu a 5 de maio de 1906. São seus genitores Antônio Rodrigues Pinto e Francisca Alice Rodrigues. Avós paternos, Antônio Rodrigues Pinto e Francisca Fellsmina da Silva. Avós maternos, Vicente Feljão Segundo e Maria José de Jesus.

Matriculou-se no Seminário de Fortaleza a 13 de março de 1921, iniciando em 1925 os estudos teológicos.

Recebeu o presbiterato em Sobral a 1º de dezembro de 1929.

Iniciou seu sacerdócio como professor do Seminário Menor de Sobral e Secretário do Bispado.

De 1º de novembro de 1930 a 27 de janeiro de 1931 esteve encarregado da paróquia de Meruoca, quando o antecessor Pe. Manuel Henriques foi nomeado vigário de Camocim.

Após o assassinato do Pe. José Arteiro Soares a 19 de julho de 1931, assumiu interinamente a paróquia de Acaraú, onde permaneceu até a posse do Pe. Sabino de Lima Feijão, ocorrida a 19 de junho de 1932.

Com a inauguração do Ginásio Sobralense, realizada a 1º de fevereiro de 1934, assumiu a direção deste estabelecimento de ensino, onde se destacou como educador de raros méritos durante 33 anos de ininterrupta atividade. Deixou a direção do colégio a 17 de dezembro de 1966.

Em 1948 fundou a Escola Profissional São José, que funcionou inicialmente anexa ao Colégio Sobralense, na Praça Quirino Rodrigues. Posteriormente foi transferida para vasto e moderno prédio, por ele construído no Bairro Sinhá Sabóia. Inaugurado a 19 de março de 1967. Cedida à Fundação do Bem-Estar do Menor, a Escola Profissional, ainda hoje dirigida por seu fundador, continua a prestar relevantes serviços à juventude carente de ensino e de afeto de toda a região.

Foi agraciado pela Santa Sé com o título de Monsenhor, Prelado Doméstico.

Mons. Aloísio reside hoje em sua Escola Profissional totalmente dedicado à educação dos menores abandonados.

JOSÉ ANTÔNIO PEREIRA DE MARIA IBIAPINA

Padre Ibiapina empreendeu em quase todo o Nordeste uma obra gigantesca de educação e de assistência social. Sem recursos humanos e financeiros, movido apenas pela força de seu idealismo, procurou preparar, nas províncias nordestinas, a transição do patriarcado rural decadente para a sociedade urbana brasileira que, em seu tempo, começava a se organizar.

A intenção primeira de sua atividade missionária era impregnar de cristianismo as vertentes mais destacadas por onde corriam os veios da nova forma de civilização que se implantava entre nós, sobre as cinzas da família tutelar rural e do trabalho escravo. Dominava-o a visão luminosa da aurora do novo mundo social que nascia, marcado pelo ideal do trabalho livre e pelas influências do processo de urbanização que crescia. Dentro deste contexto, não é exagerado o juízo de Gilberto Freire considerando o Padre Ibiapina "do ponto de vista do catolicismo ou cristianismo social, a maior figura da Igreja do Brasil". Também Celso Mariz, seu melhor biógrafo, não tergiversa em afirmar: "Ele deve ser classificado como uma das maiores figuras apostolares do Brasil. Foi de certo a maior que até hoje lutou no Nordeste por um ideal de trabalho e de fé".

Homem clarividente e lúcido, compreendeu muito cedo a necessidade de substituir, na família, as antigas formas maternas da sociedade rural pelas donas de casa preparadas para viver o mundo moderno sem se afastar do espírito do Evangelho e da Moral Cristã. Foi com este objetivo que criou vinte e duas "Casas de Caridade" no interior do Piauí, Ceará, R. G. do Norte, Paraíba e Pernambuco. Neste trabalho, afirma ainda Gilberto Freire, "sob certos aspectos genial, parece ter sido Ibiapina. Mas dos gênios incompreendidos de que muito se fala e que na verdade existem, embora em número reduzido". (Ver "Sobrados e Mucambos", 1º tomo, p. LXXVI).

Padre Ibiapina nasceu na Fazenda "Olho d'Água do Riacho das Jaíbaras", município de Sobral, a 5 de agosto de 1806, sendo filho de Francisco Miguel Pereira Ibiapina e de

Teresa Maria de Jesus. Neto paterno de Manuel Ferreira de Sousa, Capitão de uma das Companhias de Cavalaria Miliciária da Ribeira do Acaraú, e de Teresa Maria d'Assunção, casados a 7 de janeiro de 1766. Neto materno de Antônio Pereira de Azevedo, que foi Procurador da Câmara de Sobral, e de Maria Furtado de Mendonça, casados a 10 de fevereiro de 1782.

Seu pai, nascido em Sobral a 8 de maio de 1782, era autodidata letrado, homem irrequieto e idealista, tabelião e escrivão das correições, profissão esta que dele exigia viagens contínuas e penosas, tendo que acompanhar o Ouvidor e Corregedor Geral da Comarca por todo o interior da Província. Em companhia do Ouvidor Francisco Afonso Ferreira esteve na povoação de São Pedro da Ibiapina, primeira localidade a visitar no exercício de seu cargo, tendo por isto, como foi costume dos revolucionários da Confederação do Equador, acrescentado ao seu nome o apelido "Ibiapina", homenagem àquela cidade da Serra da Ibiapaba. Demorou-se ainda em Icó e Jardim, retornando a Fortaleza em 1823, quando abraçou os ideais da Revolução, sendo arcabuzado a 7 de maio de 1825 no Passeio Público.

Sua mãe, Teresa Maria de Jesus, foi batizada na Matriz de Sobral a 28 de abril de 1785 e faleceu, em Fortaleza, a 4 de novembro de 1823.

Os biógrafos do Pe. Ibiapina, principalmente Paulino Nogueira, costumam afirmar que seu pai teria raptado a jovem Teresa para contrair matrimônio, evitando assim seguir a vocação sacerdotal que seus genitores lhe queriam impor. Este suposto fato é inclusive considerado por Gilberto Freire como início do "enfraquecimento do poder dos patriarcas, rebelião dos filhos contra os pais, das mulheres contra os homens, dos indivíduos contra as famílias, dos súditos contra o Rei", sintomas estes precursores da desintegração da família patriarcal que se operava. Ora, em que pese a validade das considerações do sociólogo pernambucano, este rapto não existiu, como prova convenientemente o registro do casamento religioso de Francisco Miguel com Teresa, no qual há qualquer alusão àquele impedimento dirimente, mas ao contrário de-

clara que "feitas as diligências de estilo de que não resultou impedimento algum". Não houve, portanto, o rapto tão palado. O casamento dos pais do Padre Ibiapina foi absolutamente normal, realizado na Matriz de Sobral a 29 de outubro de 1803, servindo de testemunhas o Sargento-mor Antônio de Sousa Neves e o Capitão Antônio Furtado do Espírito-Santo.

Padre Ibiapina foi menino de fraca compleição física, advindo-lhe daí a alcunha de "Pereirinha". Intelectualmente, porém, sempre se manifestou muito bem dotado. Aprendeu as primeiras letras no lóco na escola do professor José Felipe e, no Crato, completou sua instrução primária. Os rudimentos da língua latina aprendeu do mestre Joaquim Teotônio Sobreira de Melo na vila do Jardim.

Depois da fixação de seus pais em Fortaleza durante o ano de 1823, seguiu para Olinda com o fim de estudar no Seminário, tendo se demorado, porém, pouco tempo, já que as notícias da morte de sua mãe (4 de novembro de 1823), do bárbaro assassinato de seu irmão mais velho Raimundo Alexandre no degredo da Ilha de Fernando de Noronha (meado de 1824) e do fuzilamento de seu pai (7 de março de 1825), não lhe deram mais condições de prosseguir os estudos. Sentiu a obrigação de voltar ao Ceará para assistir aos irmãos menores, órfãos de pais e de carinhos e de quem foram confiscados os poucos bens que ainda lhes restavam. Não é difícil aquilatar o mar de amarguras que envolveu sua alma de jovem nesse transe doloroso. A mão de amigos e o óbulo de pessoas caridosas permitiram-lhe superar as primeiras dificuldades.

Seu coração ainda adolescente encontrou também consolo no amor de Carolina Clarense, filha de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. Como ele, Carolina sofria também a orfandade do pai martirizado por causa do mesmo ideal e das mesmas aventuras. Com ela, Ibiapina pensava em casar, logo tivesse condições financeiras para tal. Carolina, porém, anos depois, devotou-se a outro amor.

Resolvidos os problemas mais urgentes da família, em 1827, Ibiapina retorna a Pernambuco em companhia de duas

irmãs menores que necessitavam mais de sua ajuda. Em Olinda matriculou-se na recém-criada Academia de Direito, onde encontrou o sobralense Jerônimo Martiniano Figueira de Melo, que com ele eram os dois únicos cearenses integrantes da primeira turma de bacharéis daquele curso jurídico e que colaram grau a 9 de outubro de 1832.

Por Decreto da Regência datado de 1º de fevereiro de 1833, tendo em vista o brilhantismo com que concluiu o curso jurídico, Dr. Ibiapina foi nomeado professor de Direito Natural daquela renomada escola.

Candidato mais votado no Ceará para ocupar uma cadeira de Deputado Geral na Assembléia da Nação para a legislatura de 1834-1837, Dr. Ibiapina seguiu para o Rio de Janeiro, onde prestou juramento na sessão ordinária de 3 de maio de 1834. Filiado ao Partido Liberal, que dominava a política desde o 7 de abril da Abdicação e na Regência de Feijó, Ibiapina sentiu-se constrangido a apoiar o governo que mandara fuzilar seu próprio pai e se manifestou um político profundamente silencioso, sem ser porém inativo.

Em julho de 1835, pela primeira vez, pede a palavra na Assembléia para apresentar um aditivo de projeto exigindo a redução de três quartas partes da moeda de cobre circulante no País e um projeto criando uma cadeira de Economia Política em Belém do Pará, então envolta na Revolução de Cabanada, com a obrigação de o professor explicar a Constituição. No mais, distinguiu-se pela apresentação de indicações vazadas em termos sucintos, francos e ferinos. Sejam exemplos: "Que se convide a Câmara para que em assembléia geral se trate de remediar a crítica posição em que se acha o Brasil. Paço da Câmara, 27 de agosto de 1835. Ibiapina". E esta outra: "Indico que se dirija uma mensagem ao trono com o fim de ser substituído o atual Ministro da Fazenda por quem possa desfazer a crise financeira que ameaça esmagar o Brasil. Paço da Câmara, 16 de julho de 1836. Ibiapina".

Na época, era Ministro da Fazenda o cearense Dr. Manuel do Nascimento Castro e Silva que não explicara bem o motivo de um roubo ocorrido no Tesouro Nacional.

Em 1837, último ano de seu mandato, apareceu apenas duas vezes na tribuna do plenário para propor modificações nos currículos das Academias de Direito de São Paulo e Olinda. Com a Regência de Araújo Lima, decidiu-se a abandonar a política. Sabe-se que recusou a presidência de uma província e não aceitou participar de uma composição ministerial.

Por Decreto de 12 de dezembro de 1833, Dr. Ibiapina foi nomeado Juiz de Direito e Chefe de Polícia da recém-criada Comarca de Quixeramobim, tendo tomado posse, um ano depois, a 10 de dezembro de 1834. Em ofício dirigido ao Presidente José Martiniano de Alencar, dois dias após ter assumido o cargo, solicitou força para punir os criminosos e prometeu "o emprego de todo o cuidado para que de uma vez o crime deixe de zombar das leis".

No exercício de sua função, fez um ingente esforço para explicar o Código do Processo Penal aos iletrados componentes do Júri, ensinando-lhes as disposições legislativas criminais e a beleza do Direito e da Justiça. Procurou conciliar as inimizades políticas de Quixeramobim, mostrando o seu espírito de cristão e de educador. Ele mesmo explica a razão de sua conduta: "O acabamento das vinganças era muito difícil, porque elas se fundavam em antigas intrigas particulares nascidas das diferentes crises políticas por que tem passado nossa Província. Reuni as pessoas mais influentes deste lugar, em uma ceia, e conciliei todos os ânimos divergentes. De boa fé se comunicam hoje como amigos. Os criminosos perderam os protetores e estes passaram a ser os primeiros interessados na perseguição do crime". Aparece aqui bem nítida a tendência do educador consciente de que a educação é a base de toda e qualquer reforma dos homens.

Seus esforços, porém, foram baldados e, mais cedo do que esperava, os discípulos traíram as lições de seu mestre. Seu ideal de justiça foi bruscamente atingido pela absolvição de um criminoso, protegido de Alencar, em júri presidido por ele mesmo. Teve que acatar a decisão do tribunal popular, mas sua consciência lhe obrigou a deixar para sempre a magistratura. Rompeu com o Presidente e pediu exoneração do cargo a 14 de novembro de 1835.

Tendo abandonado, para sempre, a magistratura e a política, Dr. Ibiapina passou a residir no Recife. No início de 1838 abriu escritório de advocacia, tendo logo obtido sucesso graças à sua probidade e profunda cultura jurídica. Sempre andejo por temperamento, defendeu muitas causas em diversas comarcas do interior, sempre se destacando pela palavra fácil e pelos argumentos bem fundamentados.

O "Diário de Pernambuco", edição de 5 de agosto de 1878, assim sintetizou sua ação de causídico: "Durante muitos anos foi ele considerado, senão o primeiro, com certeza um dos mais notáveis advogados do Recife, já pelos seus conhecimentos como civilista, já pela facúndia e aptidão que revelava na tribuna criminal. Neste gênero deixou ele mais de um trabalho notável; os moços o tomavam por modelo, porque de fato havia em seu estilo alguma coisa de original, e a frase era límpida e correta".

Em 1850 perdeu uma questão cível cujo direito considerava indiscutível. Foi o bastante para abandonar a profissão e devolver os honorários ao cliente. Sua formação espiritual não aceitava resultados que lhe parecessem desonestos, e resolveu trocar as lutas forenses pelo silêncio da solidão.

Sua vida, até então, foi marcada de decepções. Desiludido, afastou-se por três anos da agitação do mundo e no silêncio da solidão passou a refletir o destino dos homens, como um filósofo inquietado. Escutemo-lo em comovente confiança dessa época: "Tenho simpatias pelas ruínas. Pensando nas ruínas de Cartago, de Palmira, do Egito, e outras, meu espírito se impressiona e me convida a meditar sobre os destinos da humanidade e a marcha sapientíssima com que Deus leva o homem ao fim para que foi criado. O presente e os sucessos ordinários da vida não me impressionam. Sou um homem do passado e do futuro. As obras da natureza me convidam a reflexões sublimes que me elevam até ao Criador, a quem curvado adoro, admiro, e me confundo. Onde me vêm este pensar e sentir? Desde o começo de minha vida que as desgraças me cercaram: meu pai fuzilado pela política, meu irmão desterrado onde morreu desgraçadamente, minhas irmãs em tenra idade abandonadas em casa de parentes. Por

tudo isto aprendi a pensar seriamente na idade da juventude e com pendor sempre para coisas penosas. Conheço que os revezes de minha vida explicam esta tendência do meu espírito, mas bem vejo que tudo é providencial, que Deus assim dispôs as coisas e o meu espírito para um fim que ele criou".

Para vencer esta crise espiritual só lhe pareceu encontrar uma solução: tornar-se sacerdote.

Se tivesse vivido apenas até esse tempo, Ibiapina já teria sido um grande homem. Mas ainda tinha uma enorme missão a realizar no mundo. Doravante é que vão se manifestar suas obras de gigante e seus lampejos de gênio.

Acolhido por Dom João da Purificação Marques Perdigão, Bispo de Olinda, foi ordenado sacerdote a 3 de julho de 1853. Suas primeiras atividades de padre foram no velho Seminário de Olinda onde lecionou Eloquência Sagrada, exercendo ainda as funções de Vigário Geral e Provedor da Diocese. Arredio à vida sedentária, logo conseguiu se afastar destes cargos e preferiu tornar-se missionário para poder viajar pelos sertões do Nordeste pregando, doutrinando, educando e construindo escolas, açudes, capelas, hospitais, cemitérios e as célebres "Casas de Caridade". O sistema que empregava era o mutirão, em que todos trabalham por um e cada um trabalha por todos.

As viagens longas, cansativas e freqüentes que empreendeu, nas precárias condições da época, são verdadeiramente de impressionar. Do Piauí a Pernambuco, visitou inúmeras localidades organizando missões em que ensinava ao povo desde os mais primários rudimentos de higiene até as mais sublimes exigências do Evangelho. A tônica de suas prédicas era a educação integral da mulher, modelada pela figura virginal da Mãe de Deus, cujo nome Maria introduziu em seu próprio nome e nos nomes de muitos de seus ouvintes. Desejava que cada mãe nordestina possuísse as prendas da mulher forte de que nos falam tão bem as sagradas escrituras.

A influência mística e espiritual que emanava de sua presença e a força convincente de sua palavra cheia de unção levaram homens e mulheres a mudar de vida, chegando alguns, infelizmente e a contragosto do mestre, a atingir as

ralas da beatice. Sabe-se da influência de seu exemplo sobre o comportamento de Antônio Conselheiro e da legião de donzelas que vestiram hábitos monásticos. Padre Ibiapina foi o líder espiritual mais autêntico dos sertões e o reformador mais equilibrado dos costumes morais do interior do Nordeste.

Não há dúvidas de que as Casas de Caridades foram a mais expressiva realização de seu gênio criador. Na obscuridade da superstição e do analfabetismo sertanejos, conseguiu, em pleno meado do século dezenove, acender a luz da fé genuína e da verdadeira instrução. As vinte e duas Casas de Caridade que fundou, espalhadas por todo o Nordeste, eram como cintilantes faróis do saber e da fé iluminando a noite da ignorância que envolvia os nossos sertões abandonados.

O Estatuto que redigiu para regularmentar a vida interna destes ninhos de amor e de educação, revela a clarividência do pedagogo que acreditava mais no perdão do que na sanção, no incentivo do que na opressão. Nestas casas, fato raro na época, não havia palmatória, nem prisão, nem escravos, nem castigos físicos. Muito menos, ociosidade ou ensino meramente teórico. Eram educandários do trabalho, onde as moças, geralmente órfãs, aprendiam a costurar, a cozer, a serzir, a bordar, a cuidar de doentes e a louvar a Deus na oração, invenção original nesse tempo de atingir a educação integral pelo aperfeiçoamento simultâneo da inteligência, das mãos e do coração.

Padre Ibiapina tinha o dom de convencer. Onde chegava, em tempo mínimo, conseguia mostrar a necessidade da construção da Casa de Caridade. A de Sobral, por exemplo, foi organizada em vinte dias, pois tendo chegado à terra natal a 20 de setembro de 1862, já no dia 27 deste mesmo mês a casa estava instituída, e a inauguração festiva oficial se deu a 28 de novembro do mesmo ano.

O Pe. Dr. José Antônio de Maria Ibiapina passou os últimos dias de sua agitada vida na tranqüila paz da solitária Casa de Caridade de Santa Fé, Paraíba, em clima de intensa oração e piedade. Suas forças, outrora tão notáveis, pouco a pouco começaram a desaparecer sob o peso dos anos, das cansaças e fadigas. No delírio da agonia final dizia estar vendo

a imagem da Mãe de Deus a quem tanto amou na vida. "Olhe, minha filha, ali está Maria", balbuciou com dificuldade para uma de suas órfãs, e com estas palavras faleceu a 19 de fevereiro de 1883, às três horas da tarde.

Sua morte, plácida e serena, foi a apoteose que concluiu o drama de tão bela e luminosa vida.

Padre Ibiapina foi patrono da cadeira 16 na 2ª fase da Academia Cearense de Letras.

JOSÉ BENVINDO DE VASCONCELOS

Nasceu em Sobral a 20 de outubro de 1848, filho legítimo do Cel. Francisco Benvindo de Vasconcelos e Ana Bezerra de Araújo, casados a 8 de outubro de 1845. Neto paterno de Vicente Ferreira de Vasconcelos e Antonia Maria do Espírito Santo. Neto materno de Antônio Ferreira Gomes e Maria Ferreira de Araújo, casados a 12 de julho de 1820.

Foi batizado na Serra da Meruoca conforme se vê do seguinte registro: "José, filho legítimo de Francisco Benvindo de Vasconcelos e Ana Bezerra de Araújo, desta freguesia, nasceu a vinte de outubro de mil oitocentos e quarenta e oito e foi solenemente batizado com santos oleos na Meruoca pelo Pe. Francisco de Paula Menezes a dezoito de novembro do dito ano. Padrinho Vicente Ferreira de Vasconcelos. E para constar mandei fazer este assento que assigno. O vigário Antônio Xavier de Castro e Silva". (Liv. Bat. Acaraú, 1843-1849, fl. 140 v.).

Seu pai nasceu a 22 de abril de 1824 e faleceu a 31 de outubro de 1895.

Matriculou-se no Seminário de Fortaleza a 2 de abril de 1865. Terminados os estudos de Teologia, foi ordenado sacerdote no dia 30 de novembro de 1870.

As primeiras atividades sacerdotais exerceu-as na freguesia de Acarape, hoje Redenção, na qualidade de cooperador do vigário Pe. Antônio André Lino da Costa. Aí esteve durante dois anos.

A 7 de maio de 1873 foi nomeado escrivão da Câmara Eclesiástica de Fortaleza, onde passou a residir. Em 1875 assumiu as funções acumuladas de Secretário do Bispado do Ceará, em substituição ao Pe. Jerônimo Tomé da Silva, tendo permanecido nesse cargo até o ano de 1890.

Passou então a residir novamente em Redenção, onde faleceu no dia 4 de janeiro de 1924.

Padre Benvindo era primo do Pe. José Juvêncio de Andrade.

JOSÉ FERREIRA DA PONTE

Nasceu a 10 de abril de 1845. Foram seus genitores Manuel Ferreira da Ponte e Isabel Maria de Jesus, casados a 7 de janeiro de 1842.

Neto paterno de Antônio Alves Ferreira da Ponte e Teresa Maria de Jesus, casados a 5 de abril de 1815. Neto materno de Raimundo Francisco das Chagas e Ana Severina de Melo, casados a 7 de maio de 1804.

A seguir a transcrição do registro de batismo: "José, filho legítimo de Manoel Ferreira da Ponte e Isabel Maria de Jesus, nasceu aos dez de abril de mil oitocentos e quarenta e cinco e foi batizado com os santos oleos nesta Matriz por mim aos sete de maio do mesmo ano. Padrinhos Joaquim Alves Ferreira da Ponte e sua mulher Catarina Constantina de Jesus. E para constar mandei fazer este assento que assigno. O vigário José da Costa Barros". (Liv. Bat. Sobral, 1844-1848, fl. 20 v.).

Depois de estudar o curso primário em Sobral com o Pe. Antônio da Silva Fialho, foi matriculado no Seminário de Fortaleza a 2 de julho de 1866, onde, após concluído o curso teológico, foi ordenado sacerdote a 30 de novembro de 1871.

Durante o primeiro ano de sua vida sacerdotal auxiliou o vigário de Sobral, recebendo a 20 de fevereiro de 1873 a nomeação para vigário de Messejana, função de que tomou posse a 23 do mesmo mês e na qual permaneceu até 30 de janeiro de 1875. Nesse mesmo dia foi nomeado vigário de Caucaia, cargo

Nasceu em Sobral em 1790. Era conhecido pela alcunha de Padre Cau. Foi ordenado sacerdote em Olinda no ano de 1816. Em fevereiro de 1816 começou suas atividades sacerdotais como vigário cooperador da Matriz de Sobral. De 1820 a 1822 trabalhava na freguesia de Vigosa, sobre a Serra da Ibiapaba, auxiliando o vigário Pe. Felipe Benício Mariz.

A 15 de dezembro de 1822 assina manifesto da Câmara Municipal de Sobral proclamando Dom Pedro de Alcântara como Imperador Constitucional do Brasil. Durante o ano de 1823 presta serviços na Capela de Santana do Acaraú, onde permanece, com viagens intermitentes, até o ano de 1830, embora tendo residência fixa em Sobral. Ocupou também as funções de vigário de Almolata.

A 23 de maio de 1834 é nomeado vigário interino da Matriz de São Gonçalo da Serra dos Coccos, tendo assumido a paróquia como titular a 7 de outubro de 1835 nas ausências do Pe. Manuel Pacheco Pimentel que exercia mandato de Deputado Geral. Nos registros eclesiais dessa Matriz seu nome aparece até o dia 10 de junho de 1842, quando foi substituído pelo Pe. Francisco Correia de Carvalho.

A 21 de abril de 1835 dirige ofício ao Presidente do Ceará, José Martiniano de Alencar, comunicando ter tomado posse da freguesia de São Gonçalo da Serra dos Coccos no dia 8 de dezembro de 1834 e prestando as seguintes informações: "Des- ta freguesia pode desmembrar-se mais duas: uma, na Capela de N. Sra. dos Prazeres que fica distante desta Matriz catorze léguas e outra, na Capela do Tamboril que fica distante de Vila Nova vinte e três léguas e da Matriz, vinte, ficando todas elas com um grande terreno e chega muito bem para um pároco passar decentemente. Esta freguesia é muito difícil para um só pároco curar, pelo grande terreno que ocupa".

Padre Cau foi figura bastante popular entre seus paroquianos pela maneira bonachona com que os atendia.

que assumiu a 7 de fevereiro do mesmo ano e exerceu até 30 de setembro de 1879.

A 19 de agosto de 1880 tomou posse do cargo de Cura da Catedral de Fortaleza, exercendo-o dignamente até 5 de dezembro de 1882.

Com a transferência de Dom Luís Antônio dos Santos para a Arquidiocese da Bahia, foi apresentado para suceder-lhe no Bispado do Ceará, dignidade que não quis aceitar. Enquanto se aguardava a nomeação do novo Bispo, empreendeu viagem à Europa e à Terra Santa sobre a qual escreveu "Notas de Viagem" publicadas posteriormente.

De 1883 a 1899 esteve servindo na Arquidiocese do Rio de Janeiro, onde trabalhou em um Colégio de Vassouras e regiu as freguesias de Barra Mansa e São José da Barra do Piraí. Nesse entretanto faleceu seu pai, em Sobral, a 8 de julho de 1885, com 72 anos de idade.

Desejando fazer companhia à sua mãe, retornou a Sobral no fim do ano de 1899. Trabalhou no melhoramento da Capela de Floresta, na Serra da Meruoca. Fixou residência em Sobral a 23 de outubro de 1901 quando foi nomeado cura da Capela de Santana. Tanguá, cargo que exerceu até 16 de março de 1903, dia em que foi nomeado Vigário de Vigosa do Ceará. Es- teve à frente dessa paróquia até 23 de fevereiro de 1912, quando então regressou definitivamente a Sobral onde passou a residir até a morte. Sua mãe falecera a 21 de dezembro de 1907, com 77 anos de idade.

A 23 de julho de 1916 foi nomeado Vigário Geral da Diocese de Sobral. Em reconhecimento pelos seus trabalhos, a Santa Sé o agraciou com o título de Camaralro Secreto a 11 de junho de 1909 e de Protomontário Apostólico a 26 de novembro de 1919.

Faleceu em Sobral a 19 de dezembro de 1923. Em testamento deixou o prédio em que residia no Bairro da Fortaleza para o patrimônio da Diocese, com o fim de ali ser instalada uma escola, que ainda hoje funciona.

JOSÉ INACIO MENDES PARENTE

Nasceu a 24 de julho de 1917, filho de Murilo Alves Parente e Noemi Mendes Parente, casados a 8 de janeiro de 1916. Neto paterno de José Inácio Alves Parente e Francisca Alves da Fonseca, casados a 22 de abril de 1875. Neto materno de Manuel Felizardo Pereira Mendes e sua segunda mulher Maria José Lopes Mendes, casados a 20 de maio de 1893.

Foi batizado na Matriz do Patrocínio, em Sobral, conforme se vê do seguinte registro: "José, filho legítimo de Murilo Alves Parente e Noemi Alves Parente, nascido a vinte e quatro de julho de mil novecentos e dezessete, batizado a vinte e cinco de setembro de mil novecentos e dezessete na Matriz pelo Pe. José de Lima Ferreira. Padrinhos Felizardo Pereira Mendes e Francisca Alves Parente e para constar mandei fazer este assento que assigno. O vigário Pe. José de Lima Ferreira". (Liv. Bat. Patrocínio, Sobral, nº 1, fl. 22).

Matriculou-se no Seminário Menor de Sobral a 2 de fevereiro de 1932, onde cursou humanidades. Escreveu alguns sonetos na Revista Betânia desse Seminário, sob a assinatura de JIMP. Em 1937 foi matriculado no Seminário Maior de Fortaleza, onde concluiu os cursos de Filosofia e Teologia.

Recebeu a ordenação sacerdotal, na Catedral de Sobral, a 25 de outubro de 1942. A 6 de janeiro do ano seguinte foi nomeado vigário cooperador de Acaraú, onde esteve até julho do mesmo ano, quando assumiu o cargo de cooperador da Paróquia do Patrocínio em Sobral.

Em fevereiro de 1944 foi nomeado professor do Seminário de Sobral, iniciando uma carreira de magistério à qual se dedicou durante muitos anos em vários estabelecimentos de ensino. No mesmo ano assumiu a capelania da Igreja da Saúde, tempo em que construiu um salão e reformou a capela. Foi também Capelão da Igreja do Rosário.

Nomeado Assistente Diocesano dos Círculos Operários, em 1946, demonstrou muita operosidade, tendo construído dois prédios onde funcionou, por muito tempo, a Escola de Aprendizagem dos Círculos Operários de Sobral. Foi também Assistente da JEC e Diretor das Congregações Marianas.

De 1948 a 1958 dedicou-se à construção da Capela de São José do Sumaré, em terreno doado por Manuel Figueira e com recursos generosamente cedidos por seu tio José Modesto Ferreira Gomes.

Foi professor do Colégio Sobralense durante 25 anos, e professor e diretor do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, durante mais de 20. De 19 de março de 1959 a dezembro de 1972 assumiu a provedoria da Santa Casa de Misericórdia, onde empreendeu notáveis melhoramentos.

Em 1968 colaborou intensamente para a criação da Fundação Universidade Vale do Acaraú, de cujo Conselho Diretor participou por um quadriênio. Foi também professor da Faculdade de Filosofia Dom José, de cuja fundação participou ativamente.

Em 1973 transferiu residência para Fortaleza, onde tem trabalhado na Paróquia de Nossa Senhora da Paz e no Hospital Cura D'Ars.

É membro do "Centro de Estudos Históricos e Antropológicos do Ceará". Tem feito várias viagens ao Sul do País e esteve na Argentina e Paraguai.

Foi agraciado com o título de Cônego, em retribuição pelos muitos serviços prestados à Igreja.

Atualmente continua residindo em Fortaleza.

JOSÉ LEORNE MENESCAL

Nascido a 13 de novembro de 1845, é filho de José Menescal da Costa e Maria do Carmo Araújo, casados a 24 de junho de 1829. Neto paterno de Francisco Ferreira Gomes e Maria José de Andrade, casados a 12 de janeiro de 1798. Neto materno de Francisco de Araújo Costa e Rita Maria de Vasconcelos.

Seu batismo foi registrado nos seguintes termos: "José, filho legítimo de José Menescal e de Maria do Carmo, desta freguesia, nasceu a treze de novembro de mil oitocentos e quarenta e cinco e foi batizado com os santos oleos na Capela da

Meruoca por mim a vinte e três do dito mês e ano. Padrinhos José Mendes de Vasconcelos e Ana Maria do Monte por procuração de Ana Luzia da Trindade. E para constar mandei fazer este assento que assigno. O vigário encomendado Miguel Francisco da Frota". (Liv. Bat. Sobral, 1844-1847, fl. 59).

Em Sobral foi aluno do professor Vicente Ferreira de Arruda.

Em 1869 seguiu para Roma a fim de matricular-se no Colégio Pio Latino-Americano. Frequentou a Pontifícia Universidade Gregoriana, onde bacharelou-se em Filosofia e doutorou-se em Direito Canônico. Recebeu a ordenação sacerdotal no dia 19 de dezembro de 1874.

Antes de retornar ao Brasil, empreendeu proveitosa viagem ao Oriente, visitando a Terra Santa.

No final do ano de 1875 chegou a Fortaleza, quando foi nomeado Capelão da Santa Casa de Misericórdia, cargo que exerceu em duas oportunidades: 1876 a 1878 e 1899 a 1909.

Foi vigário de Guaramiranga durante 19 anos, cargo de que tomou posse a 25 de dezembro de 1878 e exerceu a 31 de dezembro de 1897.

Durante o mês de junho de 1885 esteve em Sobral com o fim de preparar espiritualmente a população para receber Dom Joaquim José Vieira que no dia 10 chegou à cidade para realizar sua primeira Visita Pastoral.

Ao ser consultado pela Santa Sé se aceitaria a mitra da Diocese do Amazonas, recusou a honraria com muita humildade.

A 30 de julho de 1900 foi agraciado com o título de Monseñor.

Em várias oportunidades, no impedimento do Bispo, assumiu interinamente o governo da Diocese do Ceará.

Inteligência esclarecida, distinguiu-se na virtude e no saber como um dos ornamentos do clero cearense.

Faleceu, em Fortaleza, a 23 de janeiro de 1921.

JOSÉ LINHARES PONTE

Nasceu no dia 21 de outubro de 1930, filho de Francisco Jacinto Ferreira da Ponte e Maria Linhares, casados a 25 de janeiro de 1928. Neto paterno de Jacinto Ferreira da Ponte e Maria da Glória Linhares, casados a 11 de novembro de 1891. Neto materno de José Prisco Linhares Lima e sua primeira mulher Maria Amália Albuquerque Linhares, casados a 21 de setembro de 1906.

É o seguinte o teor do registro de batismo: "José, data do nascimento vinte e um de outubro de mil novecentos e trinta, filho legítimo de Jachinto, digo, Francisco Jachinto da Ponte e Maria Amália Ponte, domicílio dos pais em Sobral, batizado a vinte e oito de outubro do mesmo anno, na Cathedral, pelo Mons. Fortunato Alves Linhares. Padrinhos: Jachinto Ferreira da Ponte e Maria da Glória Linhares. Em testemunho da verdade, assigno. Padre José Gerardo Ferreira Gomes, vigário." (Liv. Bat. Sé de Sobral, nº 71, fl. 173).

Estudou no Siminário de Sobral de 8 de fevereiro de 1942 a 8 de dezembro de 1949. Em fevereiro de 1950 matriculou-se no Seminário Maior de Fortaleza, onde concluiu os cursos de Filosofia e Teologia.

Foi ordenado sacerdote a 23 de outubro de 1955, por Dom José Tupinambá da Frota.

Iniciou o ministério sacerdotal como professor do Seminário Diocesano de Sobral, do qual foi Reitor de julho de 1961 a dezembro de 1963. Em 1964 viajou para a Europa com o fim de se especializar em Psicologia Profunda na Universidade de Munique, Alemanha Ocidental. Frequentou também curso de Língua e Literatura Alemã na mesma cidade, de Pedagogia em Paris e de treinamento nos Testes Projetivos de Rorschach, em Berna, Suíça.

Retornando ao Brasil em 1967, assumiu a direção do Colégio Sobralense, dando-lhe moderna orientação pedagógica.

É também Licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia Dom José, de Sobral, e em Filosofia, pela Universidade Federal do Piauí.

Suas raras qualidades de administrador vem demonstrando na direção da Santa Casa de Misericórdia de Sobral, hoje graças aos seus esforços, um dos mais bem equipados hospitais do Nordeste brasileiro. Graças a esse trabalho, foi agraciado com duas medalhas de honra.

Com bem sucedida experiência de magistério, lecionou no Seminário, Colégio Sobralense, Faculdade de Filosofia, Faculdade de Educação e Faculdade de Enfermagem de Sobral.

Freqüentemente faz viagens de estudo, pelo Brasil e no Exterior, aperfeiçoando seus conhecimentos.

Bom orador, é bastante solicitado para proferir palestras e conferências em várias localidades do País.

Por própria iniciativa, vem desenvolvendo muitos empreendimentos de caráter social e religioso em benefício da população sobralense.

É membro da Academia Sobralense de Estudos e Letras.

JOSÉ LOURENÇO DA COSTA AGUIAR

A 1º de outubro de 1846 realiza-se na Matriz de Sobral o casamento religioso de Boaventura de Costa Aguiar, com Joana Virgínia de Paula Aguiar, filha de Francisco Ferreira de Paula e Antônia Bernardina da Conceição.

Deste consórcio nasceram seis filhos varões: José Lourenço, Pedro Celso, Francisco Boaventura, João Fernandes, Afonso Nuno e Cícero.

José Lourenço, o primogênito, nasceu em Sobral a 9 de agosto de 1847, conforme registra o termo de batismo que passo a transcrever: "José, filho legítimo de Boaventura da Costa Aguiar e Joana Virgínia de Paula Aguiar, moradores nesta freguesia, nasceu aos nove de agosto de mil oitocentos e quarenta e sete e foi baptizado com os santos óleos nesta Matriz pelo Padre Francisco Antonio de Mello, de minha licença, a oito de setembro do dito anno. Padrinhos: José Camilo Linhares e Maria Antonia da Anunciação, moradores nesta freguesia. E para constar mandei fazer este assento que assigno. O vigário

collado Francisco Jorge de Sousa". (Liv. Bat. Sobral, nº 32, anos 1944-48, fl. 236).

Os pais de José Lourenço eram bastante piedosos e participavam assiduamente da vida paroquial. Quando a criança nasceu, Sobral estava com novo vigário, o Pe. Francisco Jorge de Sousa, que tomara posse a 21 de março de 1847. Foi sob a orientação deste sacerdote que procuraram educar os filhos.

José Lourenço começou a freqüentar escola desde tenra idade, sendo seu primeiro mestre, o Pe. Antônio da Silva Fialho, a quem deve a formação humanística. Posteriormente continuou sua educação com o Professor Arruda.

A 1º de janeiro de 1863, Sobral assiste a um fato inédito que motivou a curiosidade popular. Pela primeira vez, na Matriz, se realizava a cerimônia religiosa de ordenação sacerdotal. Dom Luís Antônio dos Santos, encerrando sua primeira Visita Pastoral à cidade, conferia o presbiterato aos diáconos Francisco José da Silva Carvalho, natural de Arneirós, e João Leite de Oliveira, natural de Aracati. Por ocasião da homilia, Dom Luís incentivou nos rapazes a vocação sacerdotal e anunciou, para o ano seguinte, a abertura do Seminário de Fortaleza. A notícia despertou em muitos jovens o desejo de estudar no seminário e logo foram encaminhados para o Pe. Fialho, que lhes ministrou aulas de latim e de francês.

Estes jovens aspirantes ao sacerdócio foram José Lourenço da Costa Aguiar e seu primo Antônio Ferreira de Paula, Jerônimo Tomé da Silva, José Silvino de Vasconcelos, Francisco Teótime de Vasconcelos, José Joaquim de Sousa, Enéas Rodrigues de Andrade, Francisco Teotônio e Antônio Jesuino de Albuquerque. Destes, apenas os quatro últimos não se ordenaram.

José Lourenço foi matriculado no curso preparatório do Seminário de Fortaleza no dia 18 de janeiro de 1865, com o número 30, passando para o curso teológico a 22 de agosto do ano seguinte.

Ainda como seminarista começou a colaborar na "Tribuna Católica", iniciando suas atividades no jornalismo, juntamente com seus colegas João Francisco Ramos Filho e Ananias Correia do Amaral.

Com o falecimento de seu pai, ocorrido a 13 de novembro de 1968, sua família atravessou uma fase de sérias dificuldades financeiras, ficando ele na iminência de abandonar os estudos eclesiais.

José Lourenço foi ordenado sacerdote no dia 30 de novembro de 1870, na capela do Seminário de Fortaleza. No dia imediato viajou para Sobral, em cuja Matriz celebrou a primeira missa a 8 de dezembro, festa da padroeira. Durante quase todo o ano de 1871 o novo sacerdote permaneceu na cidade natal em companhia da mãe viúva. Em agosto, auxiliou a Dom Luís na realização da segunda Visita Pastoral a Sobral e, a 9 de dezembro, na Matriz, pronunciou o panegírico da primeira missa solene de seu primo Pe. Antônio Ferrel de Paula. Em princípios do ano seguinte, em companhia da mãe e dos irmãos, fixou residência na capital cearense.

Em Fortaleza iniciou suas atividades sacerdotais como chefe da comissão de redação da "Tribuna Católica" e como capelão do Ateneu Cearense. Por Provisão de 7 de novembro de 1872 foi nomeado Cura da Sé, cargo que exerceu exemplarmente até 4 de março de 1876, quando, a convite de Dom Antônio de Macedo Costa, Bispo de Pará, há pouco liberto da prisão da Ilha das Cobras no desfecho da "Questão Religiosa", se transferiu para Belém. Na capital paraense, em companhia de sua mãe, exerceu os mais altos cargos da administração diocesana, fez-se deputado provincial em várias legislaturas e desenvolveu um trabalho notável de ação social e filantrópica.

Nomeado a 25 de outubro de 1876 para o cargo de Vigário Geral para a Província do Amazonas, dedicou-se exaustivamente ao estudo da língua "nheengatu" com o fim de melhor poder se comunicar com os indígenas no árduo trabalho da catequese. Em Belém, colaborou nos jornais "Constituição" e "Diário do Grão Pará", assumindo também o cargo de redator-chefe da "A Boa Nova", periódico pertencente ao Bispado, em que escreveu violentos artigos contra a mesa regedora da Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré do Desterro que se opunha a obedecer às determinações episcopais. Sob sua orientação, o órgão diocesano se tornou um paladino em

defesa de Dom Macedo Costa e dos direitos da Igreja. Tornou-se célebre a polémica que manteve com "O Liberal", jornal do Governo, que atacava sistematicamente o clero, e explica a razão desta atitude: "Antes mesmo que aparecesse "A Boa Nova" na arena jornalística. "O Liberal" açoitava paixões ruins e inconfessáveis contra a Igreja Romana, contra o Papa, contra o Bispo e os bons sacerdotes. A luta, pois, que existe no Pará não foi criada pela "A Boa Nova", nem por seu redator principal que ainda não estava no Pará. O que fez o redator principal da "A Boa Nova" foi colocar-se ao lado da verdade perseguida, foi tomar posto entre os soldados da fé católica, foi aceitar o lugar de defensor da autoridade diocesana exposta à sanha da impiedade, foi participar do cálice da amargura tragado por quantos se alistam hoje nas fileiras do catolicismo romano". E concluía: "Fazer conhecido o cancro que rói as entranhas da sociedade é prestar-lhe assinalado serviço. Tal é na hora presente nossa tarefa". (Ed. de 1º.02.1879).

Para defender a Igreja também na Assembléia Legislativa, resolveu candidatar-se a deputado, tendo sido eleito para vários biênios.

Na imprensa, com sua pena brilhante, e na Assembléia, com sua palavra destemida, tornou-se homem admirado e respeitado.

Em Belém, exerceu mais as funções de Provedor da Santa Casa, do Asilo de Alienados e do Hospício dos Lázaros de Tucunduba.

Se infelizmente ainda não me foi possível ler as intervenções de Dom Lourenço na Assembléia Provincial do Pará, conheço de leitura lenta e meditada seus discursos pronunciados no Parlamento Nacional.

Para a vigésima e última legislatura do Império dois sacerdotes foram eleitos deputados gerais pelo povo paraense: José Lourenço e Mâncio Caetano Ribeiro. Ambos tinham a intenção de defender na Corte os interesses da Igreja e da Amazônia e se desincumbiram a contento desta missão.

Falando da ação parlamentar do Pe. José Lourenço da Costa Aguiar assim se expressa Agnelo Bittencourt: "Sua voz era uma das mais ouvidas, quer pela eloquência, quer pelos

objetivos das reivindicações. Homem habituado ao púlpito e às coisas divinas, seus apelos, desde logo, estavam bafejados pela vitória."

Dos 25 discursos que pronunciou na Câmara, destacamos os mais significativos.

Sua primeira intervenção foi no dia 12 de junho de 1886 mostrando a necessidade de uma reforma na divisão territorial do Brasil "que foi descoberto por acaso, foi dividido por acaso e o acaso tem militado sempre conosco em muitos dos nossos serviços públicos". Neste discurso anteviu o problema da criação dos territórios federais e da fusão e divisão dos Estados da Federação, bem como se tornou um pioneiro na valorização do urbanismo.

No dia 8 de julho propõe a descentralização do ensino, porque centralizado no Rio de Janeiro o governo pratica "um crime contra a nação inteira", fazendo com que "nós, os cidadãos das províncias, sejamos espoliados pela Corte", pois que "enquanto as luzes afluírem todas apenas para a capital do Império, não se concede coisa alguma às províncias".

Protesta veementemente, na sessão de 15 do mesmo mês, contra os apartes irônicos do Deputado João Penido, de Minas, a quem chama de "líder da minoria", expressão usada pela primeira vez no Parlamento Nacional e cujo uso depois se consagrou. Achava ele que o decoro e a seriedade da Câmara não comportavam apartes que pretendessem levar os projetos dos oradores "ao ridículo e à risota".

Nos dias 3 e 4 de agosto sugere seja incentivado o estudo da geografia e da estatística, pois a ignorância destas ciências por parte da administração pública torna "os relatórios ministeriais falhos por falta de dados vindos da base". Por ter conseguido a aprovação de projeto seu no sentido de incluir um artigo aditivo ao orçamento da Fazenda obrigando a organização de levantamentos estatísticos das rendas e despesas públicas, tornou-se um benemérito da Estatística no Brasil.

Ainda no mês de agosto de 1886 defende a necessidade da construção da Estrada de Ferro do Madeira-Mamoré e do incentivo à indústria extrativa na Amazônia, já que "qualquer dos produtos daquela região é bastante para enriquecer um

império". Depois, demonstrando ser grande conhecedor do assunto, discorre profusa e profundamente sobre o problema do indígena, destacando a necessidade de sua fixação ao solo, sua incorporação à civilização respeitando-lhe os costumes e hábitos, e a conveniência de "o índio ser catequizado nas brenhas onde mora", pois os descimentos são, em geral, maus". É um discurso erudito, bem documentado, intercalado de numerosas citações de cientistas estrangeiros e nacionais para corroborar suas afirmações. Mostrou-se aqui um precursor do tropicalismo, um defensor das possibilidades agrícolas da Amazônia e um propugnador da "evangelização no próprio contexto cultural do índio".

A 13 de outubro sobe à tribuna para tratar da importância cultural da Biblioteca Nacional, enaltecendo o trabalho ali realizado por Capistrano de Abreu, seu ex-colega de seminário, e por Vale Cabral.

Durante o ano de 1887 fez sete intervenções, sendo a primeira a primeiro de julho, em defesa do clero e dos seminários. A 12 do mesmo mês fez brilhante discurso propondo uma sede cardinalícia para o Brasil e enumerando detalhadamente os benefícios prestados à nação pelas ordens religiosas.

Em pronunciamento de 11 de agosto defende denodadamente a igualdade dos direitos das províncias, afirmando categoricamente que "o sul se nega a fazer justiça ao norte, que mantém a economia do sul e inclusive o luxo da Corte". O assunto provocou acirrados debates. Volta a tratar do tema a 9 de setembro, enfatizando que "as queixas do norte não versam sobre a prosperidade do sul, mas procedem de que os favores são encaminhados para o sul com o prejuízo do norte".

Como relator da Comissão dos Negócios Eclesiásticos assina o Parecer nº 18, de 30 de setembro, mostrando a necessidade da criação do Bispado do Amazonas, idéia pela qual se bateu energicamente.

As sessões durante o ano de 1888 foram tumultuadas por motivo dos debates sobre a libertação dos escravos. O clero parlamentar foi omissos no assunto. Pe. José Lourenço foi o único sacerdote a falar sobre a redenção dos cativos, no dia

9 de maio, provando que "foi sempre o pensamento do cristianismo".

Na intervenção feita a 19 de junho refuta a "velha tese" da incompatibilidade pretensa entre a ciência e a religião, assegurando que a verdade está exatamente na afirmação contrária, para dois dias após solicitar fosse consignado em ata um voto de respeitosa gratidão ao Sumo Pontífice Leão XIII pela ação desenvolvida junto ao episcopado nacional a favor da extinção da escravidão negra. Volta a enfocar o problema do indígena, a 27 de agosto, lamentando que "na província do Pará há uma grande quantidade de índios bravos e, no entanto, não há coisa alguma organizada no intuito de chamar à civilização centenas e centenas de indivíduos que vivem a vida de verdadeiros selvagens".

Suas últimas intervenções foram a 12 e 13 de setembro tecendo considerações sobre a fórmula de juramento dos parlamentares, questão que se tornou ociosa, pois a Câmara foi dissolvida no dia 17 de junho de 1889 e nenhum deputado mais, do tempo do Império, prestou juramento.

Proclamada a República. Pe. José Lourenço desgostou-se da atividade política, tendo seguido para Roma, onde foi residir no Colégio dos Nobres para a obtenção da láurea em Direito Civil e Canônico pela Universidade de Santo Apolinário. Nesse tempo escreveu "Manuale Confessorum", código de ética com 124 sentenças em latim, destinado a ajudar os sacerdotes a bem administrar o sacramento da penitência.

Enquanto concluía seus estudos, Leão XIII despacha a Bula "Ad universas orbis ecclesias" de 27 de abril de 1892, criando no Brasil as províncias eclesiásticas do Norte e do Sul, com sedes na Bahia e no Rio de Janeiro, e as novas dioceses do Amazonas, Paraíba, Niterói e Curitiba. Em junho do ano seguinte, retornou a Belém já indicado para ser o primeiro Bispo do Amazonas.

Criada a nova Diocese do Amazonas, enquanto era aguardada a nomeação do primeiro bispo, ficou dirigindo-a temporariamente, como Administrador Apostólico, o sobralense Dom Jerônimo Tomé da Silva, Bispo do Pará desde 9 de fevereiro de 1891.

Somente a 16 de janeiro de 1894 o Cônego Dr. José Lourenço da Costa Aguiar foi oficialmente nomeado por Leão XIII para exercer as funções de primeiro bispo residencial. A cerimônia de sagração se realizou na Igreja do Sagrado Coração de Jesus de Petrópolis, a 11 de março, sendo sagrante principal o então Internúncio Apostólico no Brasil, carmelita Dom Jerônimo Maria Gotti.

O jornal "Estado do Grão Pará" circulou, na edição de 25 de maio, em forma de poliantela com exaustiva biografia do novo prelado.

A solene inauguração da nova Diocese e posse do primeiro bispo foram efetuadas no dia 18 de junho, ocasião em que Dom José Lourenço leu do púlpito sua primeira Carta Pastoral, "uma peça antológica que se lê e relê sem fastio". Foi publicada na íntegra na edição especial do "Amazonas Católico", jornal que circulou nesse dia totalmente dedicado ao grande acontecimento.

O primeiro ato do novo bispo foi nomear seu Vigário Geral na pessoa do Mons. Francisco Benedito Coutinho. Sabendo da falta de sacerdotes no Amazonas, Dom José Lourenço convidou vários padres do Ceará para ajudá-lo, sendo atendido prontamente pelos padres Antônio Fernandes da Silva Távora, Carloto Frenandes da Silva, Antero José de Lima, Antônio Ferreira de Paula e outros.

Durante o ano de 1876 fez várias viagens pelo interior, sendo a mais penosa a que o levou ao Acre pelo rio Purus.

Sua maior preocupação pastoral foi organizar a catequese dos índios. Para tanto se deu ao trabalho de preparar um catecismo em "nheengatu", idioma que conhecia profundamente e que ensinou a muitos sacerdotes e missionários. Fruto deste esforço foi a publicação de "Christu Munhençaúa Curimaân uára Arama", em que sintetizou na língua nativa dos aborígenes amazônicos as principais doutrinas do credo cristão, livro curioso "pela sua extrema intuição" por conseguir simultaneamente ensinar a língua nheengatu e a mensagem evangélica.

Dom José Lourenço "que se tem desvelado pela catequese dos índios e cultivava a língua tupi com proficiência", na ex-

pressão de Ramiz Galvão, foi escolhido, a 11 de novembro de 1898, para sócio honorário do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, tendo que adiar a recepção desta honraria por motivo de viagem a Roma a fim de tomar parte do Concílio Plenário Latino Americano, convocado por Leão XIII, e que se realizou de 28 de maio a 9 de junho de 1899. Neste memorável conclave "falou em todas as sessões particulares, discutindo os assuntos e figurando em todos os debates". Aproveitou a estada em Roma para publicar o seu "Manuale Confessorum".

De volta a Manaus prosseguia as visitas pastorais pelo interior do imenso Estado do Amazonas, em prolongadas e cansativas viagens fluviais. Em 1896 faz nova viagem a Roma para a visita "ad limina".

Viajou para a Bahia, em agosto de 1901, a fim de participar da 1ª Conferência do Episcopado do Norte que se realizou na cidade do Salvador de 1º a 7 de setembro daquele ano, de cuja reunião foi o secretário geral. Da Bahia prosseguiu viagem ao Rio de Janeiro para tomar posse de sócio do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, onde foi solenemente recepcionado no dia 4 de outubro. Na ocasião pronunciou memorável discurso, ao qual se refere o Barão de Studart com as seguintes palavras: "Dom José Lourenço conhecia bem o tupi e nele escreveu livros para o ensino da Religião aos indígenas da Amazônia. Seu discurso de recepção no Instituto Histórico Brasileiro ocupou-se doutamente do estudo e ensino da língua dos nossos aborígenes, "manancial em que cumpre haurir os necessários conhecimentos para decifrar os enigmas da nossa etnologia, completar a história do Brasil ante-cabraliano, fixar as noções da nossa geografia e apurar o laço que uniu o povo de Tupã à família cristã, que converteu o pindorama dos brasis em Terra da Santa Cruz". Pouco tempo depois foi escolhido também para sócio do Instituto Histórico de São Paulo.

Durante os onze anos de episcopado criou paróquias em Juruá, Manacapuru, Manicoré, Lábrea, fundou várias escolas e instituições de beneficência e instalou casas religiosas e associações plas

Em julho de 1902, Dom José Lourenço, em companhia do Mons. Antero José de Lima, embarcou em Manaus no vapor nacional "Rio" com destino ao Ceará, sendo finalidade principal da viagem visitar os seus familiares em Sobral, depois de 31 anos de ausência.

As notícias a seguir colhi-as das páginas do jornal sobralense "A Cidade", que descreveu pormenorizadamente a estada do grande bispo na terra natal.

Às oito horas da manhã do dia 27 de julho de 1902, domingo, desembarca no porto de Camocim, onde foi festivamente recepcionado. No dia seguinte, muito cedo, em trem especial viaja para Sobral, cuja população em massa o esperava ansiosa na Praça da Estação. A cidade viveu um dia de gala e de alegria, com bandas de música nas ruas, foguetório e aclamações populares. Hospedou-se na residência de seu tio materno, Antônio Francisco de Paula Quixadá, na Rua da Aurora, onde ao meio-dia foi servido luto banquete de recepção. Saudoso da terra natal e dos parentes, chorou no momento de abraçar o velho tio que acabava de lhe dirigir um comovido brindes. S. Excia. agradeceu enxugando os olhos diversas vezes. Às cinco horas da tarde, na Matriz repleta de fiéis, oficiou um solene Te-Deum de ação de graças. Nos dias subsequentes recebeu número incontável de visitas de cortesia.

Na manhã de 5 de agosto, montado garbosamente a cavalo e acompanhado de uma caravana de cinquenta cavaleiros, dirige-se para a vila da Meruoca com o fim de visitar o seu outro tio materno, o Capitão Manuel Fidélis de Paula, ali residente. A recepção foi majestosa. Foi alojado no sobrado do tio, o único da vila, onde permaneceu por seis dias. Por feliz coincidência, neste entretempo passava-se o 9 de agosto, dia de seu aniversário natalício. À data foi carinhosamente festejada com missa gratulatória e almoço com brindes. Mais uma vez, o bispo comoveu-se e chorou.

No dia 11 retorna a Sobral pela estrada de Massapê, onde também foi homenageado. Em Sobral, outra feliz coincidência o aguardava. A 15 de agosto transcorria o jubileu de ouro de ordenação sacerdotal do vigário Mons. Diogo José de

Sousa Lima. A paróquia estava em festa e a presença de Dom José Lourenço dava realce às comemorações. Na Matriz, às nove horas da manhã, o bispo celebra solene missa pontifical e dirige ao seu povo e ao aniversariante, com palavra fácil e doura, um panegírico enternecedor.

Nova viagem no dia 16. Desta vez à cidade do Ipu de onde regressou no dia 18. Ali celebrou missa na Matriz, crismou várias crianças, visitou a bica e recebeu o povo.

Finalmente, depois de 23 dias de permanência, deixa definitivamente a cidade de Sobral, tomando um trem especial que o levou a Granja e a Camocim, em cujo porto embarcou com direção a Fortaleza. Após curta estada na capital cearense, retornou a Manaus.

No ano de 1905 Dom José Lourenço começou a sentir sinais de enfermidade. Cansado das penosas viagens pelo interior insalubre do Amazonas e acometido de violenta diabetes, resolveu procurar na Europa a recuperação da saúde. Chegando a Lisboa, foi hóspede da Condessa de Redinha, segundo informa o Barão de Studart, sendo depois transferido para o Hospital Real de São José onde veio a falecer no dia 5 de junho de 1905, aos 58 anos de idade. Seus últimos momentos foram assistidos pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, Dom José Sebastião Neto, e pelo Vigário Geral Arcebispo de Mitilene.

O cadáver, revestido das insígnias prelatícias, foi velado pelos membros da Embaixada e do Consulado brasileiro, pelo Núncio Apostólico em Portugal, pelo clero lisboeta e outras pessoas gradas.

Seus restos mortais, por iniciativa de seu irmão Dr. João Fernandes da Costa Aguiar, foram trasladados para Manaus "sendo depositados numa cripta de mármore, ao lado direito da parte interna da entrada principal da Catedral de Nossa Senhora da Conceição". Ali descança o repouso dos justos na esperança da ressurreição prometida aos que vivem da fé.

Possuidor de raros dons de inteligência e de inata inclinação para o estudo, Dom José Lourenço da Costa Aguiar era um homem erudito. Escrevia corretamente em vernáculo, latim e tupi. Infelizmente, as muitas preocupações pastorais não lhe deixavam sobrar o tempo necessário para escrever o

que sabia e como sabia. Mesmo assim, o que deixou publicado revela o vigor do homem de letras que foi. Seus escritos substanciosos mostram a densidade do pensamento, o domínio da estilística e a amplitude da erudição.

De sua lavra conheço os seguintes trabalhos:

— Discursos. Pronunciados na Câmara na sessão de 1887. Rio Imprensa Oficial. 1887.

— Discursos Parlamentares. Transcritos na íntegra nos Anais da Câmara. Anos de 1886-1888.

— Carta Pastoral. Saudação aos diocesanos na inauguração da Diocese do Amazonas. Petrópolis, 1894.

— Carta Pastoral. Despedida para a 1ª Visita ad limina Apostolorum. Manaus. Tip. A Federação. 1896.

— Christu Munhençáua Curimaán uára Arama. Nheengatu-Tupi. Doutrina Cristã destinada aos naturais do Amazonas em nheengatu. Petrópolis. Tip. Pacheco Silva & Cia. 1898.

— "Manuale Confessorum". Roma, 1899.

— Discurso de posse no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Rio. 1901.

— Sermão proferido nas exéquias de Leão XIII na Catedral de Manaus. 1903.

Nos jornais "Tribuna Católica" de Fortaleza, 1872—74, e "A Boa Nova" de Belém, 1878—80, escreveu notáveis editoriais. Há colaborações suas também na "Constituição" e "Diário do Grão Pará" de Belém.

JOSÉ PRADO PONTE

Nasceu a 22 de setembro de 1927, em Sobral, sendo filho de Oliveiros Ferreira da Ponte e Joana Prado Ponte. Neto de Jacinto Ferreira da Ponte e Maria da Glória Linhares, casados a 11 de novembro de 1891. Neto materno de José Alves do Prado e Maria Esmera da Conceição.

Foi batizado na Catedral de Sobral, conforme atesta o seguinte documento: "José, filho legítimo de Oliveiros Ferreira

da Ponte e Joana do Prado Ponte, nascido aos vinte e dois de setembro de mil novecentos e vinte e sete, foi por mim, na Catedral, solenemente batizado aos quatro de outubro do mesmo ano. Padrinhos: Jacinto Ferreira da Ponte e Maria da Glória Ponte. Para constar, mandei fazer este assento que assino. O vigário Padre José Gerardo Ferreira Gomes." (Liv. Bat. Sé de Sobral, nº 69, fl. 135).

Matriculou-se no Seminário de Sobral a 8 de fevereiro de 1940 e no Seminário Maior de Fortaleza, a 10 de fevereiro de 1947.

Foi ordenado sacerdote na Catedral de Sobral a 30 de novembro de 1952. Sua primeira função de sacerdote foi a de primeiro vigário da recém-criada paróquia de Novo Oriente, da qual tomou posse em janeiro de 1953. Com muito zelo, organizou as atividades iniciais da nova paróquia, tendo como primeira preocupação a reforma da Matriz. Inclinado a um apostolado interessado mais em formar homens de fé do que em construir obras materiais, organizou na zona rural da freguesia algumas comunidades de base. Com este mesmo espírito, trabalhou, posteriormente, nas paróquias de Granja, Coreaú e Martinópolis, das quais foi zeloso vigário. Na qualidade de cooperador, auxiliou também nas paróquias do Patrocínio, em Sobral, e de Camocim.

Como arremate de suas admiráveis qualidades de pastor, passou os últimos quatro anos de sua vida na paróquia de Ibiapina, da qual tomou posse a 9 de fevereiro de 1969. Também aí deu prioridade ao trabalho de formar comunidades de fé.

Faleceu na Santa Casa de Misericórdia de Sobral a 5 de março de 1973, vítima de câncer no pâncreas.

Como escreveu o seu sucessor no Livro do Tombo, "seu apostolado calmo foi por demais fecundo e a população de Ibiapina, em peso, lamentou sua perda".

Padre Ponte, como comumente era conhecido, foi poeta bissexto de rara inspiração, não dispondo, porém, do tempo suficiente para se dedicar às letras. As poucas poesias inéditas que compôs revelou o alto valor de sua lira.

Era primo legítimo dos Padres José e Jairo Linhares Ponte.

JOSÉ SABINO LOPES DE ALCANTARA

Nasceu em Sobral em dezembro de 1820, filho de Pedro Lopes de Alcântara e Ana Clara Coutinho, casados a 27 de maio de 1819. Neto paterno do Capitão Simão Lopes da Paz e Maria José do Ó, naturais de Quixeramobim, casados a 4 de abril de 1780. Neto materno de Francisco Pinto Brandão e Rita Maria da Conceição.

A cerimônia de seu batismo está assim registrada: "José, filho legítimo de Pedro Lopes de Alcântara e de Ana Clara, desta freguesia, e ele da de Santo Antônio de Quixeramobim e moradores nesta, nascido nos princípios de dezembro de mil oitocentos e vinte, foi batizado aos vinte e hum de fevereiro de mil oitocentos e vinte e hum nesta Matriz por mim que lhe administrei os santos oleos. Foram padrinhos o Doutor João Damasceno Fontoura e Dona Margarida Francisca das Chagas, viúva, e para constar fiz este assento e assignei. Vigário José Gonçalves de Medeiros". (Liv. Bat. Sobral, 1819-1822, fl. 141 v.).

Estudou as primeiras letras com o professor Antônio José Pereira de Aguiar e humanidades com o Pe. Antônio da Silva Fialho.

Foi ordenado sacerdote em 1844, tendo celebrado primeira missa solene na Matriz de Sobral no dia 1º de janeiro de 1845.

Passou o ano de 1845 em Sobral, auxiliando os trabalhos paroquiais. A 13 de julho, foi padrinho de batismo do Pe. João Augusto Scalígero Maravalho.

São seus irmãos, entre outros:

1. Antônio Lopes de Alcântara, c.c. Vicência Jucundina de Oliveira Cabral, filha de Manuel Vicente de Oliveira Cabral e Joana Silvana Angelim, a 20 de novembro de 1860.

2. Comba Aureliana Florestina da Paz, c.c. José Peregrino Viriato de Medeiros, filho de Antônio Viriato de Medeiros e Maria Jerônima Figueira de Melo, a 1º de janeiro de 1842.

JOSÉ SILVINO DE VASCONCELOS

Nasceu a 8 de julho de 1846. Filho de José Ferreira de Vasconcelos e Ana Francisca Soares, casados a 13 de julho de 1845. Neto paterno de José Rodrigues de Vasconcelos e Maria Ferreira Gomes, casados a 15 de março de 1822. Neto materno de José Pedro Soares e Ana Luzia da Trindade, casados a 23 de julho de 1820.

É primo legítimo do Pe. Francisco Cândido de Vasconcelos, também biografado neste livro.

Matriculou-se no seminário de Fortaleza a 2 de outubro de 1865, tendo sido ordenado sacerdote a 30 de novembro de 1870. A 7 de janeiro de 1871, foi nomeado para, a 27 de abril, assumir a paróquia de Santo Antônio de Aracatiaçu.

Nesse período construiu e benzeu em 1875 a capela de Juá, pertencente ao município da Irauçuba. Continuando encarregado de Aracatiaçu, a 18 de outubro de 1879 tomou posse de São Francisco de Uruburetama, cargo que exerceu até 30 de junho de 1885.

A 17 de agosto de 1889 foi nomeado vigário cooperador de Sobral.

Com o falecimento do Pe. Costa Mendes, foi nomeado vigário de Meruoca cuja paróquia assumiu a 13 de junho de 1900, permanecendo na função até 20 de janeiro de 1906, dia da posse de seu sucessor.

Passou os últimos anos de vida em Sobral, onde faleceu às 2 h. da tarde do dia 28 de fevereiro de 1916.

JOSÉ TUPINAMBA DA FROTA

Nascido a 10 de setembro de 1882, é o segundo filho dos cinco gerados do matrimônio de Manuel Artur da Frota e Raimunda Artemísia Rodrigues Lima, casados a 17 de janeiro de 1880.

Os avós paternos, Francisco Ferreira da Ponte e sua primeira mulher Isabel Jesuína da Frota casaram-se a 31 de outubro de 1848, sendo ele filho do Capitão Vicente Ferreira da

ponte e Ana Florência da Silva, e ela filha do Major Inácio Gomes da Frota e Ana de Vasconcelos Frota.

Residiam na Fazenda Rodeador, distante uma légua da cidade de Santana do Acaraú, e lá nasceram os dez filhos do primeiro matrimônio, a saber: José Afonso da Ponte, João Felipe da Frota, Manuel Artur, Miguel Cialdini, Pedro Horácio, Vicente Isión, Maria Cristalina, Ana Petronília Nogueira, Teresa de Jesus Soares e Maria Isabel, todos casados.

Os avós maternos, o Capitão José Rodrigues Lima e Úrsula Balbina de Sousa Lima, casaram-se na Matriz de Sobral, a 16 de agosto de 1827, sendo ele filho de João Rodrigues Lima e Josefa de Vasconcelos e ela filha do Capitão Diogo José de Sousa e Constança Maria do Carmo.

Residiam em Sobral, onde nasceram também seus dez filhos, a saber: Mons. Diogo José de Sousa Lima, Dr. José Austregésio Rodrigues Lima; Dr. Francisco Pothier, Dr. Antônio Plutarco, Dr. Miguel Leopoldo, Raimunda Artemísia, Constança Idalina, Maria Isabel Soares, Teresa Semírames e Ana Ellery, todos casados.

Seu pai, Manuel Artur da Frota, nasceu a 25 de julho de 1852 e foi batizado na Matriz de Santana do Acaraú. Aos 17 anos de idade veio residir em Sobral, onde se empregou no comércio. Em 1877 estabeleceu-se por conta própria com uma loja de fazendas. Em 1908 assumiu a direção comercial da filial da Casa Frota Gentil, onde permaneceu até a morte. Foi vereador da Câmara Municipal, gerente e colaborador do jornal "Gazeta de Sobral" (1881-1890), partidário da Campanha Abolicionista e do Clube Republicano, e um dos fundadores do Gabinete Sobralense de Leitura e do Clube dos Democratas. Faleceu a 25 de outubro de 1928.

Sua mãe, Raimunda Artemísia Rodrigues Lima nasceu em Sobral a 7 de maio de 1855. Mulher de fina educação, foi exemplo de mãe e esposa dedicada. Faleceu a 23 de março de 1926, com 81 anos incompletos. Viveu totalmente dedicada ao lar.

Depois de casados, seus genitores foram residir na antiga Rua da Aurora, hoje Rua Domingos Olímpio, nº 231, casa onde vieram à luz os seus cinco filhos

1. Isabel Natércia, nascida a 16 de fevereiro de 1881, casada com o Major Júlio Ferreira Gomes;
2. Dom José Tupinambá da Frota;
3. Úrsula Adelaide, nascida a 23 de julho de 1885, casada com o Dr. Guilherme de Sousa Pinto;
4. Adalgisa Frota, nascida a 18 de maio de 1889, casada com José Inácio Alves Parente Filho (Juca);
5. Francisco Potiguara, nascido a 12 de abril de 1891, casado com Francisca de Aragão Mendes.

Rebento de uma família de sentimentos profundamente religiosos e de arraigada convicção católica, o pequeno José, com pouco mais de um mês de idade, foi levado à pia baptismal, tendo sido convidado para lhe administrar o sacramento da iniciação cristã seu tio materno Padre Diogo, então vigário da Meruoca, servindo de padrinhos o tio paterno João Felipe e a tia materna Teresa Semírames, conforme se vê do seguinte registro: "JOSÉ, filho legítimo de Manuel Artur da Frota e Raimunda Artemísia da Frota, nasceu a dez de setembro de mil oitocentos e oitenta e dois, e foi batizado solenemente pelo vigário da Meruoca o Reverendo Diogo José de Sousa Lima, na Capela do Rosário, a quatorze de outubro do dito ano. Padrinhos João Felipe da Frota e Teresa Semírames da Frota. Para constar fiz este assento que assino. O vigário Vicente Jorge de Sousa". (Liv. Bat. Sobral, n. 42, 1880-1884, fls. 215).

Batizado com o nome de José, seus pais lhe acrescentaram o cognome Tupinambá que, na intimidade carinhosa do lar, foi logo abreviado para Tupi. Foi assim que ficou sendo conhecido na roda dos familiares e amigos. Com menos de três anos de idade, no dia 13 de junho de 1885, durante a Visita Pastoral de Dom Joaquim José Vieira, recebeu na Matriz o sacramento de Crisma, sendo padrinho o Sr. Francisco Celso Newton da Frota.

Durante as solenidades do Pentecostes realizadas na Matriz no ano de 1886, o pequeno Tupi, com menos de quatro anos, foi escolhido para ser o Menino-Imperador, na sequência de uma tradição religiosa que se conservou na cidade até 1918.

Aprendeu as primeiras letras, com muita facilidade, com Rita Maria de Arruda, filha do Professor Vicente de Arruda, que logo percebeu a inteligência superior da vivaz criança. Aperfeiçoou seus conhecimentos primários com o professor Henrique Pinto Ferreira Gomes.

"Meu pai, é o próprio Dom José quem informa na biografia que escreveu, nunca quis matricular os filhos em escolas públicas, por não descobrir nelas o devido cuidado e interesse pelo aproveitamento das crianças. Escolhia cuidadosamente os nossos professores, que foram sempre os mais acaudados de Sobral, e só por motivo de doença permitia que faltássemos às aulas. Acompanhava com vivo interesse o nosso progresso intelectual, mas não gostava de elogiar os nossos pequenos triunfos escolares".

Terminado o curso primário, foi matriculado na escola do professor Vicente Ferreira de Arruda, afamado latinista e educador sobralense, com quem fez com brilhantismo os estudos secundários, "demonstrando bem cedo, aos doze anos de idade, com admiração de seu mestre e de seus condiscípulos, que era uma águia implume talhada para vãos altaneiros. Aos catorze anos, conhecia todas as regras gramaticais portuguesas, francesas e latinas, e sabia de memória toda a bela doutrina contida no catecismo e tinha plantada no coração a boa semente da virtude".

Para mostrar seus sentimentos religiosos nesse tempo, ouçamos esta sua deliciosa confidência: "Certa vez, meu pai preparava-se para a sua viagem anual a Fortaleza, onde fazia o abastecimento de sua casa comercial, e perguntou-nos que presente desejávamos. Eu não tive ânimo para responder-lhe pessoalmente, porque me parecia muito alta a minha pretensão. Eu queria uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Um bilhetinho depositado às escondidas em uma das malas, foi a resposta. Qual não foi a minha surpresa e alegria, quando ele me trouxe a linda imagem de fabricação francesa, que foi sempre o doce enlevo de meu coração de adolescente, diante da qual eu fiz tantas e tão fervorosas preces e tantas promessas de amor filial... e que ainda hoje conservo amorosamente no altar de minha capela episcopal".

No ano de 1895 regressou a Sobral o Pe. Dr. José Alfeu Lopes de Araújo, sacerdote sobralense que fora ordenado em Roma, recentemente. O jovem padre foi escolhido pelo adolescente Tupi para seu confessor e diretor espiritual. Preparou-o cuidadosamente para a primeira comunhão que se realizou na Capela do Menino Deus, no dia 23 de fevereiro de 1896.

Padre Alfeu, tendo notado as boas qualidades morais e a semente da vocação sacerdotal plantada no coração daquele esperançoso e inteligente moço, estimulou-o, o quando pôde, para seguir a carreira eclesiástica.

O próprio Dom José relembra, com indisfarçável emoção, a benéfica influência daquele jovem sacerdote: "A Providência Divina dispôs que em 1895 voltasse de Roma o Padre José Alfeu Lopes de Araújo, nosso conterrâneo e ainda meu parente, em quem encontrei um amigo e confidente. Falava-me com entranhado carinho do Colégio Pio Latino-Americano, de Roma, do qual fora aluno, de suas festas escolares, do espírito bem formado dos alunos, da correção, brandura e delicadeza dos jesuítas seus ex-superiores, das belezas artísticas da Cidade Eterna, do Vaticano, do Papa, e de mil outras coisas que me faziam sonhar... A minha imaginação impregnava-se vivamente dessas imagens, e nos meus sonhos, com frequência, apareciam essas visões como a mais doce das realidades. O Padre Alfeu falou com meu pai sobre a minha vocação ao estado sacerdotal, animando-o a mandar-me estudar em Roma, sob as vistas do Santo Padre".

Anteriormente, era desejo de seu pai mandá-lo a Coimbra para se formar em Direito ou Engenharia, mas o pequeno Tupi sempre desejou ser sacerdote. O trabalho do Padre Alfeu foi apenas consolidar esta vocação.

No dia 12 de agosto de 1897, com quinze anos incompletos, o jovem Tupi toma o trem com destino a Camocim, de onde devia embarcar no navio que o levaria a Salvador da Bahia com o fim de se matricular no seminário. A viagem foi decidida às pressas, e ele mal teve o tempo suficiente para refletir e se preparar. Vejamos como ele próprio descreve esta decisão: "No dia 8 de agosto de 1897, indo eu pela manhã ao estabelecimento comercial de meu pai, apenas lhe beijei a mão, per-

guntou-me sem preâmbulo: — Você quer ordenar-se? Imediatamente respondi: — Quero sim, Senhor! E ele: — Quer ir para Roma? Extasiado com esta surpresa, respondi: Quero sim, Senhor! — Pois bem, acrescentou ele, prepare-se para ir quinta-feira com o João Evangelista. Só lhe peço uma coisa: nunca seja vendedor de sacramentos. Este diálogo e estas expressões bem deixaram entrever a índole e os sentimentos daquele varão que não gostava de meias-medidas. O Coronel João Evangelista da Frota, seu primo, devia partir no dia 12 de agosto para Camocim, rumo a Fortaleza, com destino à Bahia, onde me devia entregar aos cuidados do nosso parente, o Exmo. Sr. Dom Jerônimo Tomé da Silva, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil".

Levando consigo uma carta de recomendação do próprio pai dirigida a Dom Jerônimo e a quantia de um conto de réis para as despesas iniciais de seus estudos, foi matriculado no seminário bahiano. Ali, onde esteve durante um ano e meio completando o curso secundário, distinguiu-se pela piedade, comportamento irrepreensível e brilho nos estudos. Conquistou quase todos os prêmios e, nos exames, sempre foi aprovado com nota de distinção e louvor.

A 17 de abril de 1899, do porto da Bahia parte para Roma com o fim de estudar Filosofia e Teologia. Chegou à Cidade Eterna a 13 de maio, passando a residir no Colégio Pio Latino-Americano e a frequentar as aulas na Pontifícia Universidade Gregoriana.

No colégio romano exerceu diversos cargos de confiança, mercê da liderança entre os colegas e do crédito que conquistou de seus superiores. Venceu com brilhantismo todas as etapas do curso de Filosofia, tendo obtido, em concurso, duas medalhas de ouro. O Pe. João Gualberto que, como colega de turma, o acompanhou de perto nos estudos e conheceu a facilidade com que assimilava as teses filosóficas, afirmou que José Tupinambá foi uma das maiores cabeças metafísicas que passaram pelo Colégio Pio Latino-Americano. Seus esforços foram coroados de êxito com a láurea de Doutor em Filosofia, obtida a 19 de junho de 1902.

Depois das merecidas férias de verão, iniciou o curso de Teologia a 18 de outubro daquele ano. Tal como no curso de Filosofia, obteve primeiros prêmios em Teologia Dogmática e Moral, bem como outras menções honrosas nos concursos que ali se costumavam fazer anualmente. A láurea de Doutor em Teologia obteve-a no dia 13 de junho de 1906.

Ao mesmo tempo em que aprimorava a cultura e alargava os seus invejáveis dotes de inteligência na Universidade Gregoriana, onde deu tantas provas de rara lucidez intelectual, fazia progressos na vida espiritual preparando-se cuidadosamente para o sacerdócio, ideal que desde criança alimentou no mais íntimo do coração.

A 28 de outubro de 1899 recebeu a primeira tonsura, tornando-se clérigo incardinado na Diocese do Ceará. As duas primeiras ordens menores, ostiariato e leitorato, recebeu-as a 9 de junho de 1900 e as duas últimas, exorcistado e acolitato, a 15 de julho do mesmo ano.

Exatamente cinco anos após a primeira tonsura, dia 28 de outubro de 1904, prostrou-se no chão da Capela do Colégio Pio Latino, numa atitude simbólica de total adesão a Cristo e à sua Igreja, para receber das mãos de Dom Francisco do Rego Maia, Bispo resignatário do Pará então em visita a Roma, a ordenação do Subdiaconato.

O Diaconato lhe foi conferido por Dom Giusepp Cepetelli, bispo auxiliar do Cardeal Vigário de Roma, a 22 de abril de 1905, na Capela do Colégio Germânico. Finalmente, nessa mesma capela e pelo mesmo ordenante, recebeu o presbiterato a 29 de outubro do mesmo ano.

Galgava, assim, o jovem Tupi, aos vinte e três anos de idade, a montanha sagrada do sacerdócio e se tornava o Pe. Dr. José Tupinambá da Frota, realizando galhardamente um ideal a que tanto aspirou durante toda a vida. O sonho de outrora se tornava realidade, para alegria sua e de todos os seus familiares e amigos.

Antes de regressar ao Brasil empreendeu viagem pela Itália, Suíça, Austrália, França e Alemanha.

Ordenado padre a 29 de outubro de 1905, teve ainda que permanecer em Roma durante oito meses para concluir o doutorado em Teologia, fato ocorrido a 13 de junho de 1906. Em agosto estava de volta ao Brasil.

Depois de nove anos de ausência, tempo de seus estudos eclesiásticos na Bahia e em Roma, podia retornar à cidade natal, terra que nunca esquecera e que tantas saudades lhe despertara, conforme provam as confidências das muitas cartas dirigidas aos familiares.

Padre Tupinambá chegou em Sobral no dia 7 de setembro de 1906, sendo recebido com lágrimas de emoção e eflúvios de contentamentos, por seus pais, parentes e amigos. A cidade, que festejava o Dia da Independência do Brasil, uniu as alegrias nacionais às alegrias citadinas do retorno do ilustre conterrâneo. E o lar de Manuel Artur da Frota viveu em clima de festa durante muitos dias.

Nesse tempo era vigário de Sobral o Pe. Diogo, seu tio materno, homem de 77 anos, e o Pe Tupinambá começou a ajudá-lo nos trabalhos da paróquia. Atendendo, porém, a insistentes apelos que lhe chegavam de Dom José de Camargo Barros, Bispo de São Paulo, convidando-o para lecionar no Seminário Maior do Ipiranga, convites estes secundados por cartas de Dom Jerônimo e Dom Joaquim, respectivamente Bispos da Bahia e do Ceará, cedeu, quase a contragosto, e partiu para a Capital Paulista. Ali, durante o ano letivo de 1907, lecionou com muita proficiência as cadeiras de Teologia Dogmática, Ética e Liturgia.

Por não sentir vocação para o magistério, mas sim para o pastoreio das almas, encerrado o ano letivo de 1907 resolveu retornar ao Ceará e se colocar à disposição de seu Bispo. Ao chegar em Fortaleza tomou conhecimento do precário estado de saúde de seu tio Padre Diogo e da carta de renúncia que este dirigia a Dom Joaquim. O Bispo do Ceará, feliz com o retorno do Padre Tupinambá, manifestou-lhe a intenção de nomeá-lo vigário de Sobral, em substituição a seu tio já idoso e enfermo. Padre Diogo, de sua parte, também manifestou o desejo de ter como substituto o seu sobrinho. Tudo isto con-

correu para a rápida nomeação do novo pároco da Matriz sobralense.

Padre Tupinambá foi nomeado vigário de Sobral a 10 de fevereiro de 1908, tendo tomado posse a 23 do mesmo mês, com missa solene celebrada na Matriz repleta de fiéis. Permaneceu na função até sua nomeação para Bispo. Durante oito anos deu provas de seu dinamismo empreendedor, raro talento administrativo e admirável piedade pastoral.

Seu primeiro trabalho, como vigário, foi empreender o melhoramento e embelezamento da Matriz, demonstrando, como prioridade, o zelo pela Casa de Deus. Reformou os altares e a sacristia, renovou todas as alfaías e paramentos, adquiriu novas imagens, fez vir de Paris as figuras em tamanho natural para o presépio, organizou o coro e comprou um harmônio.

Com entusiasmo inextinguível estruturou a catequese, deu nova vida às Associações Religiosas e dignificou os atos litúrgicos elevando-os a uma expressão de raro esplendor e grandeza.

Dedicou-se caritativamente aos pobres e enfermos, dando-lhes assistência material e espiritual continuada. Para tanto, fundou um Dispensário que fornecia mantimento aos indigentes e, a 25 de agosto de 1912, deu início à construção do Asilo de Mendicidade, depois transformado em Santa Casa de Misericórdia, obra ciclópica para a época e que só pôde concluir, já como bispo, em 1925.

Ampliou o patrimônio da paróquia edificando uma casa na Praça da Matriz e construiu dois salões para aulas noturnas que confiou aos cuidados da Conferência Vicentina que organizou.

Durante a seca de 1915 desdobrou-se em esforços para minorar os sofrimentos de milhares de seus paroquianos. O mais importante, porém, de sua ação pastoral de vigário foi a missão de educador do povo. Realmente, procurou dar uma feição moral de dignidade humana aos seus conterrâneos, ensinando diuturnamente, nas prédicas e no aconselhamento pessoal, as máximas do Evangelho e a grandeza espiritual do Cristianismo.

Procurou, em tudo, conservar uma postura digna de cidadão, nas nobres atitudes, e um desempenho correto de seus deveres, na sublime missão de formar cristãos autênticos.

A criação da Diocese de Sobral se deve a um trabalho persistente de Dom Jerônimo Tomé da Silva. O ilustre prelado sobralense, então Arcebispo Primaz do Brasil, tudo fez para conseguir demonstrar à Santa Sé a necessidade e conveniência da instalação do novo Bispado. Com a criação das dioceses do Crato e de Sobral, Fortaleza passaria à sede de Arcebispo e ficaria instituída a Província Eclesiástica do Ceará. Dom Manuel da Silva Gomes, bispo de Fortaleza, aderiu de pronto à idéia de Dom Jerônimo, e a 22 de dezembro de 1914 dirigiu circular a todas as paróquias pedindo apoio para a rápida concretização deste desiderato. Apesar da declaração da terrível seca de 1915, foram angariados recursos suficientes para a constituição do patrimônio do Bispado sobralense.

Concluídos todos os preparativos, o Papa Bento XV, pela Bula "Catholicae Religionis Bonum" de 10 de novembro de 1915, criava a Arquidiocese de Fortaleza, tendo como sufragâneas as dioceses do Crato e de Sobral.

Tomando conhecimento da alvissareira notícia, o povo sobralense vibrou de alegria e ficou ansioso aguardando a nomeação de seu primeiro bispo. A realização deste desejo não se fez esperar, pois a 20 de janeiro de 1916 Padre Tupinambá foi escolhido para ocupar o sólio episcopal de Sobral. O mandato papal para sua sagração tem data de 10 de fevereiro do mesmo ano.

A cidade exultou de contentamento, pois já conhecia de perto o dinamismo de seu ex-vigário, seu amor à terra e sua exemplar conduta. Como bispo, alargaria ainda mais o campo de realizações beneméritas.

A 11 de maio de 1916, Dom José segue em direção ao Rio de Janeiro com o propósito de adquirir o instrumental necessário à cerimônia de sua sagração e a instalação da Diocese. Ali, no Mosteiro de São Bento, escolheu o lema de seu apiscopado: "Opportet illum regnare", frase tirada da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios, 15,25. Dom José, cômico de que a primeira missão de um Bispo é expandir o Reino de Deus

entre os homens, tudo fez para ser fiel ao seu lema: "É preciso que Cristo reine".

Do Rio de Janeiro, seguiu para Salvador da Bahia, onde chegou no dia 16 de junho. Ali, seria sagrado por Dom Jerônimo Tomé da Silva na manhã de 29 de junho, festa dos Apóstolos Pedro e Paulo. Foram consagrantes Dom Manuel da Silva Gomes, Arcebispo de Fortaleza, e Dom Manuel de Oliveira Lopes, Bispo de Alagoas. Foram paraninfos do ato litúrgico os Desembargadores Dr. Bráulio Xavier e Dr. Felinto Bastos, do Supremo Tribunal de Justiça da Bahia.

Dois dias depois, Dom José Tupinambá da Frota embarca no paquete que o trouxe até Camocim, onde chegou no dia 11 de julho, primeiro solo da nova diocese a ser pisado pelo novo bispo. Naquela cidade praiana foi recebido festivamente pela população que encheu as ruas e praças. Na manhã do dia seguinte, iniciou viagem com destino a Sobral, em trem especial, tendo feito antes uma longa parada em Granja, onde o povo o aguardava com ansiedade para lhe prestar condigna homenagem.

Em toda sua história, Sobral nunca tinha vivido festa tão apoteótica e alegria tão transbordante. As ruas situadas no longo itinerário que ia da Estação Ferroviária até a residência do Sr. Manuel Artur da Frota estavam profusamente ornamentadas de folhas e folhagens. O chão tapizado de pétalas de rosas e os ares embandeirados com milhares de flâmulas de papel colorido tremulando ao vento e de artísticos paquifes verdejantes. O espetáculo era digno de ser visto. A cidade nunca esteve tão alegre, entusiástica, festiva e comovente. Duas bandas de música, vestidas em traje de gala, estavam de prontidão e milhares de fogos de artifício preparados para o momento exato da chegada. Foi neste clima de indiscreta beleza que o povo sobralense recebeu o seu primeiro bispo.

Exatamente às 11 horas da manhã ensolarada de 12 de julho, enquanto os sinos de todas as igrejas e capelas repicavam alegremente, o trem especial, lentamente foi entrando na estação. O povo delirou de entusiasmo e muitas pessoas não puderam conter as lágrimas.

Depois de desfile triunfal pelas ruas, em carro aberto, a chegada à casa paterna, onde foi servido um lauto banquete. Na ocasião usaram da palavra o Dr. Clodoveu de Arruda, Pe. Antônio de Lira, Pe. Macário Bezerra, Pe. Custódio Vasconcelos, Carlos Rocha e Dr. José Plutarco. No final, Dom José agradeceu com palavras de emoção e ternura, declarando que orar e trabalhar seriam as bases de seu apostolado de Bispo.

Dom José tomou posse da Diocese de Sobral a 22 de julho de 1916, às 17 horas, em cerimônia realizada na Catedral, onde foi cantado solene "Te-Deum" de ação de graças. Depois da Bênção do Santíssimo, S. Excia. seguiu para a residência episcopal, hoje Colégio Santana, onde as autoridades e pessoas seletas da cidade o aguardavam. Na oportunidade ouviu-se o discurso do Desembargador Dr. Antônio Ibiapina, já cego, representando a sociedade sobralense, que com palavras cuidadosamente redigidas e comoventemente proferidas arrancou lágrimas da assistência. Começou o notável orador a sua alocução com as seguintes palavras: "Concedei a honra de vossa audição às palavras que um cego timidamente profere na sua penumbra, na meia-tumba em que em vida imergiu, agradecendo a Deus a felicidade de viver, meio vivo e meio morto, para não perder a memória de seus mortos na empolgante convivência dos vivos". Depois de discorrer demoradamente sobre o papel civilizador do cristianismo, concluiu dirigindo-se, com os olhos sem luz, para o novo bispo: "Digníssimo conterrâneo que trazeis as insígnias de dignitário da Igreja. Eu, como sobralense, rendo o preito que a justiça manda render ao vosso mérito e manifesto regozijo de que um despertar de esperanças, um rosicler de aurora promissora, encham o coração do povo diante do almejado guia espiritual... Saúdo o novo prelado e os seus enternecidos pais que bendirão o nascimento do filho como filho de Jesus Cristo."

Os discursos do Dr. Clodoveu de Arruda e do Dr. Antônio Ibiapina estão publicados, na íntegra, na Revista do Instituto do Ceará, ano 1926, p. 124-132.

Ao assumir a Diocese, Dom José procurou, em primeiro lugar, reunir o seu clero para expor o plano de governo. Dividiu as 19 paróquias em quatro grupos para facilitar a realização

freqüente das conferências eclesásticas, reuniões em que os vigários pudessem aprimorar, colegialmente, a vida de piedade e o conhecimento da doutrina sagrada.

A 22 de julho de 1917, primeiro aniversário de sua posse, deu início à longa série de visitas pastorais. Foram dois anos de cansativas viagens pelas matrizes e capelas principais de cada paróquia, tomando contato direto com seu rebanho, pregando o evangelho, administrando o sacramento da confirmação, ouvindo confissões, orientando pessoalmente a organização da catequese e sugerindo medidas para a melhor atuação pastoral.

A 3 de junho de 1917 ordenou o primeiro sacerdote, Pe. Eurico de Melo Magalhães. De 14 a 19 de Setembro esteve no Recife participando da 5ª Conferência Episcopal do Norte do Brasil. No mesmo dia em que regressou a Sobral, 23 de Setembro, criou a Paróquia do Patrocínio, para que a população da cidade tivesse melhor assistência religiosa.

A 22 de janeiro de 1918 convocou todos os 24 sacerdotes diocesanos para o primeiro retiro espiritual do clero e em dezembro do mesmo ano deu início à construção do prédio do Seminário no bairro da Betânia.

Fundou o jornal semanário "Correio da Semana", órgão dos interesses da Diocese, cujo primeiro número circulou a 31 de março de 1918.

A 2 de fevereiro de 1919 criou o Colégio Diocesano que funcionou provisoriamente no prédio da Santa Casa em construção, escola que foi desativada no mesmo ano por motivo da seca que assolou a região. Mesmo assim, para oferecer serviço aos flagelados, iniciou uma total reforma na Catedral, tendo adquirido em Paris o altar de mármore da Capela do Santíssimo.

Para permitir melhor assistência social e religiosa aos operários fundou o Círculo Católico, congregando 290 sócios fundadores e cujo prédio foi oficialmente inaugurado a 1º de janeiro de 1921.

A incansável operosidade e a exemplar conduta do novo prelado muito cedo chegaram ao conhecimento da Santa Sé que o quis remover para uma diocese mais importante, como

prêmio de seus méritos e oportunidade para ampliar sua ação benfazeja a serviço da Igreja. Foi assim que, de repente, se viu transferido para a Diocese de Uberaba, Minas-Gerais, em abril de 1923.

A notícia, embora ressoasse como merecida promoção, não foi bem aceita pela população sobralense que não desejava perder seu dinâmico pastor. Dom José, por sua vez, embora dócil à virtude da obediência, não pretendia se afastar de seu povo a quem muito amava. Inúmeros pedidos pessoais de altas autoridades e numerosos abaixo-assinados da população foram encaminhados à Nunciatura Apostólica solicitando sua permanência em Sobral.

Finalmente, após ingente esforço, a vontade popular foi atendida e a Santa Sé resolveu tornar sem efeito sua transferência para Uberaba, tendo a agradável notícia chegado a Sobral a 18 de janeiro de 1924. Na oportunidade, Dom José foi alvo das mais expressivas manifestações de carinho.

Com a decisão da permanência definitiva à frente dos destinos do Bispado, Dom José com alma nova resolveu empenhar todos os seus esforços no sentido de dotar sua Diocese de um Seminário para a formação do clero, de um moderno hospital e de dois estabelecimentos de ensino secundário. Neste trabalho deu mostras de gigante, removendo os mais sérios obstáculos para construir os majestosos prédios destinados àquelas instituições. Tudo nele era grande, principalmente as idéias e o impulso para construir.

A prioridade destas metas pertencia ao Seminário, porque seriam seus padres que iriam ajudá-lo a cumprir sua missão e a continuar seu trabalho.

O prédio do bairro da Betânia já tinha sido iniciado desde dezembro de 1918, e a construção caminhava lentamente. Em 1924 os serviços foram acelerados e no fim desse ano estava levantado, majestoso e imponente, como o porte moral de seu próprio criador. Mesmo necessitando da obra de acabamento, a inauguração do Seminário se deu a 25 de fevereiro de 1925, com matrícula de 29 alunos que, inicialmente, ficaram residindo no palácio episcopal. Pouco tempo depois, ocuparam definitivamente o imponente edifício. Por ali passaram centes-

nas de jovens, onde aprimoraram os conhecimentos humanísticos e receberam sólida formação moral e religiosa. De seus alunos, quase uma centena chegou ao sacerdócio e quatro chegaram ao episcopado.

Dom José prestava assistência diuturna a seus seminaristas. Diariamente recebia um deles em sua residência, em rodízio permanente, que ali pernoitava e no dia seguinte lhe ajudava a missa. Assim, podia o zeloso Bispo conhecer mais de perto um a um de seus seminaristas. Para um contato ainda mais direto com todos, construiu na Serra da Meruoca uma casa de férias, onde as desfrutava coletivamente com os alunos. Fez do seminário, como ele mesmo dizia, a pupila de seus olhos.

Posto o seminário em funcionamento, logo a saúde e a educação do povo tornaram-se as metas de seu incansável dinamismo. Em julho de 1924 fez uma viagem ao Rio de Janeiro com o fim de adquirir o equipamento necessário ao funcionamento da Santa Casa. A idéia da construção do hospital lhe veio à mente no ano de 1910, ainda como vigário. E conta ele que a teve quando celebrava uma missa dominical na Matriz. Deu início às obras de construção a 25 de agosto de 1912 e, finalmente, a 25 de maio de 1925, presidiu às solenidades de inauguração, com a presença do Senador João Tomé, representante do Governo do Estado. Os benefícios prestados pela Santa Casa são incontáveis, principalmente em favor dos indigentes que ali sempre foram acolhidos com muito amor para receber assistência médica e lenitivo espiritual.

A 12 de novembro de 1927, Dom José inaugura o Banco Popular de Sobral para facilitar o crédito aos menos favorecidos.

Resolvido o problema da saúde, voltou seus olhos para a educação secundária de que a região tanto carecia. Por não aceitar a educação mista, experiência que sempre combateu, resolveu fundar dois modernos estabelecimentos de ensino, um para o sexo masculino e outro para o feminino. O Colégio Sobralense, para rapazes, funcionaria em prédio a ser construído ao lado do Seminário no Bairro da Betânia e o Colégio Santana, para moças, ocuparia o edifício da residência episcopal. Foi esta a idéia que lhe veio e conseguiu concretizar. Foram

necessários dez anos de ingente esforço para que as duas obras se tornassem realidade. O Colégio Sobralense foi inaugurado a 1º de fevereiro de 1934 e o Colégio Santana, no dia seguinte. Ainda hoje são dois estabelecimentos modelares que prestam assinalados serviços à formação intelectual e moral da juventude, prestes a comemorar cinquenta anos de ininterrupta atividade.

A 4 de maio de 1943, sob sua iniciativa, é inaugurado o Patronato Maria Imaculada, entregue à direção das Filhas da Caridade que, dentro do espírito caritativo de São Vicente de Paulo, dedicam-se à educação primária dos pobres. Anexo ao prédio do Patronato, a 3 de março de 1947 é inaugurada a Escola Industrial Doméstica, primeiro estabelecimento de ensino profissional a funcionar na cidade.

Homem culto, Dom José assimilou os valores da civilização européia. Falava corretamente latim, italiano, espanhol e francês e lia razoavelmente o grego, o alemão e o inglês. Procurou dar uma feição romana à arquitetura dos edifícios que construiu. No coro da Catedral introduziu a música polifônica e ele mesmo ensaiava as produções de Palestrina e Perosi. Conhecia bem a literatura clássica e era versado no Direito Canônico.

Dedicou-se também ao estudo da genealogia, tendo feito um levantamento das principais famílias sobralenses, anotações que deixou inéditas. Mantinha correspondência com o Instituto Brasileiro de Genealogia, do qual foi admitido como sócio a 12 de abril de 1947. Foi também sócio correspondente do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras.

Infelizmente não gostava de escrever. Mesmo assim publicou a "História de Sobral", volumosa obra, em duas edições, e os "Traços Biográficos de Manuel Artur da Frota", seu genitor. São também de sua autoria alguns artigos publicados no "Correio da Semana", assinados com a abreviatura de J. T. Manifestou profundo amor às tradições religiosas e folclóricas da cidade, tendo-as descrito detalhadamente em seu livro para que pudessem sempre ser conservadas.

Para preservar a riqueza cultural da região, começou a organizar o Museu Diocesano, trabalho a que se dedicou du-

rante toda a vida. Ao falecer, deixou instalado um dos mais bem equipados museus do Brasil. Lastimavelmente não teve tempo de ver concluído o prédio a que deu início no bairro da Betânia para abrigar condignamente a preciosa coleção de raridades que reuniu.

Dom José não gostava de se ausentar do território de seu Bispado. Geralmente suas viagens eram rápidas, principalmente para Fortaleza, e quase sempre eram a serviço da Diocese. Apenas por duas vezes, em seu longo episcopado, teve que empreender viagens mais longas, sendo uma a Roma e outra ao Rio de Janeiro.

No dia 20 de abril de 1935 seguiu para o Recife, onde a 3 de maio embarcou em confortável transatlântico com destino à Cidade Eterna. Partia para cumprir o dever da visita ao Santo Padre e para rever a Roma dos seus tempos de estudante. Foi recebido por Pio XI em audiência especial. Seu retorno a Sobral aconteceu a 18 de agosto e o povo o recebeu com festas.

Quatro anos depois, faria uma outra viagem. Desta vez ao Rio de Janeiro a fim de participar do Concílio Plenário Brasileiro. Todo o episcopado brasileiro se reunia na Igreja da Candelária de 1º a 20 de julho de 1939. Dentre os 77 arcebispos e bispos presentes, Dom José foi escolhido para o cargo de 2º Secretário com a incumbência de redigir em latim os documentos oficiais daquele importante conclave. Distinguiu-se pela pontualidade e presteza em dar conta das obrigações que assumiu. Em verdade, sua contribuição foi valiosa para o bom andamento dos trabalhos e recebeu elogios do Cardeal Leme, Legado Pontifício daquele Concílio Nacional.

Dom José tinha uma predileção especial pelos pobres e pelos velhos. Desde o tempo de vigário dedicou-se a um trabalho de caridade dos mais elogiáveis em benefício dos indigentes. O apoio que deu às Conferências Vicentinas, aos Círculos Operários e aos Dispensários dos Pobres bem demonstram esta sua predileção. Durante as secas periódicas desdobrava seus esforços para minorar os sofrimentos dos flagelados.

Nesta linha de apostolado o ponto alto de suas realizações foi a construção do Abrigo Coração de Jesus, edifício de grande porte e instituição de elevada serventia social. Seu obje-

tivo era amparar a velhice desamparada, sem esquecer os sacerdotes idosos para os quais destinou dependências especiais no Abrigo. Construiu essa obra benemérita com os poucos recursos conseguidos de esmolas e forçadas economias das rendas da Diocese. Para tanto, renunciava ao próprio conforto pessoal, vivendo modestamente, com mesa sóbria e frugal. Pouco queria para si e tudo o que possuía destinava para as obras sociais que instituiu. Seu testamento, firmado a 19 de fevereiro de 1955, é uma prova cabal desta pobreza franciscana em que sempre procurou viver.

O Abrigo Coração de Jesus, inaugurado a 8 de setembro de 1953, foi a última obra de vulto de sua gigantesca e fecunda operosidade.

Dom José foi o maior benfeitor da cidade de Sobral. Durante 51 anos, dos quais 8 como vigário e 43 como bispo, foi o chefe, o líder, o pai espiritual da comunidade sobralense. Seu dinamismo incomum dotou Sobral e a Diocese de melhoramentos extraordinários de ordem material, social, cultural, moral e religioso. Sua figura portentosa encheu durante mais de meio século a história da cidade.

Para manifestar-lhe gratidão, o povo se ergueu solidário, por duas vezes, em gestos de grandiosas homenagens. A primeira, na realização do monumental Congresso Eucarístico Diocesano de 24 a 29 de junho de 1941, comemorando o jubileu de prata de sagração episcopal, e a segunda, nos festejos imponentes do Congresso de Vocações Sacerdotais, de 24 a 29 de outubro de 1955, comemorando o jubileu de ouro da ordenação sacerdotal. Foram duas solenes e pomposas festas que jamais se apagarão da gesta da cidade. Homenagens merecidas a quem realizou obras, tantas e de tais valores, só encontradas em homens de espírito superior talhados para o engrandecimento da Verdade e do Bem.

A Santa Sé, por seu lado, para testemunhar o reconhecimento pelos serviços que prestou à Igreja, o agraciou com os títulos de Prelado Doméstico, Assistente ao Sólido Pontifício e Conde Romano.

Dom José foi homem de profunda piedade. Eu que com ele convivi durante alguns anos, sou testemunha ocular de sua

Intensa vida de oração. Diariamente fazia as orações da manhã e da noite ajoelhado diante do Sacrário da capelinha da residência episcopal. A celebração diária da missa a fazia com tal atenção e recolhimento como se a fizesse sempre pela primeira vez. Muitas vezes ouvi de seus lábios: "Um dia sem eucaristia é um dia sem sol". Todas as noites rezava o terço do rosário em homenagem à Mãe de Deus, a quem dedicava devoção toda especial.

Traço característico de sua piedade era o amor à Igreja, a ponto de observar, até ao exagero, todas as prescrições da liturgia. Em sua presença não deixava passar, sem imediata reprimenda, qualquer descuido, de sacerdotes e seminaristas, na obediência rigorosa às normas do ritual.

Chegava a perder a calma e o controle emocional quando percebia qualquer desrespeito à Casa de Deus. Na celebração das cerimônias religiosas tomava posição hierática, procurando realizar tudo com tanta seriedade, como quem assumisse a grave responsabilidade de ter de prestar severas contas a Deus por cada detalhe do que estava praticando. Na missão de confessor e conselheiro, porém, era compreensivo, afável e afetivo.

Homem de Deus, tinha o zelo pelas coisas sagradas e fez da oração um dos esteios de sua vida.

Dom José era um homem polímorfo e, por isso, quase completo. Ríspido nas reprimendas contra o erro e brando na intimidade da família e dos amigos. Severo no cumprimento do dever e risonho nas horas do lazer. Intransigente diante da dignidade e da honra, tolerante diante da fraqueza humana. Hierático e principesco nas funções litúrgicas, simples no dia-a-dia de casa e no trato com os humildes. Sério na conversação formal, chistoso nos momentos do humorismo e da anedota.

Fidalgo com filhamento, apurava a boa prosápia do sangue e os brasões de família. Cavalheiro no porte, nobre nas ações, aristocrático nas atitudes. Prezava o respeito à palavra empenhada, o cumprimento fiel do juramento, a lealdade à promessa, a firmeza do caráter.

Amante das tradições, era infenso a mudanças e tardo em aceitar inovações. Defendeu denodadamente a veste talar dos sacerdotes, o feitiço clerical do apostolado, o latim na liturgia e o canto gregoriano. Até o fim da vida, procurou conservar a posição de Bispo como Príncipe da Igreja.

Dom José foi um dos últimos abencerrages da mentalidade católica pré-conciliar.

Depois de uma existência tão bem vivida a serviço de Deus e dos homens, faleceu às 21,30 horas do dia 25 de setembro de 1959, com 77 anos e quinze dias de idade.

Com sua morte, a História de Sobral, que ele escreveu com tinta e com sangue, iniciou um novo capítulo. Sua presença dominante, durante mais de meio século de decisiva influência, imprimiu marcas indelévels nos fastos de sua cidade e no coração de sua gente. As obras monumentais que realizou tornarão perene seu nome através da história.

Chorado por quantos o conheceram, morreu cercado da veneração do povo. Logo após o passamento, enquanto a notícia corria célere de canto a canto da cidade, o povo acorreu em romaria à residência episcopal para prestar um tributo de pesar ao querido pastor e guia espiritual.

Velado reverentemente na Capela do Menino Deus, seu corpo permaneceu, durante toda a noite, em esquife aberto diante do qual desfilarão milhares de pessoas, silenciosamente.

No dia seguinte, às 10 horas da manhã, em solene cortejo fúnebre, foi trasladado o cadáver para a Sé Catedral, onde esteve exposto, em câmara ardente, até a hora da inumação após a comovente missa de exéquias.

Foi sepultado no pavimento da Capela do Santíssimo Sacramento, a seu pedido, sob um epitáfio esculpido em mármore, que bem traduz o seu permanente desejo de sempre estar na presença de Deus: "Ad pedes Domini pie requiescat".

Enquanto, lá no Céu, sua alma goza eternamente a beatitude da visão direta de Deus, aqui na terra, em humilde pedaço de chão, seu corpo repousará para sempre aos pés do Senhor.

Assim na vida terrena, como na sobrevivência da morte, continua, de corpo e alma, totalmente entregue nas mãos amorosas de Deus.

JUSTINO DOMINGUES DA SILVA

Nasceu a 28 de janeiro de 1823. Filho do Alferes Joaquim Domingues da Silva e Florência Maria de Jesus, casados em Sobral a 11 de fevereiro de 1806. Neto paterno dos portugueses Luis Domingues da Silva e Josefa Francisca, naturais de Vila Nova de Gaia. Neto materno do Capitão Inácio Gomes Parente e Francisca de Araújo Costa, casados a 24 de novembro de 1777.

Foi batizado pelo seu tio Pe. Francisco Gomes Parente, conforme se vê do seguinte registro: "Justino, filho legítimo de Joaquim Domingues da Silva, do Bispado do Porto, e de Florência Maria de Jesus, natural desta freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Sobral, nasceu a vinte e oito de janeiro de mil oitocentos e vinte e três e foi batizado solenemente com santos oleos nesta Matriz a dezenove de fevereiro do dito ano pelo Padre Francisco Gomes Parente, de licença minha. Foram padrinhos Antônio Januário Linhares e sua mulher Rita Madeira de Vanconcelos, do que para constar mandei fazer este assento e assignei. O serventuário Antônio da Silva Pereira Camelo Pessoa". (Liv. Bat. Sobral, 1822-1825, fl. 28).

Seu pai, português natural de Santa Marinha da Vila Nova de Gaia, estabeleceu-se em Sobral como comerciante, tendo adquirido uma grande fortuna. Homem de mentalidade esclarecida, tudo fez para formar seus filhos, dos quais se destacaram o médico Dr. Antônio Domingues da Silva, formado na França, o Desembargador Dr. Francisco Domingues da Silva, que foi Ministro do Supremo Tribunal de Justiça, e o Pe. Dr. Justino Domingues da Silva. Faleceu, seu genitor, a 22 de março de 1855, com 81 anos de idade.

O jovem Justino estudou as primeiras letras com o Professor Gregório Francisco Torres de Vasconcelos, sendo colega de Tomás Pompeu de Sousa Brasil e de Antônio Manuel Diniz

Pereira, com os quais viajou para Pernambuco a fim de se matricular no Seminário de Olinda. No livro de matrícula dessa instituição, por mim compulsado, consta seu ingresso como pensionista, no ano de 1837, juntamente com seu irmão Florêncio. Em 1839, inicia o curso teológico. O processo de sua habilitação para o estado clerical se encontra no Arquivo da Cúria Arquidiocesana do Recife, sob o nº 81, na Rua do Giriquiti, 48, onde estive para pesquisar dados para escrever este dicionário. Em Sobral o processo foi concluído a 20 de abril de 1842, tendo sido ouvidas sete testemunhas: Vicente José de Farias, Francisco José de Lemos, Antônio Furtado dos Santos, Justino da Silva Fialho, Antônio José Portela, Manuel José Madeira e Rodrigo Alves Coelho. Como patrimônio recebeu "uma légua de terras de criar no lugar denominado Traíras, nas margens do Riacho Seco, avaliada em quinhentos mil réis". Consta do processo que o ordenando "não é avechado ou assombrado do demônio" e dele vem traçado o seguinte perfil: "É o ordenando de alta estatura, seco do corpo, cabelos castanhos corredios, pouca barba, olhos pequenos, sobranceiras proporcionadas, nariz afilado não pequeno, cara redonda, tem todos os dentes de frente, não tem defeito ou cicatriz alguma que induza irregularidade".

Uma petição assinada pelo candidato e dirigida ao Bispo de Olinda com data de 9 de março de 1842 solicita permissão para se transferir para o Seminário do Maranhão onde pretende ordenar-se sacerdote, depois de concluir seus estudos. A ordenação sacerdotal foi no ano de 1845. A 25 de dezembro do mesmo ano, Pe. Justino celebra primeira missa solene na Matriz de Sobral. Em março de 1846 retorna a Olinda para cursar a Academia de Direito, onde se formou bacharel a 31 de outubro de 1849.

Em 1850 foi eleito Deputado Provincial, função que exerceu em sete biênios consecutivos. Em 1862 foi eleito Deputado Geral, mas não chegou a tomar posse. Ocupou cadeira na Câmara dos Deputados Gerais durante a 14ª Legislatura, 1868-1872.

De 1854 a 1861 foi vereador da Câmara Municipal de Sobral, simultaneamente enquanto ocupava cadeira no Legislativo

Provincial. Nesse período dividiu sua residência entre Fortaleza e Sobral.

A 25 de dezembro de 1862, por ocasião da Primeira Visita Pastoral de Dom Luís Antônio dos Santos a Sobral, pregou na missa solene do Natal celebrada na Matriz.

A 4 de janeiro de 1873 foi nomeado Membro do Conselho Diretor da Instrução Pública do Ceará, passando desde então a residir definitivamente em Fortaleza. A 27 de janeiro do mesmo ano foi nomeado Professor de Francês do Liceu do Ceará. Exerceu também a função de Bibliotecário da Biblioteca Pública do Ceará.

Com a criação da Faculdade de Direito do Ceará a 21 de fevereiro de 1903, foi nomeado para o cargo de Fiscal dessa instituição.

Durante muito tempo exerceu o cargo de capelão da igreja de São Bernardo, em Fortaleza.

Informa Hugo Victor que "era o Padre Justino um espírito alegre, expansivo, altamente plênico, gostando de dedilhar violão que era um passatempo de sua preferência, pelo que teve o apelido de "Padre Violão".

Pe. Dr. Justino Domingues da Silva faleceu a 8 de julho de 1907, na Capital cearense.

JUSTINO FURTADO DE MENDONÇA

Nasceu em Sobral no ano de 1814, filho de Antônio Furtado do Espírito Santo e Ana Antônio de Sousa, casados a 22 de setembro de 1791 na Matriz de Sobral. Neto paterno do português Antônio Furtado dos Santos e Ana Maria da Conceição casados a 4 de julho de 1753. Neto materno de Félix José de Sousa e Teodora Maria de Jesus, casados a 5 de agosto de 1765.

Seu pai foi escrivão e secretário da Câmara Municipal de Sobral e faleceu a 14 de abril de 1834. Sua mãe, irmã do Padre Moror, faleceu a 29 de março de 1863.

Fez os estudos primários com o Professor Gregório Francisco Torres e Vasconcelos, exemplar mestre-escola da antiga vila de Sobral.

Com 20 anos de idade foi enviado ao Recife, em 1834, com fim de estudar no Seminário de Olinda, onde foi matriculado como pensionista. Após três anos de curso teológico, foi ordenado sacerdote em dezembro de 1837.

Retornando a Sobral, assumiu a função de cooperador do vigário, durante um ano. Em março do ano de 1839 assumiu o cargo de capelão de Santana do Acaraú. A 29 de julho de 1940 foi nomeado vigário de Santa Quitéria, com posse a 13 de outubro, ali permanecendo até o final do ano de 1849. Nesse período, foi eleito Deputado Provincial da Assembleia do Ceará, tendo exercido dois mandatos bienais de 1846 a 1849.

Em 1845, com a morte do vigário de Sobral Pe. José da Costa Barros, solicitou ao Governo Imperial sua transferência de Santa Quitéria para a freguesia vacante da terra natal, mas teve seu requerimento indeferido. Na petição alegava que a freguesia de Santa Quitéria é "colada no meio do sertão tão seco e desabitado que lhe é quase impossível fazer efetiva residência". Em 1847, já Deputado, solicitou novamente sua transferência para Aracati, sendo outra vez desatendido.

Pretendeu também transferir a sede da freguesia de Santa Quitéria para a Capela de Santana da Barra do Macaco, hoje Macaraú, em ofício que dirigiu ao Presidente do Ceará com data de 1º de maio de 1847. Outra vez desatendido, passou o ano de 1849 nessa capela administrando os sacramentos aos fregueses.

Em 1850 resolveu pedir carta comendatícia de transferência para a Arquidiocese do Rio de Janeiro, sendo atendido. Na Capital do Império demorou-se por um ano, sendo em 1851 nomeado vigário da Barra do Piraí, cargo que exerceu durante 28 anos. Ali, faleceu no dia 16 de outubro de 1879.

Era Cônego da Capela Imperial do Rio de Janeiro.

L

LUIS AURÉLIO RODRIGUES DE ANDRADE

Nasceu em Sobral a 13 de dezembro de 1927, filho do Dr. Francisco Juvêncio de Andrade e Ana Rodrigues de Andrade, casados a 16 de outubro de 1915. Neto paterno de Antônio Juvêncio de Andrade e Francisca Laurinda Menezes, casados a 23 de janeiro de 1862. Neto materno de José Gomes Rodrigues de Andrade e sua primeira mulher Ana Frederica de Andrade, casados a 6 de maio de 1874.

É irmão do Cônego Egberto Rodrigues de Andrade e do Pe. Francisco Juvêncio de Andrade, ambos biografados neste livro.

É o seguinte o teor do registro de batismo: "Luis, filho legítimo de Francisco Juvêncio de Andrade e Ana Rodrigues de Andrade, nascido aos treze de dezembro de mil novecentos e vinte e sete, foi pelo Padre José Gerardo Ferreira Gomes, na Capela do Menino Deus, solenemente batizado aos oito de janeiro de mil novecentos e vinte e oito. Padrinhos Dr. Ossian de Aguiar e Ana Excelsa de Aguiar. Para constar, mandei lavrar este assento que assigno. O vigário Padre José Gerardo Ferreira Gomes." (Liv. Bat. Sé de Sobral, nº 69, fl. 192).

Matriculou-se no Seminário de Sobral em fevereiro de 1940. Após os seis anos do curso de humanidades, transferiu-se para o Seminário de Fortaleza para estudar Filosofia. Em 1948, sentindo vocação para a vida religiosa da Congregação da Missão dos Padres Lazaristas, seguiu para Petrópolis, onde fez o noviciado e cursou Teologia.

Foi ordenado sacerdote em Petrópolis, a 15 de julho de 1954. Celebrou sua primeira missa em Sobral, no dia 19 do mesmo mês.

Iniciou seus trabalhos sacerdotais na Escola Apostólica São Vicente de Paulo, bairro de Antônio Bezerra, em Fortaleza, onde permaneceu durante três anos. Viajou depois para Minas Gerais, tendo ali curado a paróquia de Calafate e exercido o magistério no seminário de Mariana. Trabalhou ainda no Regional da CNBB de Belo-Horizonte.

Com licença da Santa Sé, secularizou-se em 1972. Atualmente é professor universitário na Capital Mineira.

LUIS DE CARVALHO ROCHA

Nasceu em Sobral a 22 de abril de 1886, filho de Cassiano Mendes da Rocha e Francisca Cândida de Carvalho, casados a 24 de janeiro de 1885. Neto paterno do Comendador João Mendes da Rocha e Cândida Furtado de Mendonça, casados a 24 de setembro de 1845. Neto materno de Antônio Alves de Carvalho e de sua segunda mulher Francisca Cândida de Carvalho, casados a 18 de maio de 1864.

É sobrinho materno do Pe. Antônio Alves de Carvalho.

Após os estudos primários da cidade natal, transferiu-se para Fortaleza onde seus pais fixaram residência. Ali foi matriculado no Seminário, onde cursou Humanidades, Filosofia e Teologia.

Foi ordenado sacerdote a 30 de novembro de 1908.

Iniciou as atividades sacerdotais como vigário cooperador de Maranguape, onde esteve de 12 de janeiro de 1909 a 1º de setembro de 1911. Desde cedo demonstrou muita capacidade de trabalho, fato que foi confirmado com sua atuação na paróquia de Redenção, da qual tomou posse em setembro de 1911. Ali reformou a Matriz e construiu as capelas de Barreira, Jurema, Antônio Diogo, Cantagalo, Serra da Honorata e Calaboca. Durante quase 13 anos desdobrou-se em trabalhos em prol do engrandecimento cultural, social e religioso de Redenção.

A 21 de janeiro de 1924 foi chamado para assumir a paróquia do Patrocínio, no centro da Capital Cearense, para, no ano seguinte, receber o cargo de Cura da Catedral Metropolitana de Fortaleza.

Nessa nova função foi exemplo de zelo apostólico e de profunda vida espiritual. Bom orador, pregava com entusiasmo e convicção as verdades do Evangelho que sempre lhe orientaram os passos.

Em 1933 organizou uma peregrinação à Bahia, por ocasião do 1º Congresso Eucarístico Nacional. Fez também peregrinação a Roma em sinal de amor filial ao Papa.

Com o apoio de Dom Antônio de Almeida Lustosa, fundou o Instituto das Irmãs Josefinas, congregação religiosa feminina, hoje muito florescente, com muitas casas residenciais espalhadas por várias partes do Brasil, sob a direção da Madre Geral, Dona Rosita Paiva.

Faleceu em Fortaleza a 11 de setembro de 1944.

LUIS MARTINS DOS SANTOS ARAÚJO

Documentos manuscritos o apresentam como natural de Sobral. Não encontrei seu nome nos livros de matrícula do Seminário de Olinda.

Foi ordenado sacerdote no ano de 1843. Em 1844 seu nome aparece nos registros de batismo referentes à Capela de São Bento da Amontada.

Foi vigário da antiga freguesia de Almofala, a partir de 1845.

Em 1850 competiu, em um concurso para professor da escola pública de Acaraú, com seu colega e conterrâneo Pe. João José Mendes de Melo.

Em 1855 residia em Santana do Acaraú. Os livros locais não registram mais seu nome após essa data.

LUIS MENDES FROTA

Nasceu em Sobral a 10 de setembro de 1918, filho de Francisco Frota Júnior e Maria Gerviz Mendes Frota, casados a 29 de julho de 1905. Neto paterno de Francisco Gomes da Frota Júnior e Ângela Maria da Frota, casados a 4 de novembro de 1871. Neto materno de Alexandre Mendes de Vasconcelos e Maria Olinda Mendes de Vasconcelos, casados a 25 de novembro de 1863.

Matriculado no Seminário Menor de Sobral em fevereiro de 1931 cursou humanidades até dezembro de 1935. Em fevereiro de 1937 ingressou no Seminário Maior de Fortaleza, onde concluiu os cursos de Filosofia e Teologia.

Na Diocese de Sobral foi vigário em Reriutaba, Santana do Acaraú e Tamboril.

Faleceu em Feira de Santana, Bahia, no ano de 1983.

M

MANUEL CARNEIRO DA RESSURREIÇÃO

Natural do município de Sobral, é filho de Manuel Carneiro Rios e Maria do Livramento, casados na povoação da Caiçara a 17 de abril de 1748. Neto paterno de Vitoriano Carneiro Rios e Maria da Assunção, naturais da Ilha da Madeira. Neto materno de Gonçalo Ferreira da Ponte e de sua segunda mulher Maria da Conceição Monte Silva.

Era sobrinho do Pe. José Ferreira da Costa que foi vigário dos Cariris Novos e do Capitão Manuel José do Monte.

Seu nome aparece, pela primeira vez, nos registros eclesiásticos dos livros da Matriz de Sobral a 21 de outubro de 1766, sendo padrinho de batismo, identificado como solteiro. Isto prova que, nesse tempo, ainda não tinha ingressado no Seminário.

A 9 de julho de 1786 seu nome aparece, já como sacerdote, batizando na Capela de Meruoca em companhia do Pe. Miguel Lopes de Madeira Uchoa.

Após a morte do Pe. João Ribeiro Pessoa, vigário de Sobral, ocorrida a 19 de maio de 1787, assumiu interinamente a paróquia, passando a assinar os registros de batismos e casamentos com o título de Cura da Matriz de Sobral.

Era cunhado de Gaspar da Cunha Araújo e Custódio da Costa Araújo, troncos de famílias da Ribeira do Acaraú.

MANUEL DE FRANÇA MELO

Nasceu em Sobral a 14 de julho de 1862. Filho de Luís de França Melo e Francisca Teresa de Jesus, casados a 25 de abril de 1846. Neto paterno de João de Medeiros Furtado de Mendonça e Maria Francisca da Conceição, naturais de Cachoeira, Bahia. Neto materno de Joaquim Tinoco de Araújo e Maria Madalena de Araújo, naturais do Maranhão.

Seu pai foi marinheiro desertor que abandonou um navio de linha no porto de Acaraú e veio fixar residência em Sobral, onde se apresentou com o nome falso de Antônio José como ficou popularmente conhecido. Exercia a profissão de pintor de portas e janelas.

Após concluídos os estudos em Sobral na escola do Padre Fialho, matriculou-se no Seminário de Fortaleza no dia 8 de março de 1886.

Foi ordenado sacerdote, em Fortaleza, a 30 de novembro de 1892 e celebrou a primeira missa solene, em Sobral, a 13 de dezembro.

Iniciou suas atividades sacerdotais na cidade natal, como cooperador do vigário, função que exerceu até 18 de setembro de 1893, dia em que foi nomeado vigário da freguesia de Ipueiras.

Transferido para a paróquia de Coreaú a 29 de março de 1894, tomou posse a 13 de maio do mesmo ano. Ali permaneceu durante 11 anos, sendo demitido dessa função a 21 de agosto de 1907, por ato de Dom Joaquim José Vieira, Bispo do Ceará.

Voltou a residir em Sobral, como avulso, prestando ajuda nos trabalhos da Matriz. Nesse tempo publicou artigos na imprensa local.

Em 1909 conseguiu carta comendatícia de transferência para a Diocese de Manaus, tendo ali exercido as funções de vigário nas paróquias de Borba, Humaitá e Macapurus.

Acometido de hidropisia resolveu retornar a Sobral, onde chegou, bastante doente, em maio de 1915.

Quatro meses depois, não resistindo ao persistente mal, faleceu. Seu sepultamento, realizado a 6 de setembro de 1915, teve numeroso acompanhamento.

Era tio paterno do Pe. João de França Melo.

MANUEL FRANCISCO DA FROTA

Nasceu na Fazenda Buraco das Araras, município de Sobral, a 8 de novembro de 1837. Filho de José da Frota Maria Vasconcelos e Isabel Balbina Pereira Dutra, casados a 18 de agosto de 1836. Neto paterno de Inácio Gomes da Frota e Ana Joaquina de Jesus, casados a 20 de outubro de 1806. Neto materno de Joaquim Pereira Dutra e Angélica Mendes de Vasconcelos, casados a 23 de outubro de 1797.

Seus pais fixaram residência em Sobral no ano de 1840, trazendo consigo o desejo de prosperar no comércio. Seu genitor, bastante religioso, assumiu o cargo de procurador da capela do Menino Deus a que se dedicou, com muito zelo, até a morte ocorrida a 17 de setembro de 1877.

Feitos os estudos primários em Sobral, seguiu para Olinda em cujo Seminário foi matriculado no dia 3 de maio de 1858, ajudado pela Caixa Pia que lhe concedeu uma pensão de 20 mil réis mensais.

Foi ordenado sacerdote, em Fortaleza, a 15 de dezembro de 1861. A 13 de janeiro do ano seguinte celebrou primeira missa na Capela do Menino Deus. Permaneceu em Sobral, na companhia dos pais, aguardando nomeação para a primeira função sacerdotal. Esta lhe foi passada a 17 de setembro de 1862 e, para alegria sua, lhe conferia o dever de ajudar ao seu tio Pe. Miguel Francisco da Frota, então vigário colado do Icó. Com a transferência deste para Fortaleza, ele próprio assumiu aquela paróquia à qual dedicou-se, de corpo e alma, durante trinta e cinco anos.

Renunciando à função de pároco a 25 de agosto de 1907, continuou residendo no Icó até o dia de seu falecimento, ocorrido a 10 de setembro de 1927. Faltavam menos de dois meses para completar 90 anos de idade.

MARCOS LÚCIO FROTA DINIZ CARNEIRO (Padre)

Nasceu em Sobral a 21 de julho de 1918, filho de Franklin Diniz Carneiro e de Maria Dayse Frota Carneiro, casados a 27 de setembro de 1917.

Neto paterno de Martins de Oliveira Carneiro e Guilhermina de Oliveira Martins, naturais de Borborema, Minas Gerais. Neto materno de Estanislau Lúcio Carneiro da Frota e sua primeira mulher Ana Joaquina Rodrigues de Albuquerque, casados a 28 de janeiro de 1891.

É o seguinte o registro de seu batismo: "Marcos Lúcio, filho legítimo de Franklin Diniz Carneiro e de Maria Dayse Frota Carneiro nascido aos vinte e um de julho de mil novecentos e dezoito foi por mim na Igreja Matriz solenemente batizado aos nove de setembro de mil novecentos e dezoito.

Seu pai veio para Sobral, como desenhista, ajudar na construção da estrada da Serra da Meruoca, tempo em que conheceu a futura esposa. Aprovado em curso para o Banco do Brasil, foi lotado na agência do Recife e, posteriormente, na de Juiz de Fora, onde passou a residir.

Marcos Lúcio iniciou sua educação na Academia de Comércio de Juiz de Fora. Concluiu o curso de Humanidades no Instituto Missionário São Miguel, em Borda do Campo, Minas Gerais, escola dirigida pelos Padres da Sociedade do Verbo Divino, em 196. A 2 de fevereiro do ano seguinte ingressou para o noviciado dessa Congregação, em Santo Amaro, São Paulo, professando, com votos perpétuos, a 17 de setembro de 194.

Recebeu a Ordenação Sacerdotal, a 8 de dezembro de 194, das mãos do Bispo Dom Pedro Massa, na capela do Liceu Sagrado Coração, em São Paulo.

Exerceu o magistério na Academia de Comércio de Juiz de Fora e no Colégio Arnaldo, de Belo-Horizonte. Licenciou-se em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, em 1947. A 15 de agosto de 1948 fundou o Arnaldinum São José, Seminário Menor da Sociedade do Verbo Divino, onde esteve como reitor até 1962.

Na administração de sua Congregação Religiosa tem ocupado cargos de destaque. Foi Conselheiro Provincial de 1951 a 1959.

Fez duas viagens à Europa em missão religiosa, sendo uma a Roma, em 1958, para participar do Capítulo Geral da Congregação, e outra a Fátima, Portugal, em 1962, como mestre de noviços e assistente regional da Ordem.

Desde 1969 reside em Diamantina, Minas Gerais, onde tem exercido cargos na administração da Arquidiocese. Foi vigário de Inhaí, Maria Nunes, Tombadouro e Datas.

Fundador e atual Diretor do Movimento de Criatividade Comunitária do Rio Grande, presta inestimáveis serviços de cunho social e religioso para o desenvolvimento desse Bairro de Diamantina.

MARIO JOSÉ DE MENEZES

Nasceu a 7 de setembro de 1929, filho de Antônio Lino Menezes e Hieronides Frota Menezes, casados em Sobral a 24 de janeiro de 1920. Neto paterno de Francisco Jeremias Frota e Antônia Laurena Ferreira da Frota e materno, de João Batista de Menezes e Maria José de Menezes.

Em 1935 seus pais foram residir na cidade piauiense de Parnaíba. Dois anos depois, a 8 de dezembro de 1937, seus genitores o trouxeram em férias para a Serra da Meruoca, em cuja Matriz recebeu a primeira comunhão.

Estudou o curso primário no Instituto São Luiz de Gonzaga, de Parnaíba. A 12 de fevereiro de 1943 foi matriculado no Seminário Menor de Sobral, onde permaneceu até dezembro de 1948. Em fevereiro do ano seguinte, matriculou-se no Seminário Maior de Fortaleza para cursar Filosofia e Teologia.

Foi ordenado sacerdote a 8 de dezembro de 1954. Iniciou suas atividades sacerdotais como pároco da freguesia de Pedro II, Piauí, onde esteve de 23 de março de 1955 a 9 de janeiro de 1962. Assumiu a paróquia de Barras a 28 de fevereiro do mesmo ano, cargo que ainda hoje exerce com grande desvelo.

Nessa paróquia construiu a nova Matriz e várias capelas na periferia na cidade e no interior do município. Ultimamente vem se dedicando à formação de Comunidades Eclesiais de Base e incremento da Catequese.

MIGUEL FRANCISCO DA FROTA

Nasceu na Fazenda Salgado, município de Sobral, a 18 de março 1816. Era filho de Inácio Gomes da Frota e Ana Maria da Conceição, casados a 28 de outubro de 1806. Neto paterno de Felipe Gomes da Frota e Josefa Maria de Jesus, casados a 11 de agosto de 1771. Neto materno de Manuel Francisco de Vasconcelos e Maria Joaquina da Conceição, casados a 26 de novembro de 1767.

Foi batizado na Fazenda em que nasceu, conforme se vê do seguinte traslado: "Miguel filho legítimo de Inácio Gomes da Frota e Ana Maria da Conceição, desta freguesia, nasceu aos dezoito de março de mil oitocentos e dezesseis e foi batizado na Fazenda Salgado, de minha licença, pelo Padre Frel Manuel da Assensão, religioso do hábito de São Francisco, aos dez de março do mesmo ano e logo lhe administrou os santos óleos. Foram padrinhos Manoel Inácio de Vasconcelos e Dona Maria Joaquina da Conceição desta freguesia e para constar fiz este assento e assignei. O vigário José Gonçalves de Medeiros". (Liv. Bat. Sobral, 1812-1818, fl. 237 v.).

Foi matriculado no Seminário de Olinda, como pensionista, em 1840. Estudou Teologia de 1841 a 1843.

Recebeu a ordenação sacerdotal, em Olinda, no dia 30 de julho de 1843. Após a ordenação, veio para Sobral na qualidade de pro-pároco, cargo para o qual foi nomeado a 30 de outubro. A 4 de junho de 1844 dirige ofício ao Presidente da Província pedindo a construção de um cemitério público para Sobral.

A 22 de setembro de 1844 afirma que o vigário de Sobral, Pe. José da Costa Barros, lhe outorgou o regimento da freguesia "ad universitatem causarum". Entrou em desentendimento

com o Pe. Justino Domingues da Silva que estaria suspenso e queria usurpar o seu lugar na Mesa Paroquial das eleições. Foi Deputado Provincial em três biênios, com intervalos de dez anos entre cada um, quais sejam: 1848-1849, 1858-1859, 1868-1869.

Com a criação da freguesia de Santana do Acaraú a 29 de agosto de 1848, foi nomeado seu primeiro vigário, cargo que exerceu até dezembro de 1849.

Transferido para a freguesia do Icó, tomou posse a 10 de julho de 1850 e a regeu até 13 de fevereiro de 1864. Nessa paróquia desdobrou-se em zelo para atender às necessidades materiais e espirituais de seus paroquianos. No ano de 1862, quando grassou uma epidemia no Icó, desenvolveu intenso esforço para debelar o mal, mostrando-se incansável no atendimento às vítimas. O mesmo fez na povoação de Telha, tendo recebido louvores do Governo da Província que reconheceu seus méritos e sua abnegação.

A 26 de maio de 1865 foi nomeado vigário da Sé de Fortaleza. Em novembro de 1866 fez viagem a Sobral, tempo em que faleceu o vigário Pe. Francisco Jorge de Sousa de quem fez os funerais no dia 13.

Em novembro de 1872, quando ainda ocupava o cargo de cura da Catedral de Fortaleza, desapareceu misteriosamente, sem qualquer aviso ao Bispo Diocesano. O jornal "Tribuna Católica" várias vezes o chamou. No dia 19 de novembro foi declarado "privado do benefício paroquial por não guardar a residência prescrita pelo Sagrado Concílio Tridentino". Apesar das acuradas investigações, não se tinha notícia de seu paradeiro. Alguns meses depois, tudo ficou esclarecido: Tendo sido chamado a ouvir confissão de um preso em Fortaleza, este lhe teria comunicado que era natural da Bahia, comarca de Orobó, atualmente Itaberaba, onde entrara em desavença com um dos potentados da região, tendo de abandonar aquele lugar às pressas, sob ameaça de morte. Fugiu então para o Ceará. Antes, porém, enterrara grande fortuna em moedas e pediu ao padre para ir descobri-la e trazê-la a Fortaleza. Padre Miguel, sem prévia consulta aos seus superiores, resolveu sigilo-

samente empreender a fatigante viagem, a pé, tendo deixado a barba crescer, chegando ao local do pretensu tesouro com feições de fanático e de louco. Ali foi assassinado por assaltantes que estranharam sua presença e o tomaram por malfeitor. Sua morte misteriosa, ligada a uma viagem inesperada e não comunicada, leva a entender que ele cumpria uma missão sigilosa ligada ao dever do segredo de confessor. Tal versão teria sido comunicada ao Bispo Diocesano pelo próprio preso da penitenciária de Fortaleza. Para um homem que, até então, tinha demonstrado possuir equilíbrio mental e edificante zelo sacerdotal, somente uma razão séria do cumprimento de um dever pode explicar a extravagância da atitude assumida, mesmo com o risco de vida.

Pe. Miguel Francisco da Frota era tio de Dom Jerônimo Tomé da Silva, do Mons. Manuel Francisco da Frota, do Padre Dr. João Augusto da Frota e Sobrinho do Pe. Miguel Francisco Mendes de Vasconcelos.

MIGUEL FRANCISCO MENDES DE VASCONCELOS

Nasceu a 25 de setembro de 1786, filho do Capitão Manuel Francisco de Vasconcelos e Maria Joaquina da Conceição casados a 26 de novembro de 1767.

A cerimônia de seu batismo está assim registrada: "Miguel, filho de Manuel Francisco de Vasconcelos e de sua mulher Maria Joaquina da Conceição, naturais e moradores desta freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Vila de Sobral, neto paterno de Mateus Mendes de Vasconcelos natural de São Salvador de Travanca, Arcebispado de Braga, e de sua mulher Maria Ferreira Pinto, natural desta freguesia, neto materno de Luís de Sousa Xerês, natural de Goiana, e de sua mulher Ana Tereza de Albuquerque, natural do Recife de Pernambuco, nasceu a vinte e cinco de setembro de mil setecentos e oitenta e seis e foi batizado com os santos óleos a quinze de dezembro do dito ano na Fazenda do Salgado desta freguesia pelo Reverendo Miguel Lopes Madeira Uchoa de minha licença. Foi padrinho Tomé Ferreira Fontenele, viúvo, morador nesta freguesia, do que para constar mandei fazer este

termo que subscrevi e assinei. João Ribeiro Pessoa, Cura e Vigário da Vila do Sobral". (Liv. Bat. Sobral. 1783-1788, fl. 185).

Estudou em Sobral com os professores Padre Manuel Francisco Rodrigues da Cunha e Padre Manuel Pacheco Pimentel.

Pe. Miguel Mendes é irmão do Capitão Diogo José de Sousa, do Alferes Manuel Inácio de Vasconcelos, do Capitão Félix Francisco de Vasconcelos e de José Joaquim de Vasconcelos, troncos de ilustres famílias da Ribeira do Acaraú. Possuía ainda três irmãs: Ana Maria que se casou com o Major Inácio Gomes da Frota, Josefa da Conceição, casada com o Alferes João Rodrigues Lima e Maria Manuela mulher de José Alexandre da Rocha.

Ordenado sacerdote em 1812, cantou sua primeira missa na capela da Meruoca, da qual fora nomeado capelão. Nesta função esteve até o mês de fevereiro de 1814, quando foi nomeado vigário interino de São Bento da Amontada onde permaneceu até 1818. Posteriormente fixou residência em Sobral, tempo em que fez frequentes visitas a Meruoca em atividades sacerdotais. Foi vereador da Câmara de Sobral durante o quadriênio 1829—1832.

Faleceu em Sobral a 18 de janeiro de 1836 conforme o registro de óbito que passo a transcrever: "Aos dezoito de janeiro de mil oitocentos e trinta e seis faleceu da vida presente o Padre Miguel Francisco de Vasconcelos, com idade de cincoenta anos, com todos os sacramentos, morador nesta vila, foi envolto em vestes sacerdotais e encomendado solenemente por mim vigário e sepultado das grades para cima desta Matriz. E para constar mandei fazer este assento no qual assignei Pe. José Gonçalves de Medeiros, vigário colado desta freguesia de Sobral". (Liv. Óbitos — Sobral — 1817 — 1841, fl. 240 v.)

MIGUEL DE JESUS ALVES

Padre Jesuíta. Conforme informação que me foi enviada por carta, se diz nascido na Fazenda Marrecas, a uma légua de Sobral, no dia 18 de março de 1918. No registro de seu ba-

tismo, porém, consta que nasceu no dia 17, conforme transcrição a seguir: "Miguel, filho legítimo de Antônio Minervino Alves e de Maria do Carmo Alves, nascido aos dezessete de março de mil novecentos e dezoito, foi por mim, na Igreja Matriz, solenemente batizado aos vinte e três de maio de mil novecentos e dezoito. Foram padrinhos: João Evangelista Oliveira e Virgínia de Menezes. E para constar lavrei este assento que assigno. O vigário Pe. Francisco Leopoldo Fernandes Pinheiro." (Liv. Bat. Sé de Sobral, nº 62, fl. 36).

É neto paterno de Miguel Alves da Costa e Maria Dimas Vasconcelos e materno, de Francisco das Chagas Alves e Maria da Graça Frota.

Estudou as primeiras letras em Sobral. Em 1932 foi matriculado na Escola Apostólica dos padres jesuítas, em Baturité onde concluiu os cursos ginasial e colegial.

Estudou Filosofia em Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro, onde esteve durante quatro anos. Em seguida fez estágio de magistério no Colégio Antônio Vieira de Salvador, Bahia, e no Colégio Nóbrega do Recife, também durante quatro anos. Frequentou o curso de Teologia no Colégio Cristo Rei, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, findo o qual recebeu a ordenação sacerdotal em Porto-Alegre.

Após cumprir um ano de provação na cidade gaúcha de Pareci-Novo, retornou ao Recife para ensinar no Colégio Nóbrega. Ali também concluiu a Licenciatura em Letras junto à Universidade Católica de Pernambuco.

Exerceu o paroquiato em Itapiúna e Baturité, no Ceará e atua'mente é vigário na cidade de Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, onde desenvolve um admirável trabalho de Pastor de almas.

MIGUEL LOPES FREIRE

Nasceu a 9 de agosto de 1773, pouco mais de um mês após a criação da Vila Distinta e Real de Sobral. Foi levado para ser batizado no sítio Santa Úrsula, propriedade do Capí-

tão-mor José de Xerez Furna Uchoa que lhe serviu de padrinho. O termo do batismo está assim redigido: "Miguel, filho legítimo de Vicente Lopes Freire, natural de Santa Maria Nova da Vila do Conde, Arcebispado de Braga, e de sua mulher Ana Maria da Conceição, natural da Vila de Fortaleza do Ceará, neto paterno de Vicente Lopes Freire, natural de Lagos do Bispado do Algarve e de sua mulher Francisca Lopes, de Zurara do Bispado do Porto. Neto materno de Antônio Rodrigues Magalhães, natural do Rio Grande e de sua mulher Quiteria Marques, natural de Fortaleza do Ceará, nasceu a nove de agosto de mil setecentos e setenta e três, foi batizado com santos óleos aos trinta e hum do dito mês e ano na serra da Meruoca pelo Reverendo Padre João Ribeiro Pessoa, de minha licença. Foram padrinhos o Capitão-mor José de Xerez Furna e sua mulher Dona Rosa de Sá e Oliveira, moradores desta freguesia do que eu cura fiz este termo ao primeiro dia de setembro do mesmo ano e para constar assinei. Luiz Soares de Sousa, cura de Sobral." (Liv. Bat. Sobral, 1772-1777, fl. 61).

Fez seus primeiros estudos com Padre Manuel Francisco Rodrigues da Cunha, professor público de Sobral.

Seu pai, o Capitão Vicente Lopes Freire, tronco da família Lopes na Ribeira do Acaraú, casou-se, na Matriz da Caiçara, a 25 de julho de 1757, com Ana Maria da Conceição que recebera de sua mãe viúva, como dote de casamento, um sítio chamado Jaíbaras de Baixo que foi posteriormente trocado pela fazenda Corgo de Onça onde passaram a residir. Ali nasceram-lhe vários filhos, dos quais sobreviveram cinco varões e três mulheres, a saber: Quitéria, José, Inocência, Maria Luiza, Antônio, Miguel, Vicente e João. Miguel foi encaminhado ao sacerdócio e os demais construíram família.

Vicente Lopes casou-se pouco mais de um mês após o falecimento de seu sogro, o Cap. Antônio Rodrigues Magalhães, proprietário da Fazenda Caiçara, que foi vítima de uma desastrosa queda de cavalo perto da fazenda Pindá de sua propriedade, hoje no município de Canindé, para onde viajara com o fim de ferrar seu rebanho. O óbito ocorreu a 2 de junho de 1757, no lugar chamado Renguengue, tendo o sepultamento se realizado no dia seguinte na Capela de N. Sr^a. da Soledade do

Sulpé. Com o falecimento de seu sogro, por ser o genro mais letrado, Vicente Lopes assumiu a orientação da família. A 31 de agosto de 1759 faleceu sua sogra, Dona Quitéria. Seis meses antes, exatamente a 17 de fevereiro de 1759, assinava a escritura pública do patrimônio da Capela de N. Sr^a. do Rosário dos pretinhos, situada hoje no centro comercial da cidade de Sobral.

Além de Capitão de Ordenança e de fazendeiro, Vicente Lopes era comerciante. A 1^o. de setembro de 1774 recebeu permissão da Câmara de Sobral para "ter sua venda com porta aberta nesta Vila".

Foi ainda almotacé no segundo semestre de 1773 e procurador da Câmara durante todo o ano de 1775. No ano seguinte foi acometido de grande enfermidade vindo a falecer numa tarde de domingo, 4 de agosto de 1776, com 45 anos, tendo sido sepultado na Matriz de Sobral como irmão da Irmandade do Santíssimo e do Orago. Cinco dias depois, o filho Miguel completaria o terceiro aniversário de nascimento.

Ao falecer, Vicente Lopes residia no Alto do Sumaré, em casa que ainda hoje se vê levantada por trás da capela daquele bairro sobralense.

A viúva Ana Maria, aos 35 anos de idade, sem pai e sem mãe, e agora sem esposo, e com 8 filhos menores, viu-se de repente com a pesada obrigação de enfrentar sozinha as dificuldades que a nova situação de vida lhe apresentava. Só encontrou consolo e alento na fé em Deus que recebera da educação dos pais e do exemplo do esposo. Prometeu em humilde oração, encaminhar o filho Miguel ao sacerdócio na esperança de que Deus também encaminhasse para o bem toda a família.

Pe. Miguel preparou-se para o sacerdócio em Olinda, juntamente com seu primo Pe. Francisco Gonçalves Ferreira Magalhães, filho de sua tia materna Francisca Xavier e que foi membro da Junta Provisória que governou o Ceará em 1822. Ambos são netos do Cap. Antônio Rodrigues Magalhães e Quitéria Marques de Jesus, fundadores de Sobral.

Pe. Miguel Lopes Freire começou suas atividades sacerdotais na qualidade de capelão de Santa Quitéria, onde já se encontrava a 9 de janeiro de 1802. Em 1804 assumiu a capelania de Meruoca. A última vez que seu nome aparece nos registros eclesiásticos da Meruoca data do dia 24 de outubro de 1805. Tendo adoecido, provavelmente de câncer, retirou-se para Sobral, onde permaneceu até a morte ocorrida a 19 de janeiro de 1807.

O registro do óbito foi feito nos seguintes termos: "Aos dezenove de janeiro de mil oitocentos e sete faleceu da vida presente o Padre Miguel Lopes Freire, de idade de trinta e três anos, de um postema, com todos os sacramentos, envolto em vestes sacerdotais encomendado solenemente pelo Reverendo Vigário e sepultado nesta Matriz das grades para cima por ser irmão do Orago e para constar mandei fazer este assento em que me assigno. José Gonçalves de Medeiros, vigário do Sobral". (Liv. Óbitos — Sobral — 1798-1817, fl. 248 v.).

MIGUEL LOPES MADEIRA UCHOA

Primeiro filho de Sobral que foi ordenado sacerdote, nasceu a 2 de abril de 1762. O termo que registrou seu batismo, melhor do que eu, presta as informações sobre seus progenitores:

"Aos cinco dias do mês de maio de mil setecentos e sessenta e dous, na Capella de Santa Cruz de licença minha o Rd. Padre Elias Pinto de Azevedo batizou e pôs os Santos Óleos a Miguel nascido aos dous dias do mês de abril filho de José do Xerez Furna natural da villa de Goiana e de sua mer. Rosa de Sá Oliveira, natural da mesma villa. Avós paternos Francisco Xerez Furna, natural de Goiana e sua mulher Dona Ignez de Vasconcelos, natural de Olinda. Avós maternos Manuel Vaz Carrasco, natural de Ipojuca e sua mer. D. Maria Magdalena de Sá, natural de Goiana. Forão Padrinhos Felix Ribeiro da Silva, solteiro, e D. Rosaura do Ó, mulher de Gonçalo Ferreira da Ponte, freguezes deste Curato, de que fiz este assento em que me assigno. Mel. da Fonseca Jaime, cura do Acaracu". (Liv. Bat. Caiçara, 1760 — 64, fl. 36).

Seu pai, José de Xerez Furna Uchoa, tinha em grande consideração a nobreza e os brasões de sua ascendência, pelo que desejava ter um filho padre, sinal, naqueles tempos, da aristocracia da família.

De seu consórcio com Rosa de Sá Oliveira, realizado na Matriz da Caiçara a 21 de outubro de 1747, nasceram sete filhos, dos quais apenas dois varões, Miguel e José de Lira. O primeiro, no desígnio dos pais, seria encaminhado ao sacerdócio. Realmente assim aconteceu. O jovem Miguel aos 23 anos de idade, foi ordenado sacerdote. Foi o primeiro sobralense a se tornar sacerdote. Para a constituição do patrimônio canônico do novo presbítero, José de Xerez não hesitou de doar a melhor parte de seu sítio, Santa Úrsula, na época o mais bem cuidado e equipado sobre a serra da Meruoca.

Após sua ordenação, Padre Miguel Uchoa veio para a companhia de seus pais, tendo chegado ao sítio Santa Úrsula no mês de julho de 1786, ali permanecendo até agosto de 1789. Neste período de três anos viveu as primícias de seu sacerdócio, celebrando missa e administrando os sacramentos pelas quebradas da serra. Dentro da família, porém, atravessou pesadas e dolorosas provações. Relatemos sucintamente estes pesarosos fatos.

Três meses após sua chegada, seu pai, homem íntegro e justiceiro, e apesar do posto de Capitão-mor da Vila Distinta e Real de Sobral por Patente de 30 de julho de 1782, foi arbitrariamente preso por ordem do Governador Montauray e enviado para a Relação da Bahia a fim de ser julgado. Homem já de sessenta anos e com grande folha de serviços prestados à comunidade da vila de Sobral, José de Xerez reagiu violentamente contra a ordem do Ouvidor que declarou pertencentes à Câmara de Sobral as terras da Meruoca e Uruburetama, passando a exigir dos moradores o pagamento dos foros, inclusive os atrasados, a contar do tempo da ocupação. O Capitão-mor teria de pagar avultada soma, pois há quarenta anos ocupava pacificamente o seu sítio Santa Úrsula. Enviou ele, com data de 20 de outubro de 1786, violentos ofícios de protesto ao Ouvidor Avelar de Barbedo, que se encontrava nesse dia em audiência na vila de Sobral. Muitos outros moradores desejavam também

protestar, mas não o ousaram fazer. Comunicado o fato ao Governador Montauray, este mandou que todos os desobedientes fossem presos. Todos fugiram e se retrataram, com exceção do Capitão-mor José de Xerez que não voltou atrás. Levado à presença do Governador em Fortaleza, este lhe disse: "Senhor Capitão-mor, aqui estão os ofícios assinados por V. Sia.. São as únicas provas que tenho de sua rebelião. Rasgue-os e declare desaprová-lo o que fez em Sobral e tudo está acabado". O brioso preso, sentindo-se humilhado, respondeu decididamente: "O Sr. Governador está enganado! O Capitão-mor José de Xerez Furna Uchoa não engole jamais aquilo que lança".

Foi o bastante para ser remetido para a Relação da Bahia, onde foi condenado a sete anos de prisão em Pedras Brancas, na África. O degredo não chegou a ser realizado, pois seus parentes e amigos conseguiram a comutação da pena por quinze mil cruzados, permanecendo porém a prisão e a proibição de entrar no Ceará por cinco anos. Somente em 1792 retornou ao seu sítio Santa Úrsula, tendo falecido a 1º de abril de 1797.

Ainda não refeito dos sofrimentos causados pela prisão e ausência do pai, Pe. Miguel Uchoa, poucos dias depois, passa por nova provação. Falece sua irmã Maria José, com apenas 36 anos de idade, a 3 de dezembro de 1786. Há menos de cinco anos, exatamente a 8 de fevereiro de 1781, casara com Joaquim Madeira de Matos, tendo deixado dois filhinhos na orfandade: Manuel Madeira de Matos (neto) e José de Xerez Furna Uchoa (neto). Foi nova desolação que caiu sobre a família. A notícia nem ao menos pôde ser comunicada ao pai, preso e já muito torturado de sofrimentos.

A missa de Natal neste doloroso fim de ano foi celebrada pelo novo sacerdote no alpendre do casarão do sítio Santa Úrsula, onde se reuniu toda a família enlutada em torno de Dona Rosa que, como mãe religiosa e temente a Deus, buscava na fé a força para não chegar ao desespero.

O ano de 1787 também foi cheio de dissabores para o jovem padre Miguel. Teve apenas a alegria de batizar seus sobrinhos nascidos naquele ano e de casar a sua única irmã

que ainda estava solteira, a caçula Maria Manuela, então com 18 anos, pois nascera a 6 de dezembro de 1768. O casamento se realizou sem pompas e à noite na Matriz de Sobral, a 22 de março. O noivo era o Sargento-mor Francisco Antônio Linhares, seu primo legítimo, filho de Antônio Alvares Linhares e de Inês de Madeira de Vasconcelos. Deste casal nasceram quatro filhos: Antônio Januário Linhares, José de Xerez Fuma Fuma Linhares, Veríssimo Francisco Linhares e Maria da Purificação.

No meado desse mesmo ano de 1787 a morte vem privar a família Xerez da amizade de dois sacerdotes que tanto haviam incentivado a vocação do jovem Miguel. O Pe. João Ribeiro Pessoa, pernambucano de Igarassu e parente de José de Xerez, vigário de Sobral desde 21 de dezembro de 1762, faleceu a 19 de maio. O outro sacerdote amigo da família, Pe. Antônio Tomaz da Serra, pernambucano natural de Golana, tal como o Capitão-mor José Xerez, faleceu três meses depois, a 13 de agosto, assistido pelo Pe. Miguel nos últimos dias de vida e que lhe escreveu o testamento. Dele já falamos nas páginas 54 a 58 deste livro. A perda dos dois protetores e colegas abateu também profundamente a alma do jovem sacerdote que, há pouco mais de um mês, sofrera já a perda de outra irmã, Francisca Xavier, que falecera, com 36 anos, no dia 3 de julho. Entre a morte dos dois colegas sacerdotes a morte de outra irmã. Francisca Xavier casou-se a 21 de setembro de 1778, com o Capitão Antônio Manuel da Conceição, e deixara três filhos na orfandade: Manuel José do Monte (neto), Luzia e Maria da Penha.

Todos estes fatos aconteceram dentro de um ano, o primeiro ano de vida sacerdotal do Pe. Miguel Lopes Madeira Uchoa. O esplendor e a prosperidade da família do Capitão-mor, de carreira tão brilhante na vida social e religiosa de Sobral, começaram a declinar. Assim, passa a glória do mundo...

Pe. Miguel Uchoa ainda permaneceu na Meruoca até março de 1788. A partir de abril seu nome não mais aparece nos documentos da época. Sabemos que seguiu para a paróquia de Oeiras, então capital do Piauí e pertencente à Diocese do Maranhão, tendo ali falecido antes de 1826.

O Barão de Studart, em seu "Dicionário Bibliográfico Cearense" afirma que "faleceu como vigário do Piauí, deixando grande fortuna, da qual todavia os herdeiros não quiseram se aproveitar por não ter estado em relação com eles".

Há algumas inverdades nestas poucas linhas do Barão, pois Pe. Miguel sempre esteve em relação com a família e os herdeiros quiseram se aproveitar da fortuna que deixou, e que não era grande.

A prova está no inventário do Capitão-mor José de Xerez Fuma Uchoa e de sua mulher Rosa de Sá Oliveira, feito em Sobral, em outubro de 1826, perante o juiz de órfãos Sargento-mor Narciso Marques do Rego Barros. Dona Rosa faleceu em junho de 1812.

O inventariante José de Lira Pessoa, irmão do Pe. Miguel então já falecido, assim se refere ao sítio Santa Úrsula, que do patrimônio canônico do sacerdote passara automaticamente a pertencer aos herdeiros:

"Declarou mais o inventariante herdeiro existir em seu poder, pertencente ao casal dos ditos finados seus pais, hum sítio de terras de plantar lavouras em cima da Serra da Meruoca, denominado Santa Úrsula de cima, foreiro desta Villa do Sobral, com árvores de frutas, as quais terras extremam da parte de cima com terras do Sítio Frexeiras do Sargento-mor José Ferreira da Costa, e da parte de baixo extremam com terras do Sítio Santa Úrsula de Baixo, dele inventariante, e com terras do Sítio Baixa Grande dos herdeiros do falecido Antônio Alvares de Olanda; na largura extremam em cima da serra onde despendem as águas para o Sítio Santo Ignácio, e da outra banda da parte do poente em cima da serra onde despendem as águas para o Sítio São Joaquim e o Sítio Baixa Grande, as quais terras sendo todas dadas pelos sobreditos falecidos seus pais em patrimônio a seu filho o Reverendo Padre Miguel Lopes Madeira Uchoa, por falecimento deste reverterão ao casal dos mesmos falecidos na forma da condição com que foi feito o mesmo Patrimônio; avaliado pelos avaliadores no preço de cento e oitenta mil réis".

Quanto aos bens que deixou no Piauí, os herdeiros tentaram deles se aproveitar não conseguindo, porém, apesar da custosa diligência que empreenderam. É o que consta do mesmo inventário na seguinte declaração:

"Declarou o mesmo inventariante herdeiro que este mesmo monte lhe he devedor, pelo que elle despendera de seu dinheiro na diligência que fez a benefício de todos os herdeiros a ver se arrecadava os demais bens que o sobredito falecido seu irmão, o Padre Miguel Lopes Madeira Uchoa, deixou por sua morte na Província de Oeiras e nada pôde arrecadar, a quantia de dezessete mil quinhentos e noventa réis".

P

PEDRO CAVALCANTE ROCHA

Nasceu no distrito de Aracatiaçu, município de Sobral, a 18 de janeiro de 1858, sendo filho de Mariano Cavalcante Rocha e Tereza de Holanda Cavalcante. Neto paterno de Bernardino José da Rocha e de sua segunda mulher Rosa Maria de Jesus. Neto materno de Arnau de Holanda Cavalcante e Joaquim Ferreira da Costa.

Depois de estudar humanidades em Sobral com o Professor Vicente Ferreira de Arruda, foi matriculado no Seminário de Fortaleza a 8 de março de 1873. Foi ordenado sacerdote a 16 de janeiro de 1881, tendo celebrado a primeira missa solene na Matriz de Itapipoca a 5 de fevereiro do mesmo ano.

Suas primeiras atividades sacerdotais foram desenvolvidas em Sobral, de cuja Matriz foi nomeado cooperador a 15 de março de 1882, com posse a 16 de abril e exoneração a 31 de março do ano seguinte, dia em que foi nomeado primeiro Vigário de Ibiapina.

Tomou posse da nova paróquia a 24 de maio de 1883, permanecendo na função durante pouco mais de dois anos. Seus esforços iniciais foram no sentido de profligar os maus costumes, tarefa que lhe foi bastante árdua. Certa feita, enquanto pregava, foi ameaçado em pleno púlpito, mas não desistiu do cumprimento de seus deveres de moralizar o seu rebanho. De 30 de junho a 2 de julho de 1885, a paróquia recebeu a visita do Bispo Diocesano, Dom Joaquim José Vieira, da qual deixou um relatório escrito no Livro do Tombo, fl. 21 v., por onde se vê o zelo e a dedicação do Pe. Pedro. Eis o teor do relatório:

"Dom Joaquim José Vieira, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica Bispo do Ceará, do Conselho de S.M. e Imperador, Comendador da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, etc. Fazemos saber que visitando pessoalmente esta Paróquia de S. Pedro da Ibiapina, da qual é pároco encomendado o Revdo. Pedro Cavalcante Rocha, achamos tudo em ordem, revelando zelo da parte do pároco. A escripturação está regularmente feita, o cemitério e a Matriz decentemente conservados. Esta Paróquia criada por Lei Provincial nº 1919, de 9 de agosto de 1882, foi canonicamente instituída por Provisão de 20 de janeiro de 1883, tomando posse o atual pároco a 24 de maio do mesmo ano. A matriz, conquanto não seja muito espaçosa, é todavia suficiente para o serviço do culto, sendo para notar-se a urgente necessidade de forrar-se a capela-mor e a parte do corpo da igreja correspondente aos altares laterais. A pia batismal, colocada em uma pequena capela, exige também algum cuidado do novo pároco no sentido de fazer uma porta de grade, e mesmo uma pia maior. Não foi descuidoso o Revdo. Pároco, ora removido para outra paróquia, pois tratou de arranjar sacrário e outros objetos necessários ao culto. Ao seu sucessor incumbe fazer aquisição das alfaías que faltam e concluir as obras da Matriz, para os quais deixamos a esmola de trinta mil réis que entregamos ao Revdo. Pároco. Dado e passado nesta Vila e freguesia de S. Pedro da Ibiapina, aos dois de julho de 1885. Eu, o Pe. Belarmino José de Sousa, secretário da visita, o escrevi, † Joaquim, Bispo do Ceará".

Foi durante esta visita que o Pe. Pedro foi transferido para a paróquia de Itapajé, por nomeação de 30 de junho. No dia 3 de julho, deixou Ibiapina em companhia do Bispo Dom Joaquim que se dirigia a Sobral para prosseguir a visita pastoral. Com sua transferência, Ibiapina, por determinação de Dom Joaquim, ficou entregue aos cuidados do Pe. Primênio Freire das Virgens.

A 7 de agosto de 1883 conseguiu licença para construir capela em honra de São José, na povoação de Jacaré, hoje cidade de Ubajara, em terreno doado por José Lopes Freire.

A 9 de julho de 1885 tomou posse da freguesia de Itapajé, onde permaneceu até 18 de agosto de 1888, dia em que recebeu Carta Comendatícia para se transferir para Pernambuco. Ali foi vigário de Itambé durante seis meses. Em janeiro de 1889 seguiu para o Rio de Janeiro, onde esteve durante sete anos como cooperador da Matriz do Sacramento e da Glória.

Sentindo vocação para a vida religiosa, ingressou no noviciado dos padres lazaristas em Petrópolis, a 6 de janeiro de 1896, fazendo votos a 6 de janeiro de 1898.

Como padre da Congregação da Missão, percorreu os Estados do Paraná, Minas Gerais e Bahia pregando retiros espirituais e missões populares.

No ano de 1910 veio ao Ceará em visita aos familiares, quando pregou missões em Aracatiçu, Sobral e Massapê. No ano seguinte retornou ao Sul do País, dedicando-se durante quinze anos a pregar missões e retiros.

No ano de 1925 foi convidado a vir ao Ceará para pregar o retiro do clero em Fortaleza e Sobral. Daqui retornou a Salvador da Bahia, como Superior dos Lazaristas, residindo na Casa das Missões do Largo da Pólvora.

Vítima de uma desastrosa queda de uma escada, faleceu em Salvador a 12 de abril de 1927, com 69 anos de idade. Seus restos mortais foram trasladados para o Cemitério de Fortaleza a 12 de abril de 1939.

Sacerdote de profunda vida espiritual, foi exemplo de virtude e de amor à Igreja.

PEDRO EMILIANO DA FROTA PESSOA

Nascido a 31 de março de 1878, é filho do Professor Emiliano Frederico de Andrade Pessoa e Maria Adelaide da Frota, casados a 25 de novembro de 1869. Neto paterno de José Raimundo Pessoa Júnior e Ana Josefina de Andrade, casados a 17 de abril de 1833. Neto materno de José Frota Maria Vasconcelos e Isabel Balbina Pereira Dutra, casados a 18 de agosto de 1836.

É o seguinte o teor do registro de batismo: "Pedro, filho legítimo do Professor Emiliano Frederico d'Andrade Pessoa e de D. Maria Adelaide da Frota, nasceu a trinta e um de março de mil oitocentos e setenta e oito e foi batizado solenemente pelo Reverendo Antônio de Lira Pessoa de Maria a vinte e um de abril do dito anno. Padrinhos: Joaquim da Frota Vasconcelos e D. Maria Joaquina da Silva Frota. E para constar, mandei lavrar este assento que assigno. O vigário Vicente Jorge de Sousa." (Liv. Bat. Sobral, 1876-80, fl. 179 v.).

Estudou as primeiras letras com seu próprio pai, ilustrado mestre de humanidades. Foi enviado a Roma a fim de estudar na Pontifícia Universidade Gregoriana, onde se doutorou em Filosofia e Teologia. Ali foi ordenado sacerdote no dia 28 de outubro de 1902. Celebrou primeira missa na Capela do Colégio Pio Latino-Americano, a 1º de novembro do mesmo ano.

Retornando ao Brasil, passou a residir na Bahia, onde o Arcebispo Dom Jerônimo Tomé da Silva, seu conterrâneo, o nomeou para dirigir a paróquia de Conceição da Almeida, cargo que exerceu de 1903 a 1906. No final desse ano, a pedido da família, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Ali foi cooperador da paróquia de Engenho Velho e vigário do Bangu. Com o falecimento de seu pai, ocorrido no Rio a 10 de dezembro de 1910, resolveu retornar à Bahia, tendo servido sucessivamente nas paróquias de Jequiçá, Conquista, Irazá, Santa Rita do Rio Preto e Campo Largo.

Com a morte de Dom Jerônimo, foi servir na Diocese de Barra, Bahia em 1925, tendo ali falecido no dia 5 de fevereiro de 1930.

É irmão do poeta e escritor Frota Pessoa.

R

RAIMUNDO TELES DE SOUSA

Nasceu no município de Sobral a 21 de março de 1854, filho de Vicente Teles de Sousa e Ana Teles de Sousa.

Fez os estudos primários no Ateneu Cearense, em Fortaleza, onde se matriculou em 1863. Ingressou no Seminário, na Capital cearense, a 7 de março de 1872, onde cursou Filosofia e Teologia.

Foi ordenado sacerdote no dia 3 de agosto de 1879.

Iniciou o ministério sacerdotal como cooperador do vigário de Maranguape, onde esteve de 24 de agosto de 1879 a 31 de maio de 1882.

Foi vigário de Boa Viagem, paróquia de que tomou posse a 10 de fevereiro de 1884 e se desligou a 28 de março de 1888.

Foi capelão em Canindé durante os anos de 1891 a 1894. A 20 de dezembro desse ano tomou posse da paróquia de Morada Nova, onde permaneceu até 27 de abril de 1896. Dali, transferiu-se para a freguesia de Pacatuba. Em 1898 esteve em Camocim auxiliando o vigário local. Tomou posse em Pacatuba a 2 de novembro de 1902, permanecendo na função até o dia 20 de abril de 1907. Desligado da missão de pároco por motivo de saúde, continuou a residir em Pacatuba.

Melhorando seu estado de saúde, foi nomeado vigário de Cachoeira, função que quase não pôde cumprir por enfermo, sendo substituído pelo vigário de Frade, hoje Jaguaratama.

Faleceu na Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza em agosto de 1916.

S

SABINO GUIMARÃES LOIOLA

Nascido a 25 de agosto de 1909, é filho de Diogo Alves de Loiola e Patriolina Guimarães Loiola, casados a 18 de julho de 1908. Neto paterno de Raimundo Alves de Loiola e sua terceira mulher Felisbela Benvinda de Siqueira, casados a 10 de outubro de 1866. Neto materno de Sabino Gonçalves Feijão e sua segunda mulher Florência Ximenes Aragão, casados a 8 de julho de 1875.

Eis o termo do batismo: "Sabino, filho legítimo de Diogo Alves de Loiola e Patriolina Guimarães Loiola, nasceu a vinte e cinco de agosto de mil novecentos e nove e foi solenemente batizado na capela do Carmo Novo pelo Padre Francisco Cândido de Vasconcelos a três de outubro do mesmo ano. Padrinhos: Sabino Gonsalves Feijão e Florência Ximenes Feijão. E para constar fiz este assento que assigno. O vigário Padre. Dr. José Tupinambá da Frota."(Liv. Sé de Sobral, nº56, fl. 61 v.).

Matriculou-se no Seminário Menor de Fortaleza a 17 de setembro de 1923. Com a fundação do Seminário de Sobral a 25 de fevereiro de 1925, passou a estudar nessa casa de formação eclesiástica, onde, em 1929, concluiu os estudos de humanidades. Kursou filosofia no Seminário Maior de Fortaleza em 1930 e 31, e Teologia, de 1932 a 34.

Foi ordenado sacerdote, em Sobral, a 10 de fevereiro de 1935. Iniciou o ministério sacerdotal como Capelão de Santa Casa e Secretário do Bispado, cargos que exerceu durante um ano. Em 1936 foi nomeado Reitor do Seminário Diocesano, função que desempenhou durante três anos.

De 1939 a 1952 trabalhou na Direção da Obra das Vocações Sacerdotais, organizando a associação numa exemplar administração. Fundou e dirigiu o jornal "O Sacerdote", com a finalidade de despertar vocações para o estado eclesástico. Dirigiu também o jornal diocesano "Correio da Semana", revelando-se jornalista combativo.

Em 1948 retornou à Reitoria do Seminário. Em 1959 instalou a Rádio Educadora do Nordeste de que foi o grande empreendedor e maior acionista.

Organizou também a "Missão Rural", associação que prestou grandes serviços aos rurícolas da região.

A 6 de janeiro de 1957 assumiu a paróquia de São Benedito, na Serra da Ibiapaba.

Atualmente exerceu, com muito zelo, as funções de vigário da paróquia do Patrocínio, em Sobral, cargo de que tomou posse a 6 de janeiro de 1967. Dedica-se também, aos estudos de Liturgia que lhe têm exigido periódicas viagens ao sul do País.

É primo legítimo dos Monsenhores Sabino de Lima Feijão e José Aloísio Pinto.

SABINO DE LIMA FEIJÃO

Nasceu a 20 de fevereiro de 1907, filho de João Vicente Feijão e Evangelina Guimarães Feijão, casados a 20 de janeiro de 1906. Neto paterno de Vicente Feijão Segundo e Maria José de Jesus. Neto materno de Sabino Gonçalves Feijão e sua segunda mulher Florência Ximenes Aragão, casados a 8 de julho de 1875.

É o seguinte o teor do registro de batismo: "Sabino, filho legítimo de João Vicente Feijão e Evangelina Feijão, nasceu a vinte de fevereiro de mil novecentos e sete e foi batizado solenemente pelo Padre Fortunato Linhares a vinte e sete do mesmo mês e anno na Capella do Riacho Guimarães. Padriños: Sabino Gonçalves Feijão. Para constar mandei fazer este assento que assigno. O vigário Diogo José de Sousa Lima." (Liv. Bat. Sé de Sobral, nº 54, fl. 179 v.).

Matriculou-se no Seminário Menor de Fortaleza a 7 de março de 1922. Com a abertura do Seminário Diocesano de Sobral a 25 de fevereiro de 1925, foi transferido para nele concluir o curso de Humanidades. A 8 de fevereiro do ano seguinte retornou ao Seminário de Fortaleza para cursar Filosofia e Teologia, mas em 1928 foi chamado por Dom José Tupinambá da Frota para os estudos teológicos em Sobral sob a direção do próprio Bispo.

Foi ordenado sacerdote na Catedral de Sobral a 30 de maio de 1931.

Após a ordenação foi nomeado professor do Seminário e Diretor do jornal diocesano "Correio da Semana".

Com o assassinato do Pe. José Arteiro, vigário do Acaraú, foi nomeado para substituí-lo na função, tomando posse a 19 de junho de 1932. Toda sua vida sacerdotal, a partir de então, foi dedicada à sua primeira e única paróquia, onde trabalhou com invejável zelo e incansável atividade.

Em Acaraú construiu a nova Matriz, uma das maiores e mais bem construídas de todo o Ceará. Construiu as Capelas de Cacimbas, Prata, Lagoa do Carneiro, Santa Clara, Cruz, Santo Antônio. Graças aos seus esforços foram criadas as paróquias de Bela-Cruz, Itarema e Cruz, todas com territórios desmembrados da de Acaraú. No setor educacional criou a Escola Normal Rural, o Patronato Virgem Poderosa e o Ginásio São José.

Agraciado com o título de Monsenhor pelos relevantes serviços prestados à Igreja, continuou a viver totalmente ligado aos interesses de seus paroquianos.

Em 1935 empreendeu viagem de peregrinação a Roma, em companhia de Dom José Tupinambá da Frota que sempre lhe dedicou muita estima.

Faleceu repentinamente no Rio de Janeiro, em viagem de férias, no dia 26 de julho de 1965. No dia 29 do mesmo mês, seu corpo embalsamado foi sepultado no átrio da Matriz de Acaraú.

SALVIANO PINTO BRANDÃO

Nasceu na Fazenda Cedro, município de Sobral, a 9 de fevereiro de 1840, filho de Alexandre Pinto Brandão, natural da Paraíba, e Jesuína Augusta Freire. Neto materno de Otaviano Lopes Freire e Inocência Maria da Conceição.

Estudou o curso primário da escola do Pe. Antônio Fialho, em Sobral, que o preparou para o ingresso no seminário. Com tal finalidade viajou para Olinda, onde iniciou o curso teológico no dia 24 de maio de 1864. Conforme consta no livro de matrícula do Seminário de Olinda, que compulsei demoradamente para colher dados dos biografados neste livro, Salviano pagava por conta própria as mensalidades do Seminário, uma vez que residia em Recife nos anos de 1865 e 1866, sendo seminarista externo. Recebeu a tonsura clerical a 29 de novembro de 1866, o subdiaconato a 16 de março de 1867, o diaconato a 23 de abril do mesmo ano e o presbiterato a 30 de novembro.

Após a ordenação retornou a Sobral e já em julho de 1868 se encontra administrando os sacramentos sobre a Serra da Meruoca.

Foi o primeiro vigário da paróquia de N. Sra. da Piedade de Várzea Grande, hoje Coreaú, instituída canonicamente a 25 de junho de 1868 e da qual tomou posse a 15 de agosto. Em 1871 seus paroquianos recebem a visita do Bispo do Ceará, Dom Luís Antônio dos Santos, que na ata da Visita Canônica elogia o zelo do novo pároco.

A 8 de junho de 1872 é nomeado vigário cooperador de Quixeramobim, função que exerceu até 23 de dezembro de 1875 quando assumiu a mesma paróquia na qualidade de titular.

Em 1890 foi consultado pela Santa Sé se aceitaria ser Bispo de Belém do Pará, missão que não aceitou por se sentir indigno. Em seu lugar foi escolhido o também sobralense Pe. Jerônimo Tomé da Silva.

Esteve à frente dos destinos espirituais da paróquia de Quixeramobim durante quarenta anos, com grande admiração e respeito de quantos o conheceram. Foi um verdadeiro pai para o seu povo. Portador de uma vasta cultura e grande espí-

rito de fé, sempre viveu na maior humildade. Os trabalhos que desenvolveu, a santidade de vida que assumiu e o zelo apostólico que demonstrou fazem dele um dos luminares do clero cearense em todos os tempos.

Apesar de sua recusa, foi agraciado com o título de Monsenhor a 28 de maio de 1915, três meses antes de seu falecimento.

Falecido a 29 de agosto de 1915, perdura vivo na admiração de seus ex-paroquianos que, ainda hoje, no dia de finados, lhe acendem velas na lápide do túmulo.

W

WALDIR LOPES DE CASTRO

Nasceu em Sobral a 2 de fevereiro de 1931, filho de Victor Cavalcante e Elusa Lopes de Castro Cavalcante, casados a 30 de novembro de 1923. Neto paterno de José Cavalcante e Maria Fausta Urcesino Lopes. Neto materno de José Valdevino Lopes Cavalcante e Maria Amélia Albuquerque Lopes.

É o seguinte o teor de seu batismo: "Waldir, data do nascimento dois de fevereiro de mil novecentos e trinta e um, filho legítimo de Victor Cavalcante e Elusa Lopes de Castro Cavalcante, domicílio dos pais em Sobral, batizado a oito de março de mil novecentos e trinta e um, na Cathedral, por mim. Nome dos padrinhos Manuel Gomes Motta e Maria Vasconcelos Motta. Em testemunho da verdade, assigno. Padre José Gerardo Ferreira Gomes". (Liv. Bat. Sé de Sobral, nº 72, fl. 46).

Iniciou os estudos primários com a professora Maroca Paula e os concluiu no Grupo Escolar Prof. Arruda. Ingressou no Seminário Menor de Sobral a 8 de fevereiro de 1944. Concluiu os estudos filosóficos e teológicos no Seminário Maior de Fortaleza em 1956.

Foi ordenado sacerdote a 8 de dezembro de 1956, na Cathedral de Sobral, por Dom José Tupinambá da Frota.

Iniciou o ministério sacerdotal como cooperador do vigário do Patrocínio de Sobral, Mons. José Osmar Carneiro, onde esteve de janeiro de 1957 a março de 1964. No mesmo tempo foi professor no Seminário de Sobral e na Escola Técnica de Comércio Dom José.

A 8 de março de 1964 tomou posse da paróquia de São Manuel do Marco, onde ainda hoje permanece.

Nos anos de 1980 e 1981 ocupou o cargo de Reitor do Seminário Diocesano de Sobral, sem deixar o exercício do paroquiato.

Recebeu o título de Monsenhor, a 27 de fevereiro de 1975, como sinal do reconhecimento pelos serviços prestados à Igreja.

Na paróquia o trabalho pastoral dirige-se para a formação de Comunidades Eclesiais de Base e para a Catequese Permanente. Presta também serviços à comunidade como fundador de uma Escola de 1º e 2º Graus que também dirige.

De índole ordeira, é bastante estimado por seus paroquianos.

Araújo, Sadoc de
Dicionário Biográfico de Sac



0000012283